

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA GERAL E ROMÂNICA



**AQUISIÇÃO DO SUJEITO NULO POR PARTE DOS
ALUNOS CHINESES QUE ADQUIREM PORTUGUÊS
EUROPEU COMO LÍNGUA SEGUNDA**

Dissertação de Mestrado em Linguística

Yi Zheng

2013

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA GERAL E ROMÂNICA

**AQUISIÇÃO DO SUJEITO NULO POR PARTE DOS
ALUNOS CHINESES QUE ADQUIREM PORTUGUÊS
EUROPEU COMO LÍNGUA SEGUNDA**

Dissertação apresentada à
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
para obtenção do grau de mestre em Linguística

Orientadoras:
Professora Doutora Gabriela Matos
Professora Doutora Ana Maria Madeira

Yi Zheng

2013

Resumo

Nos últimos anos, os linguistas têm investigado, entre outros aspectos, o aspecto sintático e o aspecto pragmático-discursivo da aquisição da língua segunda. Segundo a Hipótese de Transferência Completa e Acesso Completo (*Full Transfer and Full Access*) de Schwartz & Sprouse 1994, 1996, os aspectos sintáticos são adquiríveis, mesmo que não sejam apresentados na língua materna. Segundo a Hipótese de Interface de Sorace & Filiaci 2006, os aspectos pragmático-discursivos são mais difíceis de adquirir.

Este trabalho visa investigar a aquisição do sujeito nulo por parte dos aprendentes chineses que adquirem o português europeu como língua segunda. O chinês e o português são ambas línguas de sujeito nulo. No entanto, os sujeitos nulos destas duas línguas divergem em termos sintáticos, assumindo as hipóteses de J. Huang 1984, de J. Huang, Li & Li 2009, de Roberts 2010 e de Holmberg 2010. Este trabalho vai mostrar que os sujeitos nulos das duas línguas divergem também em termos pragmático-discursivos. Por isso, é particularmente interessante investigar a aquisição de uma segunda língua como o português por falantes nativos de uma língua como o chinês.

Este trabalho vai investigar tanto o aspecto sintático como o aspecto pragmático-discursivo da aquisição do sujeito nulo do português europeu por falantes chineses. Isto é, vai testar a Hipótese de Transferência Completa e Acesso Completo e a Hipótese de Interface. Solicitámos a vários falantes nativos chineses que aprendem o português europeu a sua participação num questionário sobre o uso e compreensão do sujeito nulo e realizado no português europeu. Os resultados do questionário confirmam ambas as hipóteses.

Palavra-chaves: Parâmetro do sujeito nulo, Aquisição de segunda língua, Sintaxe, Pragmática/discurso, Interface

Abstract

In recent years, linguists have investigated the syntactic aspect and the discourse-pragmatic aspect of second language acquisition, along with other aspects. According to the Full Transfer Full Access Hypothesis of Schwartz & Sprouse 1994, 1996, syntactic aspects may be acquired, even when they are not present in the learner's first language. But according to the Interface Hypothesis of Sorace & Filiaci 2006, the discourse-pragmatics aspects are more difficult to acquire.

This study aims to investigate the acquisition of null subjects by Chinese learners acquiring European Portuguese as a second language. Chinese and Portuguese are both null subject languages. However, the null subjects of these two languages differ in syntactic terms, assuming the hypotheses of J. Huang 1984, J. Huang, Li & Li 2009, Roberts 2010 and Holmberg 2010. This paper will show that the null subjects of the two languages also differ in terms of their discourse-pragmatics properties. So it is of great interest to investigate the second language acquisition of null subjects with the combination of these two languages.

This study will investigate both the syntactic aspect and the discourse-pragmatics aspect of the acquisition of null subjects in European Portuguese by Chinese speakers. That is, it will test the Full Transfer Full Access Hypothesis and the Interface Hypothesis. Several Chinese native speakers who learn European Portuguese will be asked to participate in a questionnaire task on the use and comprehension of null and overt subjects in European Portuguese. The survey results will confirm the two hypotheses.

Keywords: Null Subject Parameter, Second Language Acquisition, Syntax, Discourse-Pragmatics, Interface

Índice

Resumo	III
Abstract	IV
Índice de Figuras e Tabelas	IX
Lista das abreviaturas	XII
Agradecimento	XV
Introdução	1
Capítulo I O parâmetro do sujeito nulo	5
1. Línguas de sujeito nulo consistente	5
1.1 O parâmetro de pro-drop na teoria de GB	5
1.1.1 Chomsky 1981, 1982	5
1.1.2 Rizzi 1982, 1986	7
1.2 Sobre a posição do sujeito realizado	7
1.2.1 Barbosa 1995, 2000	7
1.2.2 Costa & Duarte 2002	9
1.3 Sujeito nulo como redução de cadeia por concordância	13
1.3.1 Holmberg 2005	13
1.3.2 Roberts 2010	15
1.3.3 Holmberg 2010	17
1.3.4 Barbosa 2009	20
1.4 Pronome fraco e empobrecimento dos traços- ϕ	22
2. Línguas de sujeito nulo sem flexão verbal	23
2.1 Teorias no quadro de GB	23
2.1.1 J. Huang 1984, 1989 e J. Huang, Li & Li 2009	24
2.1.2 Xu 1986 e Y. Huang 1992	27
2.2 As propostas minimalistas de <i>pro-drop</i> radical	28
2.2.1 As três propriedades de <i>pro-drop</i> radical	29
2.2.2 Zhao 2009, 2012	31
3. Discussão e conclusão	33

4. As características do sujeito nulo do português europeu e do chinês	37
Capítulo II A aquisição de L2	47
1. Os aspectos sintácticos da aquisição de L2	47
1.1 Princípios e Parâmetros na aquisição de L2	47
1.2 O estado inicial	48
1.3 O processo depois do estado inicial	50
2. Os aspectos pragmático-discursivos da aquisição de L2	52
2.1 A Hipótese de Interface	52
2.2 Alguns trabalhos a favor da Hipótese de Interface	55
2.3 Alguns trabalhos sobre a aquisição do sujeito nulo do português L2	59
Capítulo III A aquisição do sujeito nulo do PE por falantes nativos do chinês	65
1. As hipóteses sobre a aquisição do sujeito nulo por aprendentes chineses	65
1.1 A aquisição das propriedades sintácticas e morfológicas	65
1.2 A aquisição das propriedades pragmático-discursivas	66
2. Sobre o teste	66
2.1 Os participantes	66
2.1.1 Os participantes chineses	66
2.1.2 Os participantes portugueses	67
2.2 Os exercícios do teste	68
2.3 Algumas previsões sobre o teste do aspecto pragmático-discursivo	70
3. As condições do teste	71
3.1 Primeira parte	71
3.2 Segunda parte	78
3.2.1 Itens com um antecedente referido no discurso	78
3.2.2 Itens com dois antecedentes referidos no discurso	81
3.2.3 Distractores	90
4. Dados da aquisição do sujeito nulo por parte dos falantes nativos do chinês que aprendem o PE como língua segunda	91
4.1 A primeira parte do teste da compreensão	91
4.1.1 Os dados	91

4.1.2	Discussão	98
4.2	A segunda parte do teste de compreensão	100
4.2.1	A primeira subparte: itens com um antecedente referido no discurso	100
4.2.2	A segunda subparte: itens com dois antecedentes potenciais referidos no discurso	106
4.2.3	Discussão	116
4.3	Comportamentos individuais	119
4.3.1	Antecedente sujeito matriz vs Antecedente objecto e discursivo	119
4.3.2	Os padrões	120
4.3.3	Discussão	125
5.	O teste equivalente no chinês	126
	Conclusões Gerais	129
	Referências Bibliográficas	133
Anexo I	Os perfis detalhados dos participantes	143
Anexo II	Itens organizados por condições	147
Anexo III	O questionário aplicado aos informantes	161
Anexo IV	As respostas individuais	175
Anexo V	Os padrões dos comportamentos individuais	195
Anexo VI	Dados do teste no chinês por condições	199

Índice de Figuras e Tabelas

Figuras

Figura 1	Modelo da aquisição da L1	48
Figura 2	Modelo de Transferência Completa e Acesso Completo	49
Figura 3	Modelo de Acesso Completo sem Transferência	50

Tabelas dos Resultados do Teste

1. Condições da primeira parte do questionário

Tabela 1	Condição 1 NP complexo na posição de sujeito	91
Tabela 2	Condição 2 NP complexo na posição de objecto	92
Tabela 3	Condição 3 Adjunta adverbial com co-referência entre o sujeito de matriz e o sujeito nulo na ilha	93
Tabela 4	Condição 4 Adjunta adverbial com referência disjunta entre o sujeito de matriz e o sujeito nulo da ilha	93
Tabela 5	Distractor 1 NP complexo com objecto nulo e realizado	94
Tabela 6	Distractor 2 Adjunta adverbial com objecto nulo e realizado	95
Tabela 7	Condição 5 Leitura estrita e imprecisa em frases completivas elípticas (no segundo termo da coordenação)	96
Tabela 8	Subcondição 5 Leitura estrita e imprecisa em frases completivas elípticas (no segundo termo da coordenação) com topicalização	97
Tabela 9	Condição 6 Frase completiva de sujeito nulo com antecedente repartido	97

2. Condições da primeira subparte da segunda parte do questionário

Tabela 10	Condição 1 Frase completiva com sujeito omitido e um antecedente referido no discurso (verbo pleno)	100
-----------	--	-----

Tabela 11 Subcondição 1 Frase completiva com sujeito pronominal realizado e um antecedente referido no discurso (verbo pleno)	101
Tabela 12 Condição 2 Frase completiva com sujeito omitido e um antecedente referido no discurso (verbo <i>ser</i>)	102
Tabela 13 Subcondição 2 Frase completiva com sujeito pronominal realizado e um antecedente referido no discurso (verbo <i>ser</i>)	103
Tabela 14 Condição 3 Frase adjunta adverbial com sujeito omitido e um antecedente referido no discurso	104
Tabela 15 Subcondição 3 Frase adjunta adverbial com sujeito realizado e um antecedente referido no discurso	105

3. Condições da segunda subparte da segunda parte do questionário

Tabela 16 Condição 1 Frase completiva de sujeito omitido com dois antecedentes referidos no discurso ambos na posição de sujeito (com verbo pleno)	106
Tabela 17 Subcondição 1 Frase completiva de sujeito pronominal realizado com dois antecedentes referidos no discurso ambos na posição de sujeito (com verbo pleno) ..	107
Tabela 18 Condição 2 Frase completiva de sujeito omitido com dois antecedentes referidos no discurso ambos na posição de sujeito (com verbo <i>ser</i>)	108
Tabela 19 Subcondição 2 Frase completiva de sujeito pronominal realizado com dois antecedentes referidos no discurso ambos na posição do sujeito (com verbo <i>ser</i>)	108
Tabela 20 Condição 3 Frase adjunta adverbial de sujeito omitido com dois antecedentes referidos no discurso ambos na posição de sujeito	109
Tabela 21 Subcondição 3 Frase adjunta adverbial de sujeito pronominal realizado com dois antecedentes referidos no discurso ambos na posição de sujeito	110
Tabela 22 Condição 4 Frase completiva de sujeito omitido com dois antecedentes referidos no discurso, um na posição de sujeito e outro na de objecto indireto (com verbo pleno)	110
Tabela 23 Subcondição 4 Frase completiva com sujeito pronominal realizado com dois antecedentes referidos no discurso, um na posição de sujeito e outro na de objecto	

indireto (com verbo pleno)	111
Tabela 24 Condição 5 Frase completiva de sujeito omitido com dois antecedentes referidos no discurso, um na posição de sujeito e outro na do objecto indirecto (com verbo <i>ser</i>)	112
Tabela 25 Subcondição 5 Frase completiva com sujeito pronominal realizado com dois antecedentes referidos no discurso, um na posição de sujeito e outro na de objecto indirecto (com verbo <i>ser</i>)	113
Tabela 26 Condição 6 Frase adjunta adverbial de sujeito omitido com dois antecedentes referidos no discurso, um na posição de sujeito e outro na de objecto indirecto	114
Tabela 27 Subcondição 6 Frase adjunta adverbial de sujeito pronominal realizado com dois antecedentes referidos no discurso, um na posição de sujeito e outro na de objecto indirecto	114
Tabela 28 Condição 7 Frase completiva de sujeito omitido com antecedente quantificado na matriz	115
Tabela 29 Subcondição 7 Frase completiva de sujeito pronominal realizado com antecedente quantificado na matriz	116

Lista das Abreviaturas

A-tópico = tópico *Aboutness-shift*

C = complementador

CP = Sintagma Complementador (*Complementizer Phrase*)

CLLD = Deslocação à Esquerda Clítica (*Clitic left dislocation*)

D = determinante

D = Definido (Em Holmberg 2005, 2010)

DP = Sintagma Determinante (*Determiner Phrase*)

e ou *ec* = categoria vazia (*empty category*)

ECP = Princípio de Categoria Vazia (*Empty Category Principle*)

EPP = Princípio da Projecção Alargada (*Extended Projection Principle*), Princípio ou traço que requer que o especificador de TP tem de ser preenchido

FP = Sintagma de Foco (*Focus Phrase*)

FEC = categoria vazia livre (*free empty category*)

GB = Teoria da Regência e da Ligação (*Government and Binding Theory*)

GCR = Regra de controlo generalizado (*Generalized controle rule*)

IL = *interlanguage*

L1 = Língua materna

L2 = Língua segunda

LF = Forma Lógica (*Logic Form*)

NP = Sintagma Nominal (*Noun Phrase*)

Op = operador

OPC = *Overt Pronoun Constraint*

PAS = Estratégia da Posição de Antecedente (*Position of Antecedent Strategy*)

PE = português europeu

PF = Forma Fonética (*Phonetic Form*)

PLD = *primary linguistic data*

PM = Programa Minimalista

PP = Sintagma Preposicional (*Prepositional Phrase*)

Spec = especificador (*Specifier*)

T = tempo

TP = Sintagma de Tempo (*Tense Phrase*)

UG = Gramática Universal (*Universal Grammar*)

uD = Traço D não interpretável

V = verbo

VP = Sintagma Verbal (*Verb Phrase*)

Agradecimentos

Durante os últimos três semestres do meu ciclo de mestrado, tenho dedicado a maior parte do meu tempo a elaborar esta tese de mestrado. Depois de trabalho prolongado e árduo, cheguei finalmente a minha meta. O sucesso de hoje está intimamente relacionado com os apoios de todas as pessoas que estão à minha volta. Por isso, queria agradecer a todas as pessoas que tenham contribuído para conclusão da minha tese.

Primeiro, às minhas excelentes orientadoras, a Professora Doutora Gabriela Matos e a Professora Doutora Ana Maria Madeira, pelo apoio constante na orientação do trabalho, pela sua confiança na minha competência para concluir o trabalho, pela paciência demonstrada no comentário e correcção da minha tese. Além disso, queria agradecer especialmente o seu auxílio na comunicação com os informantes que participam na recolha de dados da tese. Sem os seus esforços, não conseguiria realizar o trabalho.

À Professora Ana Maria Martins pelo apoio prestado na minha inscrição do curso, bem como pela sua ajuda constante, que me levou a entrar no mundo da investigação académica.

A todos os professores que me ensinaram durante o meu ciclo de mestrado, o Professor Telmo Móia, a Professora Amália Mendes, a Professora Inês Duarte, a Professora Maria João Freitas, a Professora Ana Lúcia Santos, a Professora Sónia Frota e a Professora Manuela Ambar. Foram eles que me ajudaram a conhecer e trilhar gradualmente os caminhos da investigação académica.

Ao Instituto de Língua e Cultura Portuguesa (ILCP) da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa que me deu licença de aplicar o questionário aos alunos do curso da Língua e Cultura Portuguesa para estrangeiros.

Ao Professor David Crespo da FLUL pela colaboração dispensada na altura da recolha de dados aos seus alunos do curso da Língua e Cultura Portuguesa.

À Professora Isabel Pessoa da Universidade Nova de Lisboa (UNL) pelo seu repetido auxílio durante a recolha de dados aos seus alunos chineses.

Aos Professores do Instituto Politécnico de Leiria (IPL), o Professor Luís Barbeiro, a Professora Susana Nunes, a Professora Cláudia João e a Professora Susana Santos, que

foram também os meus professores de licenciatura, pelo apoio dispensado na recolha de dados aos seus alunos.

À Professora Maria Graça Fernandes do Instituto Politécnico de Macau (IPM), que foi igualmente minha professora na licenciatura, pelo apoio dispensado na comunicação com os alunos chineses do IPM e na recolha de dados, que, embora não tenham sido adoptados neste trabalho, constituíram o ponto de partida prévio deste trabalho.

A todos os informantes que participaram no meu questionário, quer os alunos chineses do curso de Língua e Cultura Portuguesa da FLUL, do curso da UNL e do curso de Tradução e Interpretação de Português-Chinês do IPL, quer os alunos nativos de vários cursos de licenciatura da FLUL que serviram como grupo de controlo. Sem o seu esforço não conseguiria recolher dados suficientes para a tese. Queria agradecer especialmente a dois informantes do IPL, o Jianxiong Hao e a Wenxiu Xue, pela sua colaboração junto dos outros informantes.

Aos meus vários colegas da licenciatura, a Chengxu Wang, a Yuan Tian, o Tianlong Wang, a U On Chan, a Lu Wang, a Ruyi Sun, bem como as minhas colegas e amigas de Portugal, a Marta Nogueira e a Sónia Neves, que participaram num pré-teste do questionário para ver se o mesmo funcionava bem.

Finalmente, aos meus pais, que mesmo que estejam longe, estão sempre junto de mim para me apoiar. Sem o seu apoio espiritual, não conseguiria vencer as dificuldades para chegar a esta meta.

Introdução

O sujeito nulo é um fenómeno verificado em várias línguas do mundo. Chomsky 1982 considera a categoria vazia como *pro* e as línguas que permitem sujeito nulo são chamadas línguas de *pro-drop*. Os trabalhos recentes mostraram que as línguas de sujeito nulo também diferem em vários aspectos. Por exemplo, Roberts & Holmberg 2010, Holmberg 2010 verificaram três tipos de línguas de sujeito nulo: línguas de sujeito nulo consistente, línguas de sujeito nulo parcial e línguas de *pro-drop* radical (ou línguas de *pro-drop* discursivo).

Ao contrário destes três grupos de línguas, há ainda línguas que não permitem o sujeito nulo. Assim, tendo em conta as propriedades distintivas mais consensualmente avançadas na literatura, podemos caracterizar as línguas, quanto à não realização ou realização do sujeito, da seguinte forma:

(1) (a) Línguas de sujeito nulo consistente: permitem generalizadamente a omissão do sujeito nas frases finitas em vários contextos, nomeadamente, em frases raiz e em subordinadas finitas. Estas línguas possuem concordância verbal rica. O português europeu, o italiano e o espanhol pertencem a este grupo de línguas

(b) Línguas de sujeito nulo parcial: permitem a omissão do sujeito em frases finitas apenas em algumas estruturas, tais como aquelas em que ocorrem sujeitos expletivos, controlo finito ou sujeito nulo genérico de 3ª pessoa do singular. O português brasileiro e o finlandês pertencem a este grupo de línguas.

(c) Línguas de *pro-drop* radical (ou línguas de *pro-drop* discursivo): permitem a omissão de sujeito nas frases finitas em vários contextos. No entanto, estas línguas não têm concordância verbal. O chinês e o japonês pertencem a este grupo de línguas.

(d) Línguas de não sujeito nulo: não permitem a omissão de sujeito nas frases finitas. Normalmente estas línguas não possuem concordância verbal rica¹. O inglês e o francês pertencem a este grupo de línguas.

Como existem vários tipos de línguas de sujeito nulo, a aquisição de sujeito nulo é

¹ Mas existem línguas com concordância rica que não permitem o sujeito nulo, tais como o islandês antigo.

também um tópico estudado por vários linguistas que trabalham sobre a aquisição de língua segunda (=L2). Alguns autores analisaram a aquisição do sujeito nulo da L2 em termos sintácticos, e outros em termos pragmático-discursivos.

De um modo geral, segundo a Hipótese de Transferência Completa e Acesso Completo (ing. *Full Transfer and Full Access*) de Schwartz & Sprouse 1994, 1996, os aprendentes conseguem adquirir os aspectos sintácticos do parâmetro do sujeito nulo. No entanto, de acordo com a Hipótese de Interface de Sorace & Filiaci 2006, os aprendentes vão ter dificuldades na aquisição dos aspectos pragmático-discursivos do sujeito nulo.

Este trabalho visa investigar a aquisição do sujeito nulo do português europeu (=PE) por parte dos aprendentes chineses. O português e o chinês são ambas línguas de sujeito nulo, no entanto, estas duas línguas divergem em vários aspectos no que diz respeito à natureza e à ocorrência do sujeito nulo. O sujeito nulo do português europeu é considerado como o resultado de redução de cadeia por concordância dos traços, segundo a análise de Roberts 2010 e Holmberg 2010, enquanto o sujeito nulo do chinês é analisado como um pronominal ou uma variável, de acordo com C.-T. James Huang (= J. Huang) 1984, 1989 e J. Huang, Li & Li 2009. No que diz respeito à ocorrência do sujeito nulo nas duas línguas, os dados sugerem que há uma maior utilização do sujeito nulo em PE do que em Chinês. Com efeito, numa fase preliminar do trabalho, analisei os dados do corpus CAL2² da Universidade Nova de Lisboa. Numa análise informal, verifiquei que os aprendentes chineses tendem a usar muitos sujeitos realizados redundantes numa tarefa de produção escrita de narrativas.

Por isso, acho que é particularmente relevante analisar a aquisição do sujeito nulo do PE L2 por falantes de uma outra língua de sujeito nulo com propriedades diferentes.

Este trabalho vai testar tanto o aspecto sintáctico como o pragmático-discursivo da aquisição do sujeito nulo do PE L2. Foi solicitado aos aprendentes chineses que adquirem o PE como L2 que respondessem a questionários especificamente elaborados para verificar se eles conseguem adquirir as propriedades sintácticas e as propriedades pragmático-discursivas do sujeito nulo do PE. Ou seja, procurou-se testar se a aquisição

² O Corpus CAL2 “Corpus da Aquisição de L2” é um corpus organizado pelo Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa, com dados orais e escritos de aprendentes de vários níveis que adquirem o português como L2, bem como produções orais e escritas de falantes nativos do português.

do sujeito nulo do PE por falantes do chinês é conforme a Hipótese de Transferência Completa e Acesso Completo e a Hipótese de Interface.

No entanto, este trabalho não vai discutir o sujeito nulo nas estruturas de coordenação, especialmente a omissão do sujeito no segundo membro da coordenação. O sujeito nulo no segundo membro da coordenação pode envolver movimento simultâneo (*Across-the-Board extraction*) dos sujeitos de ambos os membros coordenados e o sujeito omitido pode não ser uma categoria vazia pronominal. Mesmo nas línguas de não sujeito nulo, é também possível omitir o sujeito nestas condições (Costa, Faria & Matos 1998:178-179, Costa & G. 2012).

O presente trabalho divide-se em três capítulos:

No primeiro capítulo, vou discutir as teorias sobre o sujeito nulo do PE e do chinês. Também vou fazer uma comparação entre as duas línguas para mostrar as suas diferenças em termos de sujeito nulo.

No segundo capítulo, vou discutir as teorias sobre a aquisição de L2. São consideradas as teorias sobre a aquisição das propriedades sintáticas e as teorias sobre a aquisição das propriedades pragmático-discursivas.

No terceiro capítulo, apresentarei os itens e as condições do questionário e explicarei como os itens funcionam. Apresentarei também os dados do questionário e procederei à sua discussão.

No fim do trabalho, apresento a conclusão geral e algumas propostas para trabalhos futuros.

Capítulo I O parâmetro do sujeito nulo

Este capítulo divide-se em 4 partes, nas primeiras 2 partes, vou discutir individualmente as propostas da literatura sobre as línguas de sujeito nulo consistente e línguas de *pro-drop* radical. Na terceira parte do capítulo procedo à discussão e conclusão deste capítulo. Por fim, farei uma comparação das características do sujeito nulo em português europeu e em chinês, com base no conteúdo das primeiras três partes.

1. Línguas de sujeito nulo consistente

1.1 O parâmetro de *pro-drop* na teoria de GB

1.1.1 Chomsky 1981, 1982

O fenómeno do sujeito nulo foi inicialmente verificado por Perlmutter 1971, que indicou que algumas línguas permitem às frases finitas não ter sujeito, enquanto outras línguas não. Taraldsen 1980 afirmou que este fenómeno de algumas línguas está relacionado com a concordância verbal rica.

Na esteira de Taraldsen 1980, Chomsky 1981, no âmbito da Teoria da Regência e da Ligação (*Government and Binding Theory* (GB)), defende que as línguas de sujeito nulo como o italiano apresentam uma série de propriedades correlacionadas:

(1) (i) *missing subject*

(ii) *free inversion in simple sentences*

(iii) *long wh-movement of subject*

(iv) *empty resumptive pronouns in embedded clause*

(v) *apparent violations of the that-t filter*

(Chomsky 1981 p. 240)

Chomsky pensa que existe um único parâmetro de *pro-drop* para distinguir as línguas de

sujeito nulo e línguas de não sujeito nulo. Por exemplo, o inglês e o francês não têm nenhuma destas propriedades acima, por isso, são línguas de não sujeito nulo.

Na sua opinião, a possibilidade de omissão do sujeito nas línguas de sujeito nulo depende do grau da riqueza da concordância verbal. Línguas do tipo do português e do espanhol, como possuem concordância verbal rica, permitem a omissão do sujeito nas frases finitas. No entanto, as línguas do tipo do inglês, que não têm concordância rica, não aceitam o sujeito nulo na frase matriz. Chomsky considera o sujeito nulo como um sintagma nominal não realizado, $[_{NP} e]$, e introduziu o Princípio de Categoria Vazia (*Empty Category Principle*, = ECP) que estipula que $[_{NP} e]$ tem de ser controlado localmente. Por isso, nas línguas de sujeito nulo, a flexão verbal morfológica vai controlar o $[_{NP} e]$.

Chomsky 1981 pensa que existem três tipos de categoria vazia: *NP-trace*, *wh-trace* (variável) e *PRO*. Segundo ele, *PRO* é uma categoria vazia não regida e controlada nas frases infinitivas, mas aparece também nas frases finitas das línguas de sujeito nulo.

Chomsky 1982 alterou esta tipologia, utilizando os traços anafórico e pronominal para caracterizar as categorias vazias. Da sua combinação resultam quatro categorias vazias nas línguas do mundo:

(2) [+anafórico – pronominal]	<i>NP-trace</i>
[- anafórico – pronominal]	<i>Wh-trace</i> , variável
[+anafórico + pronominal]	<i>PRO</i>
[- anafórico + pronominal]	<i>pro</i>

(adaptado de Chomsky 1982 p. 78)

NP-trace e *Wh-trace* são gerados por movimento, enquanto *PRO* é sujeito nulo diretamente inserido na posição de sujeito das frases infinitivas, que é controlado, mas não regido. *Pro* é a quarta categoria vazia, que pode aparecer nas frases finitas. *Pro* tem traço [–anafórico] e [+pronominal], pode ser regido e receber o caso. No entanto, o licenciamento de *pro* depende do grau da riqueza da concordância verbal. As línguas como o português, o espanhol e o italiano contêm concordância verbal rica que pode recuperar os traços- ϕ (pessoa e número) de *pro*. Línguas como o inglês e o francês não

permitem sujeito nulo nas frases finitas porque não têm flexão verbal rica.

Por isso, segundo Chomsky 1981, 1982, o Parâmetro do sujeito nulo, ou Parâmetro de *pro-drop*, defende que as línguas com concordância verbal rica podem ter *pro-drop*, enquanto línguas sem concordância verbal rica não podem ter *pro-drop*.

1.1.2. Rizzi 1982, 1986

Rizzi 1982 afirma que o sujeito nulo nas frases finitas das línguas de sujeito nulo é uma categoria vazia (*empty category*), *e*. Ao contrário de Chomsky 1981, Rizzi 1982 pensa que este *e* não é igual a *PRO*, porque *e* pode ser regido e receber caso. Isto levou Chomsky 1982 a alterar a tipologia e a pensar o sujeito nulo nesta condição como *pro*.

Como Taraldsen 1980, Rizzi 1982 também pensa que a omissão do sujeito está relacionada com a flexão verbal. Segundo ele, a flexão verbal das línguas de sujeito nulo pode ter dois traços: [pronominal] e [referencial]. Línguas em que flexão verbal tem os traços [+pronominal] e [+referencial] podem ter sujeito nulo nas frases finitas (línguas de sujeito nulo românicas). Línguas que têm uma flexão verbal [-pronominal] e [-referencial] não podem ter sujeito nulo (o inglês). Línguas que têm uma flexão [+pronominal] e [-referencial] só podem ter sujeito nulo expletivo.

Rizzi 1986 defende que *pro* tem de ser licenciado e identificado. Segundo ele, nas línguas de *pro-drop*, a flexão e o V podem reger *pro*. Por isso, *pro* está licenciado. Além disso, os traços- ϕ da flexão verbal vão recuperar *pro* como um pronome definido. Por isso, *pro* está também identificado.

Desta maneira, podemos ver que o sujeito nulo está intimamente relacionado com a concordância verbal rica, na teoria de Rizzi.

1.2 Sobre a posição do sujeito realizado

1.2.1 Barbosa 1995, 2000

A partir de meados da década de noventa, surgiram vários trabalhos (Barbosa 1995, 2000,

Pollock 1997, Alexiadou & Anagnostopoulou (A & A) 1998) que defendem que a posição argumental do sujeito nas línguas de sujeito nulo consistente é pós-verbal. Como a concordância verbal destas línguas é pronominal, ela consegue verificar o EPP³ através da subida do V para T. Desta forma, não existe movimento-A nestas línguas porque a concordância verbal já verificou o EPP. Por isso, o sujeito vai manter-se na posição pós-verbal.

Barbosa 1995, 2000 analisou uma das várias propriedades das línguas de sujeito nulo (Chomsky 1981), a inversão livre do sujeito e o verbo, ilustrada em (3),

(3) Telefonou o João.

Rizzi 1982 considerava que em frases como (3) existia um expletivo nulo em SpecTP para satisfazer o EPP. Barbosa analisa-as de uma outra forma. Como a concordância verbal das línguas de sujeito nulo é rica, possui o traço [+pronominal]. Desta forma, como já referido, a própria flexão verbal vai satisfazer o EPP, através da subida do V para T e o sujeito lexical fica *in situ*, não se movendo para SpecTP para satisfazer o EPP. Isto implica que não existe movimento-A nas línguas de sujeito nulo e a posição argumental do sujeito neste grupo de línguas é pós-verbal. Para Barbosa, a estrutura da frase (3) é a seguinte, na qual a posição de especificador de TP não se projecta:

(4) [_{TP} [_T telefonou [_{VP} o João ~~telefonou~~]]]

(adaptado de Barbosa 2000)

Esta hipótese implica que os sujeitos pré-verbais nas línguas de sujeito nulo não estão na posição-A, porque não há movimento-A nestas línguas. Barbosa 1995, 2000 afirmou que o sujeito pré-verbal do português pode ser quer um sintagma definido participando numa construção de Deslocação à Esquerda Clítica (CLLD), quer um elemento deslocado para a periferia esquerda por movimento-A’.

³ O EPP refere-se ao Princípio da Projecção Alargada (ing. *Extended Projection Principle*), que defende que o especificador de TP tem de ser preenchido.

Para o primeiro caso, o sujeito pré-verbal é um CLLD gerado na base na posição A' (permitido por regras de predicação de Chomsky 1977). Um *pro* redobrado vai ficar na posição pós-verbal, a verdadeira posição argumental sugerida por Barbosa. Por exemplo:

(5) A Maria telefonou.

[A Maria₁ [TP telefonou *pro*₁]]

(adaptado de Barbosa 2000)

Um outro tipo de sujeito pré-verbal é gerado por movimento-A', quando ocorre expressões quantificadas ou focalizadas.

(6) Ninguém telefonou

[FP ninguém [F' telefonou ~~ninguém~~]]

(adaptado de Barbosa 2000)

Barbosa 2009 mantém esta hipótese, que fundamentalmente assume que o sujeito realizado pré-verbal do português não está numa posição argumental, mas está numa posição A' de uma estrutura superior. De facto, há outras autoras que também têm ideias semelhantes.

Lobo 1994, 1995 também defende que o sujeito realizado deve estar numa estrutura superior. Segundo ela, esta posição deve ser a de Spec Foco.

Outra autora que tem uma ideia semelhante é Kato 1999. Adaptando de Martins 1996, Kato 1999 defende que o sujeito realizado no português europeu deve estar em SpecΣP, que é uma posição A'. No entanto, a estrutura que Kato 1999 propõe é diferente da de Barbosa. Kato 1999 afirma que a concordância verbal do PE tem um traço [+pronominal] e vai subir para T para verificar o EPP. Desta maneira, o SpecTP não é projectado e não existe *pro*.

1.2.2 Costa & Duarte 2002

Ao contrário da hipótese de Barbosa (entre outros) de que o sujeito pré-verbal das línguas de sujeito nulo consistente ocorre em construções de CLLD, Costa & Duarte 2002 defendem que nem todos os sujeitos pré-verbais podem participar em construções clíticas. Utilizaram três evidências para apoiar as suas ideias: factos de concordância, factos de sintaxe e factos de interpretação.

a) Factos de concordância.

No português europeu coloquial, o sujeito pós-verbal com verbos inacusativos pode ou não efectuar a concordância com o verbo, enquanto o sujeito pré-verbal efectua obrigatoriamente a concordância com o verbo (exemplos 7 e 8). Mas nas construções de CLLD, não há concordância com o verbo. (exemplos 9 e 10)

(7) a. Chegaram três pessoas

b. Chegou três pessoas

(8) a. Três pessoas chegaram.

b. *Três pessoas chegou.

(9) a. *Os miúdos, foram-lhes dados uma bola.

b. *Aos miúdos, foram-lhes dados uma bola.

(10) a. Os miúdos, foi-lhes dada uma bola.

b. Aos miúdos, foi-lhes dada uma bola.

(Costa & Duarte 2002 p. 161)

Se o sujeito pré-verbal participa numa construção de CLLD, então é impossível explicar porque é que o sujeito de (8a) pode efectuar concordância verbal e os de (9) não podem.

b) Factos de sintaxe

Um sujeito pré-verbal pode intervir numa estrutura-wh encaixada, oração relativa ou oração completiva não finita, enquanto a expressão nominal que ocorre na construção de CLLD não pode.

(11) a. Perguntei que livro o Pedro leu.

b. *Perguntei que livro, à Maria, lhe deram.

(12) a. Já li o livro que o João ofereceu ontem à Maria.

b. * Já li o livro que, à Maria, lhe ofereceu ontem o João.

(13) a. A mãe lamenta os miúdos não verem o espectáculo.

b. * A mãe lamenta o espectáculo, não o verem os miúdos.

(Costa & Duarte 2002 p. 163)

Costa & Duarte 2002 concluem que o constituinte nominal deslocado à esquerda na construção de CLLD, tal como o constituinte relativizado, se encontra numa posição A' e por isso ao intervir entre este e a sua cópia provoca efeitos de minimalidade. O mesmo não acontece com o sujeito pré-verbal, o que mostra que ele ocupa uma posição A e não A'.

Estes dados, como os anteriores, mostram que o sujeito pré-verbal e os constituintes nominais na construção de CLLD não funcionam da mesma forma.

Além disso, Barbosa e A & A sugerem que o parâmetro do sujeito nulo se reduz à escolha entre a concordância pronominal ou concordância não pronominal. No entanto, existem algumas línguas que contêm um sistema misto de sujeito nulo. Por exemplo, o português brasileiro não permite sujeito nulo referencial, mas permite sujeito nulo expletivo:

(14) a. Chegou Pedro (PB)

b. *Viajou Pedro. (PB)

(15) Está chovendo. (PB)

(Costa & Duarte 2002 p. 164)

Este sistema misto de sujeito nulo não pode ser explicado sob a teoria de Barbosa da escolha entre concordância pronominal e não pronominal, porque línguas como o PB permitem sujeito pronominal nulo, mas não funcionam como as línguas de sujeito nulo do tipo PE. Um comportamento semelhante se verifica em cabo-verdiano, como mostram

Costa & Pratas 2013.

Segundo Barbosa, o sujeito pré-verbal é CLLD e o sujeito pós-verbal está na posição argumental. Costa & Duarte fazem notar que, se isto fosse correcto, a ordem não marcada do português europeu deveria ser VSO, e não SVO. No entanto, dados de aquisição mostram que as crianças entre 24 e 36 meses preferem enunciado de SVO a VSO (93% a 7%). Este facto de aquisição mostra que é impossível a posição do sujeito do PE ser pós-verbal.

c) Factos de interpretação

Quanto ao PE, nos contextos de focos frásicos, a ordem SVO é obrigatória e a CLLD está excluída.

(16) O que é que aconteceu?

- a. O Pedro partiu o braço.
- b. #Partiu o Pedro o braço
- c. #O braço, o Pedro partiu-o

(17) O que é que aconteceu?

- a. O João espirrou.
- b. #Espirrou o João.

(Costa & Duarte 2002 pp. 166-167)

(16c) mostra que CLLD não pode ocorrer neste contexto. A gramaticalidade de (16a) mostra que o sujeito realizado pré-verbal não funciona como CLLD. Além disso, se a posição argumental é pós-verbal, (16b) e (17b) com ordem VS(O) deveriam ser gramaticais, mas de facto não é assim. Segundo Costa 2000, 2004, o sujeito pós-verbal no PE refere-se normalmente a uma informação nova, e nem todas as frases podem ter sujeito pós-verbal. Por isso, estes factos mostram que o sujeito pré-verbal não deve ser CLLD e que a posição-A do sujeito em PE também não deve reduzir-se à posição pós-verbal.

Por isso, Costa & Duarte 2002 não concordam com a ideia de que a concordância

pronominal verifica o EPP. Segundo eles, há duas maneiras de verificar o EPP: o DP mover-se para o SpecAgrP (12a) ou o V mover-se para o Agr (12b).

(18) a. [_{AgrSP} DP Agr [EPP] [_{TP} tDP V-T [_{VP}

b. [_{AgrSP} V-Agr [EPP] [_{TP} DP tV [_{VP}

(Costa & Duarte 2002 p. 170)

Se a estratégia de (18a) for adoptada, vai formar uma construção de SVO com uma interpretação de juízo categórico; se a estratégia de (18b) for adoptada, vai formar uma construção de VSO com uma interpretação de juízo tético. Neste caso, os autores sugerem que não há nenhuma interpretação de foco. A interpretação de foco estreito apenas ocorre se o sujeito DP ficar na posição de SpecVP.

Assim, Costa & Duarte 2002 concluem que o sujeito pré-verbal não é uma expressão nominal participando em CLLD e que o EPP também não é verificado por concordância pronominal.

1.3 Sujeito nulo como redução de cadeia por concordância

No século XXI, surgiram vários autores que analisam o sujeito nulo numa perspectiva da redução de cadeia por concordância (ing. *Agreement*), tais como Holmberg 2005, 2010, Roberts 2010 e Barbosa 2009 (que reforça os seus trabalhos anteriores).

1.3.1 Holmberg 2005

Chomsky 2001 apontou que os traços devem dividir-se em dois grupos: traços interpretáveis e traços não interpretáveis. Os traços não interpretáveis têm de ser eliminados. Esta afirmação levanta problemas para a análise do sujeito nulo.

Segundo Rizzi 1986, *pro* tem de ser licenciado e identificado. T nas línguas de sujeito nulo consistente é considerado como tendo o traço [+pronominal]. Desta forma, o conteúdo de *pro* é identificado através dos traços- ϕ de T deste grupo de línguas. No

entanto, segundo o Programa Minimalista, os traços não interpretáveis têm de ser eliminados. Chomsky 2001 considerou que os traços- ϕ de T são não interpretáveis e têm de ser valorados pelos traços- ϕ interpretáveis do DP que ocorre na posição de SpecTP. Desta maneira, os traços- ϕ em T das línguas de sujeito nulo consistente não podem identificar o conteúdo do *pro*, porque eles próprios são também não interpretáveis.

Holmberg 2005 defende que existem duas maneiras de resolver este problema:

(19) Hipótese A:

There is no pro at all in null-subject constructions. Instead Agr, the set of ϕ -features of I, is itself interpretable; Agr is a referential, definite pronoun, albeit a pronoun phonologically expressed as an affix. As such, Agr is also assigned a subject theta-role, possibly by virtue of heading a chain where the foot of the chain is in vP, receiving the relevant theta-role.

(Holmberg 2005 p. 537)

Hipótese B:

The null subject is specified for interpretable ϕ -features, values the uninterpretable features of Agr, and moves to specIP, just like any other subject. This implies that the nullness is a phonological matter: The null subject is a pronoun which is not pronounced.

(Holmberg 2005 p. 538)

Holmberg 2005 admite que a hipótese B é a correcta. O funcionamento de *pro* é muito semelhante ao de um pronome realizado, só que não tem uma realização fonológica. Neste sentido, *pro* é apenas um pronome não pronunciado, ou seja, um pronome apagado. Holmberg 2005 aponta que a diferença entre as línguas de sujeito nulo consistente e as línguas de sujeito nulo parcial é que, as primeiras, o T tem um traço definido, designado traço-D.

Ele admite que os pronomes podem ser DPs ou ϕ -Ps. Os DPs têm uma estrutura mais complexa do que os ϕ -Ps: $[_{DP} D [_{\phi P} \phi [_{NP} N]]]$. Os pronomes nulos são ϕ -Ps.

Segundo Holmberg 2005, T tem um traço- ϕ não interpretável e o ϕ -P (sujeito nulo) tem um traço- ϕ interpretável. O traço- ϕ interpretável de ϕ -P vai valorar o traço- ϕ não

interpretável de T. Por isso, T e o sujeito nulo, com a união de traços- ϕ , vão formar um pronome definido, se for uma língua que tem um traço D em T. Se uma língua não tem um traço D em T, não podem formar um pronome definido desta maneira e o pronome formado torna-se indefinido genérico.

Assim, o sujeito nulo definido nas línguas de sujeito nulo consistente tem de ser um pronome nulo especificado com traço- ϕ mas sem traço-D. Este pronome nulo só pode ser referencial quando o T contém um traço-D. Esta é a propriedade mais notável deste grupo de línguas. Em Holmberg 2010, o autor analisa como é que o pronome definido é formado, utilizando o conceito de incorporação de Roberts 2010. Analisar também como é que o D em T identifica o conteúdo de *pro*. Mas, antes disto, vamos ver a proposta de incorporação de Roberts 2010.

1.3.2 Roberts 2010

Roberts 2010 introduziu o conceito de sonda (ing. *probe*) e alvo (ing. *goal*) defectivo, tomando o clítico das línguas românicas como exemplo. Segundo ele, existe uma incorporação entre um verbo transitivo (v^*) e um clítico de objecto directo. O v^* tem um traço- ϕ não valorado enquanto o clítico tem um traço- ϕ valorado. Como ambos contêm o traço- ϕ , a incorporação é possível:

(20) *Incorporation can take place only where the features of the incorporee are properly included in those of the incorporation host.*

(Roberts 2010 p. 65)

Desta maneira, o v^* torna-se uma sonda enquanto o clítico se torna um alvo defectivo. Como consequência da aplicação da operação de concordância (*Agree*), a sonda vai copiar o traço valorado do clítico:

(21) a. *Trigger for Agree:*

v^* [Pers:___], [Num:___] ϕ [Pers:a, Num:b]

b. *Outcome of Agree*:

$v^*[\text{Pers:a, Num:b}] \quad \phi [\text{Pers:a, Num:b}]$

(Roberts 2010 p. 66)

Desta maneira, o clítico é extraído para a esquerda de v^* enquanto a sua cópia é apagada, dando-se a incorporação. No entanto, Roberts verifica também que a incorporação é incompatível com o traço-EPP. Se existir um traço-EPP na sonda, o alvo defeutivo vai mover-se para satisfazer o EPP e não pode incorporar-se na sonda. Por isso, o autor apresenta a seguinte generalização:

(22) *A probe P can act as an incorporation host only if it lacks an EPP-feature.*

(Roberts 2010 p. 67)

Roberts dá também uma definição de *alvo defeutivo*:

(23) *A goal G is defective iff G's formal features are a proper subset of those of G's probe P.*

(Roberts 2010 p. 70)

Roberts analisa a natureza de *pro*. Levanta a hipótese de que *pro* pode ser também um *goal* defeutivo, como um clítico, mas recusa esta hipótese. Segundo vários autores, incluindo Cardinaletti & Starke 1999 e Holmberg 2005, *pro* é um pronome fraco, não é um pronome forte nem um clítico. Roberts 2010 caracteriza *pro* como um constituinte de natureza Determinante, um $D_{\min/\max}$ que vai ocupar a posição de SpecTP para satisfazer o EPP.

O autor assume três pontos centrais: T nas línguas de sujeito nulo consistente é pronominal; há um traço D em T neste grupo de línguas; o traço D está relacionado com a concordância rica. Desta maneira, *pro* neste grupo de línguas pode ser um alvo defeutivo porque contém traços- ϕ e um traço-D que estão incluídos também em T. No entanto, T contém ainda um traço-EPP e *pro* pode satisfazê-lo. Assim, o autor propõe uma

generalização para caracterizar alvo defectivo:

(24) *Defective goals always delete/never have a PF realisation independently of their probe.*

(Roberts 2010 p. 76)

Segundo (22), a incorporação não se pode realizar nesta situação porque a sonda tem o traço EPP. Por isso, *pro* não pode ser omitido como o clítico. No entanto, pode ser omitido por consequência de redução de cadeia. Devido à concordância dos traços- ϕ e D, *pro* pode ser omitido depois da cópia dos conteúdos desses traços.

1.3.3 Holmberg 2010

1.3.3.1 O tópico como antecedente de sujeito nulo

Para as línguas de sujeito nulo consistente, a identificação do pronome nulo da terceira pessoa depende de um antecedente. Frascarelli 2007 sugeriu que cada frase tem um *Aboutness-shift* tópico (A-tópico). Holmberg 2010 sugeriu que o A-tópico vai ficar numa posição A' dentro do domínio de C(omp) na frase, e pode ser nulo ou realizado. O antecedente de um pronome nulo é o A-tópico da frase. Este A-tópico, se for nulo, pode ser uma cópia do A-tópico da frase precedente. Apresento seguidamente um exemplo do italiano analisado pelo autor:

(25) [_{CP} <Gianni₁> [questa mattina Gianni₁ ha visitato la mostra.]]

[_{CP} <*e*₂> [Pìu tardi ha ϕ P₂ visitato l' università.]]

1=2

(adaptado de Holmberg 2010 p. 96)

Na primeira frase, o A-tópico é “*Gianni*”. Na segunda frase, o antecedente do sujeito nulo (Φ P) é o A-tópico em CP, que é nulo neste caso. Este A-tópico nulo é uma cópia omitida

do A-tópico da primeira frase, que é também “*Gianni*”. Por isso, o sujeito nulo da segunda frase refere-se a “*Gianni*”.

Holmberg 2010 considera que o antecedente do sujeito nulo das línguas de sujeito nulo consistentes é o A-tópico. Desta forma, o A-tópico vai valorar o traço-D não interpretável enquanto o D vai copiar o índice referencial do A-tópico.

Contudo, isto só acontece na 3ª pessoa, porque, segundo Frascarelli 2007, a 1ª e 2ª pessoas são pessoas de discurso e a identificação do falante e do receptor é sempre apresentada no discurso. Lobo 1994, 1995 também verificou esta assimetria entre 1ª, 2ª e 3ª pessoas.

1.3.3.2 Incorporação de sujeito nulo em T

Adoptando a ideia de incorporação de Roberts 2010, Holmberg pensa que o sujeito nulo das línguas de sujeito nulo consistente é consequência da incorporação, concebida como um caso de operação de concordância.

Numa língua com uD^4 em T, o pronome nulo vai incorporar-se com T para formar um pronome definido. A incorporação processa-se desta forma:

T tem um traço D marcado pelo A-tópico, um caso nominativo e um traço- ϕ não interpretável. O sujeito ϕ -P tem um traço- ϕ de 3ª pessoa singular e um caso não interpretável (etapa 1 em 26). O T vai marcar o traço de caso não interpretável do ϕ -P e este último vai marcar o traço- ϕ não interpretável de T (etapa 2 em 26). Desta forma, o T vai partilhar todos os traços do ϕ -P, ou seja, o ϕ -P vai incorporar-se em T.

Holmberg 2010 sugeriu que a incorporação pode ser explicada nos seguintes termos: T e ϕ -P formam uma cadeia e estão sujeitos a redução de cadeia. O sujeito ϕ -P não se realiza e a incorporação está completa (etapa 3 em 26). T vai ter um traço D e partilhar o índice referencial do A-tópico. Por isso, o resultado desta incorporação é um pronome definido.

(26) 1 [T, D2, $u\phi$, NOM] [vP [3SG, $uCase$] v...]

2 [T, D2, 3SG, NOM] [vP [3SG, NOM] v...]

⁴ Holmberg pensa que o traço-D em T é não interpretável (= uD) e tem de ser marcado pelo A-tópico.

3 [T, D2, 3SG, NOM] [vP [~~3SG, NOM~~] v...]

(Holmberg 2010 p. 97)

Se o sujeito for um DP lexical ou um D-pronome, o D do sujeito vai marcar o traço D não interpretável de T e T não vai adotar o índice referencial do A-tópico. O sujeito DP lexical ou o D-pronome vai tornar-se o A-tópico e não se pode incorporar no T. Neste caso, o sujeito realizado vai ficar na posição SpecTP para satisfazer o EPP. Holmberg não discute a ideia de Barbosa 1995, 2000, 2009 (entre outros) de que o sujeito realizado pré-verbal vai ficar na posição A'.

O problema que surge é como é que estas línguas marcam o EPP nos casos de incorporação. Holmberg 2010 sugeriu que o EPP vai ser satisfeito pelo A-tópico que valora o uD de T. Segundo ele, todos os casos de sujeito nulo têm o A-tópico como um antecedente. Sem este antecedente é sempre necessário preencher o SpecTP para marcar o EPP. Isto implica que, quando o sujeito é indefinido, o SpecTP tem de ser ocupado para satisfazer o EPP. Argumenta a favor desta análise com exemplos como (27), em que o sujeito, para ser interpretado como indefinido tem de ser realizado pelo pronome clítico “se”:

(27) É assim que se faz o doce. (PE)⁵

(Holmberg 2010 p. 92)

Em resumo, o EPP é satisfeito pelo A-tópico, que marca o traço D não interpretável de T. T, que partilha o índice referencial do A-tópico, vai incorporar-se com o sujeito nulo para marcarem um ao outro os traços não interpretáveis, formando um pronome definido.

1.3.3.3 Línguas de sujeito nulo parcial segundo Homberg 2010

Para reforçar a sua proposta, Holmberg 2010 analisa também as línguas de sujeito nulo

⁵ No entanto, segundo Barbosa 2011, o PE também aceita sujeito nulo genérico, como no seguinte exemplo: *É assim que pro fazem o bolo*, em que *pro* tem sentido genérico.

parcial. Como este grupo de línguas não tem uD em T, é impossível formar um pronome definido através da incorporação de T e *pro*, como nas línguas de sujeito nulo consistente. No entanto, Holmberg 2010 afirma que a incorporação continua a ocorrer nas línguas de sujeito nulo parcial, só que o resultado da incorporação é um pronome indefinido, devido à falta do traço D em T. Segue-se um exemplo do PB:

(28) João me contou que na praia *e* vende cachorro quente. (PB)

(exemplos de Holmberg 2010 p. 102-103, baseados em Rodrigues 2004)

Neste exemplo, o sujeito nulo encaixado tem um sentido genérico e não é referencial. Neste caso, é necessário que um outro elemento ocorra na posição de TP para satisfazer o EPP; esse elemento é o sintagma locativo “na praia”.

De acordo com esta proposta, as línguas de sujeito nulo parcial podem ter sujeito nulo genérico porque não têm traço uD em T. Nas línguas de sujeito nulo consistente, o traço uD precisa sempre de ser valorado. Se o pronome nulo for definido, o seu antecedente, que é um A-tópico, vai valorar o uD em T. Mas, se for indefinido, não existe este A-tópico para funcionar como o antecedente do sujeito nulo e, por isso, nada vai valorar o traço uD em T. De acordo com Holmberg 2010, isto constitui factor adicional para explicar porque é que as línguas de sujeito nulo consistente não permitem sujeito nulo indefinido⁶.

1.3.4 Barbosa 2009

Barbosa 2009 vai reforçar as suas ideias de 1995, 2000. Sobre as duas hipóteses de Holmberg 2005, Barbosa pensa que a hipótese A é superior à B para as línguas de sujeito nulo consistente (ou seja, é a flexão verbal que tem traços- ϕ , e não o *pro*). Na sua opinião, devido à propriedade de concordância verbal rica deste grupo de línguas, a própria flexão verbal vai ser pronominal e conter o traço D que pode verificar o traço EPP através da subida de V para T. A sua ideia básica é que a concordância verbal morfológica é um afixo, que se comporta como um clítico pronominal. O resultado desta proposta é que não

⁶ Mas com as exceções assinaladas em Barbosa 2011.

há movimento-A do sujeito para verificar o EPP, pois a posição argumental do sujeito destas línguas é pós-verbal.

Como não existe movimento-A nestas línguas, os sujeitos pré-verbais não podem ser sujeitos argumentais; só podem ser sujeitos definidos que participam numa construção de CLLD, ou, expressões indefinidas ou quantificadas geradas por movimento-A'.

Barbosa 2009 afirma também que os traços- ϕ em T devem ser interpretáveis. No entanto, ocorre um problema adotando esta afirmação. Quando o sujeito está realizado, os seus traços- ϕ interpretáveis vão ser redundantes, pois os de T são também interpretáveis. Por isso, Barbosa 2009 afirma que os traços- ϕ em T são não interpretáveis mas valorados, no sentido de Pesetsky e Torrego 2004. Afirma também que T com traços- ϕ valorados não tem traço EPP.

Por isso, a forma da frase com sujeito realizado deve ser a seguinte:

(29) [[T Tns Pers:a, Num:b] [V/vP **DP** Pers:a, Num:b / Case []]]

(Barbosa 2009)

Os traços- ϕ em T são não interpretáveis e vão procurar o DP com traços- ϕ interpretáveis. Assim, estes dois constituintes estabelecem uma relação de sonda e alvo, e, por concordância, os traços- ϕ de T e o caso de DP vão ser eliminados.

Para os casos de sujeito nulo, Barbosa propôs que o elemento nulo é um $\phi_{\min/\max}$ e o T não tem traço EPP. Assim, T vai funcionar como um hospedeiro de incorporação:

(30) [[T Tns [Pers:a, Num:b]] [V/vP $\phi_{\min/\max}$ [Pers:a, Num:b]]]

(Barbosa 2009)

Os traços- ϕ não interpretáveis e valorados de T servem como uma sonda, e o $\phi_{\min/\max}$ serve como um alvo. Por causa da concordância, o conteúdo do alvo fica esgotado, o que vai causar a redução de cadeia. Assim, o $\phi_{\min/\max}$ não se produz e a incorporação está completa. O resultado disto é um sujeito nulo.

Desta maneira, Roberts 2010, Holmberg 2010 e Barbosa 2009 analisaram a natureza do sujeito nulo consistente, defendendo que este tipo de sujeito nulo é resultado da redução de cadeia por concordância dos traços- ϕ .

1.4 Pronome fraco e empobrecimento de ϕ

Roberts 2010 discute ainda porque é que as línguas de sujeito nulo consistente contêm traço D em T. Segundo ele, isto tem a ver com o empobrecimento de ϕ . Segundo Muller 2005, “*an argumental pro DP cannot undergo Agree with a functional head a if a has been subjected (perhaps vacuously) to a ϕ -feature neutralizing impoverishment in the Numeration.*”

As línguas de sujeito nulo consistente têm normalmente concordância verbal rica, o que implica que não há empobrecimento do seu traço- ϕ . As línguas que não sofrem empobrecimento do traço- ϕ contêm o traço-D em T. Desta maneira, *pro* nestas línguas pode ser omitido sob a concordância do traço-D da sonda com a do alvo defeectivo. A consequência é que estas línguas podem ter sujeito nulo definido.

Para uma língua como o inglês, que não tem concordância verbal rica, o traço- ϕ está empobrecido, o que faz com que o T não contenha o traço-D. Por isso, estas línguas não podem ter sujeito nulo definido.

Daqui, podemos ver que o parâmetro do sujeito nulo está mesmo ligado à concordância verbal rica.

Isto é também verificado por Kato 1999. Kato nota que a concordância verbal do PB está a tornar-se menos rica e a perder as propriedades das línguas de sujeito nulo como o PE.

Tanto Roberts como Kato admitem que a perda da concordância verbal rica está relacionada com o aparecimento de um pronome fraco realizado, em línguas como o francês (não sujeito nulo) e PB (sujeito nulo parcial). O redobro do pronome sujeito, que é uma grande propriedade do pronome fraco do PB, é assim também relacionado com o pronome fraco.

(31) A Cláudia ela cozinha que é uma maravilha.

(Barbosa, Duarte e Kato 2005)

Desta maneira, podemos ver que tanto o PE (sujeito nulo consistente) como o PB (sujeito nulo parcial) possuem pronomes fracos. No PE, o sujeito nulo é um ϕ P em Holmberg 2010, e é *pro*⁷ em Roberts 2010. Tanto ϕ P como *pro* são considerados como pronomes fracos. Ou seja, o sujeito nulo no PE é de facto um pronome fraco. No entanto, o pronome fraco no PB é antes um pronome realizado. Desta maneira, o pronome realizado no PE é considerado como um pronome forte. Segundo o princípio de evitar pronome, os pronomes fortes têm de ser evitados sempre que for possível. Isto vai explicar porque línguas como o PE tendem a evitar sujeito realizado, e porque línguas de sujeito nulo parcial não têm esta limitação.

2. Línguas de sujeito nulo sem flexão verbal

2.1 Teorias no quadro de GB

A primeira parte deste capítulo trata das línguas de sujeito nulo com concordância verbal rica. No entanto, algumas línguas, como o chinês e o japonês, podem ter também sujeito nulo na ausência da concordância verbal.

J. Huang 1984, 1989 analisou o sujeito e o objecto nulo do chinês no quadro teórico de GB, de Chomsky 1981, 1982, e afirmou que o sujeito nulo do chinês pode ser um pronominal (*pro* na frase finita e *PRO* na frase infinita) ou uma variável, enquanto o objecto nulo no chinês só pode ser uma variável. Xu 1986 e Yan Huang (= Y. Huang) 1992 estão contra este ponto de vista, defendendo que o quadro teórico de GB não é adequado para o chinês. Xu pensa que o sujeito e o objecto nulo no chinês é uma categoria vazia livre, isto é, muito livre na sua determinação de referência, enquanto Y. Huang considera que o sujeito e o objecto nulo são um facto pragmático, e não sintáctico.

⁷ De facto, o que sugere Roberts 2010 é um $D_{\min/\max}$, mas para facilitar a leitura, o autor continua a usar o termo *pro*.

Vou discutir separadamente as três hipóteses nas sub-seções seguintes.

2.1.1 J. Huang 1984, 1989, J. Huang, Li e Li 2009

J. Huang 1984 verificou que algumas línguas que não têm flexão verbal, como o chinês e o japonês, permitem também omitir o sujeito nas frases finitas. Além disso, o objecto nulo é também legitimado nestas línguas:

(32) *e* kanjian ta le.

e ver ele *past*.

“Viu-o.”

(33) Ta kanjian *e* le.

Ele ver *e* *past*.

“Ele viu (o).”

(J. Huang 1984 p. 533)

Por isso, J. Huang sugeriu que estas línguas asiáticas têm de utilizar um outro sistema para legitimar o sujeito nulo e o objecto nulo. Primeiro, J. Huang enfatizou que o chinês é uma língua orientada para o discurso, em que o tópico é mais proeminente do que o sujeito. As línguas orientadas para o discurso têm a propriedade de admitir a supressão (ing. *deletion*) do NP tópico. O tópico de uma frase pode ser omitido quando pode ser identificado pelo discurso precedente, como, por exemplo, em (34):

(34) Zhongguo₁, *e*₁ difang hen da, *e*₁ renkou hen duo, *e*₁ qihou hen hao.

China *e* espaço muito grande *e* população muito muito *e* clima muito bom

“Quanto à China, a área da terra é muito grande, a população é muito grande, o clima é muito bom.”

(adaptado de J. Huang 1984 p. 549)

Nesta frase complexa, o tópico de todas as frases é o NP “a China”, que se pode omitir

sob a condição de o seu conteúdo ser recuperado pelo contexto discursivo.

J. Huang 1984 defende que o sujeito nulo do chinês pode ser tanto *pro* como variável, enquanto o objecto nulo só pode ser variável. Introduziu ainda a regra de controlo generalizado (=GCR) que estipula que a co-referência de uma categoria vazia (=EC) deve ser feita com o elemento nominal mais próximo, para analisar o sujeito nulo do chinês quando é pronominal:

(35) *The Generalized Control Rule*

An empty pronoun is coindexed with the closest nominal.

(sugerida por J. Huang 1984 p. 552 e reformulada por J. Huang, Li e Li 2009 p. 209)

Vejamos os exemplos seguintes:

(36) [_{VP} Zhangsan₁ shuo *e*₁ mai shu le].

Zhangsan dizer *e* comprar livro *past*.

“O Zhangsan disse que comprou um livro.”

No exemplo (36), segundo J. Huang, a *ec* pode considerar-se como *pro* e vai ser controlada pelo sujeito da frase matriz *Zhangsan*. Ou seja, existe co-referência entre o sujeito matriz e o sujeito nulo encaixado.

(37) [_{Top} Zhege ren₁], [_{VP} Zhangsan shuo *e*₁ neng ying.]

Esta pessoa Zhangsan dizer *e* poder ganhar

“Esta pessoa, Zhangsan disse que pode ganhar.”

No exemplo (37), segundo J. Huang, a *ec* pode considerar-se como uma variável ligada pelo tópico da frase *zhege ren* ‘esta pessoa’.⁸

Os sujeitos nulos nas frases matriz são também deste tipo.

Às vezes, o tópico também pode ser omitido de acordo com a redução de cadeia de

⁸ J. Huang, Li & Li 2009 defende que o tópico deste tipo é gerado por movimento e está sensível ao efeito de ilha.

tópico:

(38) [_{Top} Op₁][_{VP} Zhangsan shuo *e*₁ mai shu le]

Op Zhangsan dizer *e* comprar livro *past*.

“O Zhangsan disse que comprou um livro.”

Neste caso, o operador na posição de tópico pode ser recuperado pelo discurso.

O objecto nulo do chinês funciona também assim.

(39) [_{Top} Zhege ren₁,] [_{VP} Zhangsan₂ bu renshi *e*_{1/*2}]

Esta pessoa Zhangsan não conhecer *e*

“Esta pessoa, o Zhangsan não conhece.”

J. Huang explica porque é que o objecto nulo do chinês não pode ser *pro*. Tomando (20) como exemplo, se o objecto nulo for *pro*, deve ser controlado pelo elemento nominal mais próximo, que é o sujeito da frase matriz *Zhangsan*. Mas, se for assim, esta frase vai violar o princípio B da teoria da ligação, que estipula que o pronominal tem de ser livre localmente.

Às vezes, uma frase pode ter dois tópicos que ligam respectivamente o sujeito e objecto nulo:

(40) [_{Top} Zhangsan₁,][_{Top} zheben shu₂,][_{VP} *e*₁ du guo *e*₂]

Zhangsan este livro *e* ler *past. e*

“O Zhangsan, este livro, leu.”

J. Huang defendeu que as línguas românicas não podem ter sujeitos nulos deste tipo por não serem línguas orientadas para o discurso. Mas várias evidências mostram que as línguas românicas podem ter também categorias vazias analisáveis como variáveis. Assim, Raposo 1986 defende que os objectos nulos no PE são também variáveis.

J. Huang 1984, 1989 afirma também que o chinês tem tanto *pro* como *PRO*. Em J. Huang

1989, o autor defende que *pro* e *PRO* são restringidos pela GCR e que a diferença entre os dois é que *pro* ocorre nas frases finitas enquanto *PRO* ocorre nas frases não finitas. A distinção entre frase finita e não finita depende do verbo da frase matriz. Não vou discutir o caso de *PRO* neste trabalho. J. Huang, Li & Li 2009 reforçam a ideia de GCR e de sujeito nulo como variável ligada pelo tópico.

2.1.2 Xu 1986 e Y. Huang 1992

Xu 1986 argumenta contra as propostas de J. Huang 1984. Os argumentos mais utilizados por ele são o facto de que o objecto nulo no chinês pode não ser variável. Segundo Xu, o objecto nulo no chinês pode não sofrer o efeito de *strong crossover*:

(41) Xiaotou₁ yiwei mei ren kanjian *e*₁.

Ladrão pensar não pessoa ver *e*

“O ladrão pensou que ninguém (o) viu.”

(Xu 1986 p. 78)

Neste frase, o objecto nulo da frase encaixada pode co-referir com o sujeito da matriz. O que Xu 1986 sugere é que o sujeito e o objecto nulo são uma categoria vazia livre (*free empty category* = FEC), que não tem traços específicos e que pode referir-se a qualquer elemento no discurso. Os exemplos seguinte mostram que a FEC pode ser tanto um pronominal como uma anáfora (reflexivo).

(42) a. Zhangsan₁ renwei *e*₁ neng ying

Zhangsan pensar *e* poder ganhar

“O Zhangsan pensa que pode ganhar.”

b. Zhangsan₁ renwei ta₁ neng ying (ta=ele)

“O Zhangsan pensa que ele pode ganhar.”

c. Zhangsan₁ renwei ziji₁ neng ying. (ziji=Ref)

“O Zhangsan pensa que (ele) próprio pode ganhar.”

Nestas frases, a posição do sujeito da frase completiva pode ser ocupada por um (a) sujeito nulo, um (b) pronome normal *ta* ‘ele’ e um (c) reflexivo *ziji* ‘próprio’ e as interpretações das três frases são iguais. Por isso, não é necessário pensar que o sujeito nulo em (42a) é um pronominal, porque pode ser também uma anáfora. Desta forma, Xu defendeu que a FEC deve estar fora do quadro teórico de GB. Esta FEC não tem traços de anafórico nem pronominal. E segundo ele, as categorias vazias devem ser as seguintes:

(43) *Empty categories*

Type1: EC without specified features: FEC

Type2: EC with specified features

- a. [+anaphor, -pronominal]: NP-*trace*
- b. [-anaphor, +pronominal]: *pro*
- c. [+anaphor, +pronominal]: *PRO*
- d. [-anaphor, -pronominal]: *variable*

(Xu 1986 p. 91)

A outra proposta que vai contra J. Huang 1984, 1989 é de Y. Huang 1992. Segundo Y. Huang 1992, o chinês não tem categoria vazia em sintaxe. Todas as categorias vazias no chinês (sujeito e objecto nulo) são categorias vazias pragmaticamente recuperáveis. Y. Huang utiliza o quadro *Neo-Gricean* para analisar a categoria vazia do chinês. No entanto, *Neo-Gricean* é um quadro pragmático, mas não sintáctico. Não vou discutir as análises de Y. Huang neste trabalho.

Em suma, J. Huang defende que o sujeito nulo do chinês pode ser tanto um pronominal como uma variável, enquanto Xu e Y. Huang argumenta contra a proposta de J. Huang.

2.2 As propostas minimalistas de *pro-drop* radical

As teorias de J. Huang 1984, 1989, apesar de serem trabalhos no âmbito da teoria de GB,

continuam a influenciar os trabalhos seguintes ao longo dos anos. Na primeira década de século XXI, surgiram vários trabalhos sobre o sujeito nulo das línguas asiáticas que não têm a flexão verbal. Estas línguas são chamadas línguas de *pro-drop* radical. Os trabalhos principais são os de Tomioka 2003, Neeleman & Szendroi (N & S) 2007, Saito 2007 e Zhao 2009, 2012. Tomioka e Saito reportam-se ao japonês, enquanto N & S tratam tanto do japonês como do chinês. Zhao discute apenas sujeito nulo encaixado do chinês.

2.2.1 As três propriedades da línguas de *pro-drop* radical de Tomioka 2003, N & S 2007 e Saito 2007

Tomioka 2003 analisou o *pro-drop* discursivo (*pro-drop* radical) em termos da semântica. Ele pensa que os pronomes nulos no japonês são NPs apagados, ou seja, elipses de NP. Segundo ele, este fenómeno está relacionado com o facto de o argumento NP ser nu (ing. *bare*), isto é, não tem artigo e consequentemente não projecta DP.

Tomioka 2003 levanta assim a hipótese de que todas as línguas de *pro-drop* discursivo permitem “NPs nus”. Quanto às línguas com DP projectado, segundo o autor, o argumento não pode ser apagado como no japonês porque existe sempre um núcleo-D na sua estrutura DP. Mas, para uma língua sem projecção de DP, nada vai impedir a elipse do argumento NP.

Argumentos de várias línguas apoiam esta hipótese, por exemplo, o chinês, o coreano, o tailandês, o turco e até o português brasileiro.⁹

N & S 2007 analisaram o sujeito nulo do chinês e japonês de um ponto de vista morfológico. Propõem que línguas de *pro-drop* radical têm de ter pronome pessoal aglutinativo para caso (japonês) ou para número (chinês). Por isso, são as características morfológicas que determinam se uma língua é de *pro-drop* radical ou não.

Numa frase como (44), podemos ver que o japonês tem caso, mas não tem o caso fusional como muitas línguas europeias. Por exemplo, no inglês, a forma nominativa da terceira

⁹ Segundo alguns autores, por exemplo Duarte & Kato 2008, o português brasileiro é também uma língua orientada para o discurso. Veja-se também Barbosa 2011.

pessoa singular é *he* e a forma acusativa é *him*. Mas no japonês, como mostra o exemplo (44), a palavra *kare* ‘ele’ pode representar tanto a forma nominativa como a forma acusativa da terceira pessoa singular. Se for nominativa, vai-se adicionar um marcador *ga* ao fim da palavra (*kare-ga*); se for acusativa, adiciona-se o marcador *o* no fim da palavra (*kare-o*). Neste caso, o pronome não muda, e os marcadores de *ga* ou *o* são obviamente elementos externos ao pronome. Esta é a grande diferença entre línguas com caso aglutinativo e línguas com caso fusional.

(44) *Kare-ga kare-o setokusuru* (Japonês)

he-NOM he-ACC persuade

“*he persuaded him.*”

(N & S 2007)

O chinês comporta-se diferentemente do japonês, porque não tem marcadores de caso. Isto significa que os pronomes de nominativo e acusativo têm formas idênticas. Por exemplo, *wo* ‘eu’ pode ser nominativo ou acusativo. Porém, o chinês tem número aglutinativo, como indica o paradigma do pronome pessoal do chinês apresentado em (45):

(45) 1ª pessoa: <i>wo</i> (eu)	<i>wo-men</i> (nós)
2ª pessoa: <i>ni</i> (tu)	<i>ni-men</i> (vós)
3ª pessoa: <i>ta</i> (ele/ela)	<i>ta-men</i> (eles/elas)

Podemos ver que a forma plural dos pronomes pessoais no chinês é a forma singular mais uma palavra *men*, que é o marcador de plural. Mas este *men* é obviamente um elemento externo ao próprio pronome.

Saito 2007 pensa que o *pro-drop* radical do japonês está relacionado com a elipse de argumentos. Utiliza a análise de cópia em Forma Lógica (LF) para analisar o *pro-drop* radical. A ideia nuclear dele é que o *pro-drop* radical é uma elipse de argumento na Forma

Fonética (PF), ou seja, uma omissão da realização fonética. Mas, em LF, vai existir uma cópia de argumento. Este processo de cópia está apenas disponível nas línguas sem concordância. Por isso, a ideia de Saito 2007 é que o *pro-drop* radical só ocorre nas línguas sem concordância.

Até aqui, podemos ver que Tomioka 2003, N & S 2007 e Saito 2007 mostraram três características das línguas de *pro-drop* radical, tais como a falta de artigo definido interpretada como ausência de projecção de DP, a falta de caso fusional e a falta de concordância. Acho que estas três características são as mais relevantes para este grupo de línguas. Outra coisa que merece a pena notar é que, segundo estes autores, o sujeito nulo do tipo do japonês e do chinês pode não ser um pronominal, mas antes um NP. Há ainda possibilidade de que o sujeito nulo e o objecto nulo destas línguas sejam uma elipse de argumento, e não correspondam a nenhuma categoria vazia. Na secção 3, vou defender que a proposta de J. Huang é superior a esta proposta que considera o sujeito nulo do chinês como elipse.

2.2.2 Zhao 2009, 2012

O estudo de Zhao 2009, 2012 limita-se ao sujeito nulo encaixado. Segundo ela, o sujeito nulo encaixado do chinês pode dividir-se em dois grupos: sujeito nulo de natureza sintáctica e sujeito nulo da natureza discursiva. Zhao começa por mostrar que o chinês permite reflexivo a longa distância. O sujeito nulo encaixado pode ser um reflexivo nulo se for co-referente com o sujeito da matriz. Caracteriza este caso como sujeito nulo sintáctico. Porém, se o sujeito encaixado for disjunto do sujeito da matriz, a ausência da sua realização fonológica deve ser a consequência de uma redução de cadeia, em que a cabeça da cadeia é o tópico da frase. Assim, a frase seguinte no chinês pode ter duas interpretações:

(46) Zhangsan₁ shuo *e*_{1,2} renshi Lisi.

Zhangsan dizer *e* conhecer Lisi

“O Zhangsan diz que conhece o Lisi.”

(Zhao 2012)

Segundo J. Huang 1984, nesta frase, se o sujeito nulo for co-referente com o da matriz, é um *pro*; se o sujeito nulo for disjunto do da matriz, é uma variável (veja-se 2.1.1). Zhao verificou que se se substituir o sujeito nulo por um reflexivo *ziji* ‘próprio’, a frase é também correcta e o reflexivo refere-se a *Zhangsan* (leitura de co-referência), segundo Cole & Sung 1994.

(47) Zhangsan₁ shuo ziji₁ renshi Lisi.

Zhangsan dizer *Ref.* conhecer Lisi

“O Zhangsan diz que (ele) próprio conhece o Lisi.”

Por isso, Zhao pensa que o sujeito nulo encaixado do chinês pode ser um reflexivo nulo, quando existe a co-referência com o sujeito da matriz.¹⁰

Zhao tentou analisar esta hipótese através da proposta de redução de concordância de Roberts 2007, tomando a frase (46) como exemplo. Primeiro, a autora assume que C da frase encaixada vai actuar como uma sonda para o reflexivo *ziji* na sua posição base e valorar o seu caso como nominativo. O *ziji* pode mover-se até C da frase encaixada, segundo Cole e Sung 1994, e contém traços- ϕ não interpretáveis. Neste momento, o sujeito da matriz *Zhangsan* está em Spec vP e contém os traços seguintes: +D, +N, ϕ de 3ª singular e caso não interpretável. Por isso, o sujeito *Zhangsan* vai ser uma sonda para *ziji* para valorar os seus traços- ϕ s. Desta forma, tanto *Zhangsan* como *ziji* têm traço +N, traços- ϕ de 3ª singular e caso nominativo. O *Zhangsan* tem ainda um traço +D. Os traços de *ziji* estão apropriadamente incluídos em *Zhangsan* e, segundo a redução de concordância de Roberts 2007, *ziji* pode ser apagado para formar um reflexivo nulo. Zhao pensa que é nisto que consiste o sujeito nulo encaixado sintáctico do chinês.

No entanto, frases como (47) podem ter uma outra interpretação:

¹⁰ De facto, Xu 1986 já apontara que o sujeito nulo no chinês pode ser um reflexivo nulo.

(48) P: Lisi₁ qu guo Lundun ma?

Lisi ir *past.* Londres *inter.*

“O Lisi já foi a Londres?”

R: Zhangsan shuo *e*₁ qu guo Lundun

Zhangsan dizer *e* ir *past.* Londres

“O Zhangsan disse que foi a Londres.”

(Zhao 2012)

Nesta frase, o sujeito nulo encaixado vai referir-se ao *Lisi*, que é um elemento na frase precedente. Zhao pensa que esta interpretação é consequência de movimento. A posição original da palavra *Lisi* é a posição de sujeito da frase encaixada da resposta (SpecCP da frase encaixada). Depois, *Lisi* move-se fase a fase até ao SpecCP da frase matriz, para a posição dedicada a elementos topicalizados. Segundo a redução de cadeia, todas as cópias inferiores vão ser apagadas, incluindo a da posição de sujeito da frase encaixada. Como o chinês é uma língua orientada para o discurso, segundo J. Huang 1984, um tópico pode também ser apagado, se partilhar identidade com um elemento na frase precedente. Desta forma, *Lisi* na frase resposta, já se moveu para a posição de tópico e também pode ser eliminado. Zhao pensa que é nisto que consiste o sujeito nulo encaixado discursivo.

Zhao argumenta que o sujeito nulo encaixado do chinês pode ser um reflexivo nulo. Na secção 3, vou defender que a proposta de J. Huang é também superior à proposta de Zhao.

3 Discussão e conclusão

Existem três propriedades fundamentais do sujeito nulo em línguas do tipo do chinês: a falta de artigo definido (argumentado por Tomioka 2003), a ausência do caso fusional (argumentado por N & S 2007) e a falta da concordância (argumentado por Saito 2007). Considero que são estas três propriedades, no seu conjunto, que constituem os factores que levam o chinês a ser uma língua de sujeito nulo *radical*. Este aspecto merece ser explorado em trabalhos futuros.

Existem quatro ideias sobre a natureza categorial/estrutural do sujeito nulo no chinês: a

hipótese de J. Huang 1984, 1989, que defende que o sujeito nulo do chinês pode ser *pro* ou variável; a proposta de Saito 2007, que defende que o sujeito nulo das línguas de *pro-drop* radical é apenas uma elipse de argumento¹¹; a hipótese de Zhao 2009, 2012, que pensa que o sujeito nulo pode ser um reflexivo nulo (uma instância de anáfora a longa distância) ou gerado por movimento; a proposta de Y. Huang que argumenta que o sujeito nulo do chinês é um fenómeno pragmático e não sintáctico. A ideia de “categoria vazia livre” de Xu 1986 deve ser excluída, porque, segundo o Programa Minimalista, uma categoria sem traços deve ser eliminada.

Se a hipótese de que o sujeito nulo do chinês é elipse estiver correta, então o sujeito nulo não é necessariamente uma categoria vazia de natureza pronominal, porque pode ser simplesmente um NP omitido/apagado que pode ser recuperado através do discurso.

No entanto, existem no chinês alguns contextos em que o sujeito nulo é rejeitado, ou em que uma determinada leitura de sujeito nulo é impossível, nomeadamente os casos de ilha sugeridos por J. Huang 1984 e J. Huang, Li e Li 2009.

(49) Zhangsan₁, wo xihuan [*e**₁ changge de shengyin] NP complexo

Zhangsan eu gostar *e* cantar *comp.* voz

“O Zhangsan, eu gosto da voz com que canta.”

(adaptado de J. Huang, Li e Li 2009 p. 210)

(50) Lisi₂, Zhangsan₁ [zai *e**₂ chifan de shihou] xiao le. Adjunta adverbial

Lisi Zhangsan quando *e* almoçar tempo sorrir *past.*

“O Lisi, o Zhangsan sorriu quando almoçava.”

(A frase entre parênteses é a adjunta adverbial)¹²

Se a proposta de elipse estivesse correcta, nada impediria a gramaticalidade e plena aceitabilidade destas duas frases. Os sujeitos nulos encaixados poderiam ser considerados como NPs co-referentes com os tópicos das frases, podendo, seguidamente, estes NPs ser omitidos, dado que poderiam ser recuperados pelos tópicos. Mas isto, de facto, não

¹¹ A ideia de Tomioka 2003, que defende que o sujeito nulo é elipse de NP, é parecida com a de Saito 2007. Ambas os trabalhos são para o japonês.

¹² No chinês, a expressão *zai ... de shihou* ‘quando’ constitui a adjunta adverbial temporal.

acontece.

Pelo contrário, a proposta de J. Huang 1984 (reformulada em J. Huang, Li e Li 2009) consegue explicar isto. Segundo esta proposta, o sujeito nulo encaixado deve ser uma variável¹³ ligado pelo tópico da frase. O tópico estava inicialmente na posição de sujeito nulo e depois A'-moveu-se para a posição de tópico. Mas, como este processo envolve um domínio ilha, vai ser impedido pelo efeito da ilha forte. Por isso, a proposta de Huang consegue explicar a agramaticalidade destas duas frases, e é superior à proposta de que o sujeito nulo do chinês é uma elipse.

Quanto à proposta de Zhao 2009, 2012, Zhao não trata do sujeito nulo matriz e defende que o sujeito nulo encaixado do chinês pode ser um reflexivo nulo. No entanto, verifico que é difícil explicar alguns casos se assumir que o sujeito nulo é um reflexivo. Segue-se um exemplo de J. Huang 1984:

(51) Zhangsan₁, [*e*₁ changge de shengyin] hen haoting.

Zhangsan *e* cantar comp. voz muito boa

“O Zhangsan, a voz com que canta é bonita.”

(J. Huang 1984 p. 560)

Segundo Huang, o sujeito nulo na frase encaixada deve ser um *pro* controlado pelo tópico *Zhangsan*. No entanto, acho que é impossível pensar que o sujeito nulo é um reflexivo nulo, porque a frase seguinte é problemática:

(52) Zhangsan₁, [??ziji₁ changge de shengyin] hen haoting

“O Zhangsan, a voz com que (ele) próprio canta é bonita.”

O mesmo acontece nas frases de adjunta adverbial:

(53) Zhangsan₁ [zai *e*₁/?ziji₁ chifan de shihou] xiao le.

¹³ J. Huang apontou que o sujeito nulo também não pode ser *pro*. Se for isso, *pro* vai referir-se ao sujeito da matriz e não ao tópico da frase. Desta maneira, o tópico não tem a ver com a frase e a frase é também problemática.

“O Zhangsan sorriu quando (ele) próprio almoçava.”

Além disso, quando a distância do reflexivo relativamente ao antecedente é muito longa, o sujeito nulo encaixado parece ser também inaceitável, embora o reflexivo de longa distância não sofra esta influência. Na frase seguinte, como o chinês permite anáfora a longa distância, o reflexivo *ziji* pode referir-se a *Zhangsan*. Mas, se o *ziji* for nulo, esta leitura é menos plausível:

(54) Zhangsan₁ yiwei [Lisi₂ zhidao [_{?e₁/ziji₁} bu hui lai]]

Zhangsan pensar Lisi saber *e* / *Ref.* não ir vir

“O Zhangsan pensa que o Lisi sabe que não vai vir.”

Por isso, julgo que a proposta de J. Huang é superior à proposta de Zhao¹⁴ e à proposta de Saito, entre outros. Deste modo, considero que o sujeito nulo na frase finita do chinês pode ser tanto um *pro* (na frase encaixada) como uma variável (na frase matriz e encaixada). Não vou discutir a hipótese de Y. Huang, porque esta é de natureza pragmática e não de sintaxe.

Consideremos seguidamente o caso do português. No quadro teórico de GB, o sujeito nulo numa língua como o português é considerado um *pro*. No PM, alguns autores (Roberts e Holmberg) defendem que o sujeito nulo é de facto o resultado de um processo de eliminação de alguns traços através da operação de concordância (Agree). Em Roberts 2010, o sujeito nulo é considerado como *pro* que estabelece uma relação de sonda e alvo com o T, devido ao facto de ambos conterem traços- ϕ e caso correspondentes. O resultado é que os traços de *pro* se esgotam e *pro* fica sem realização fonética. A proposta de Holmberg 2010 é baseada em Roberts 2010. Em Holmberg 2010, o sujeito nulo é considerado como um ϕP , que vai incorporar-se com o T pelo facto de ambos possuírem traços- ϕ correspondentes. O resultado desta operação é também a eliminação da

¹⁴ Zhao também afirma que o sujeito nulo encaixado do chinês pode ser gerado por movimento, mas ela não analisou os casos de ilha.

realização fonética de ϕ P.

Tanto o *pro* de Roberts como o ϕ P de Holmberg são considerados como pronomes fracos, enquanto o pronome realizado de línguas como o PE é considerado como pronome forte. Alguns autores até afirmam que esse pronome forte, quando aparece em posição pré-verbal deve estar numa posição A' (Barbosa 1995, 2000, 2009, Kato 1999, entre outros).

Barbosa defende que o sujeito nulo pré-verbal do PE ocorre numa construção de CLLD e que a única posição-A é a pós-verbal. Contra esta proposta, Costa & Duarte 2002 apresentaram vários argumentos que mostram que as expressões nominais em CLLD não funcionam como o sujeito pré-verbal e que a posição-A não é apenas a pós-verbal. Mais precisamente, Costa 2000, 2004 e Costa & Duarte 2002 mostram que as orações do PE de ordem VSO ou VOS só aparecem em certos contextos e só com certas interpretações. Nem todas as frases podem ter a inversão de sujeito-verbo e algumas frases com certas interpretações têm obrigatoriamente a ordem SVO. Por isso, as hipóteses de Barbosa de que o sujeito pré-verbal é CLLD e a posição-A é pós-verbal não conseguem explicar os fenómenos verificados por Costa 2000, 2004 e Costa & Duarte 2002.

De qualquer maneira, segundo o princípio de evitar pronome, os pronomes fortes são aqueles que devem ser evitados. Por isso, fica explicado o fenómeno de que é preferencial omitir o sujeito sempre que for possível no PE. Na secção seguinte, vou discutir a distribuição do antecedente do pronome forte (sujeito realizado) e fraco (sujeito nulo) numa perspectiva pragmática.

4. As características do sujeito nulo do português europeu e do chinês

4.1 Estado geral

Tanto o português europeu como o chinês são línguas de sujeito nulo. O sujeito nulo do português é legitimado pela concordância verbal rica. No entanto, não existe concordância verbal no chinês, por isso, o sujeito nulo do chinês deve ser legitimado por um outro mecanismo. J. Huang 1984, 1989 defende que o sujeito nulo do chinês pode ser

um *pro* controlado por uma entidade superior, ou ser uma variável ligada por um tópico da frase. Zhao 2009, 2012 defende que o sujeito nulo encaixado do chinês pode ser um reflexivo nulo ou um tópico nulo. Desta forma, é possível que as duas línguas tenham propriedades diferentes relativamente ao sujeito nulo.

4.2 As propriedades do português

Vamos primeiro ver o caso do português. Segundo Chomsky 1981, 1982, e Rizzi 1982, 1986, as línguas de sujeito nulo como o português têm as propriedades seguintes:

(55) (i) sujeito nulo referencial (ii) expletivo nulo (iii) inversão livre (iv) ausência do efeito *that*-trace.

Estas propriedades são consideradas como propriedades morfológicas e sintáticas do português, porque se devem à fixação do valor positivo ao parâmetro do sujeito nulo.

Na secção anterior, propus que o sujeito nulo numa língua como o PE é um pronome fraco, enquanto o sujeito realizado é um pronome forte. Numa perspectiva pragmático-discursiva, os pronomes fraco e forte divergem na selecção do antecedente. Alguns autores defendem que o sujeito nulo das línguas de sujeito nulo como o PE tende a procurar um antecedente mais saliente, enquanto o sujeito realizado tende a procurar um antecedente menos saliente (cf., entre outros, Ariel 1988, 2001, Costa, Faria & Matos 1998, 1999, para o português europeu e Carminati 2002, para o Italiano). Por exemplo, Carminati 2002 defende que a posição de sujeito é saliente em termos de sintaxe e, por isso, o sujeito nulo vai procurar um antecedente na posição de sujeito (que é no SpecIP), enquanto um sujeito realizado vai procurar um antecedente na posição de não sujeito, que é menos saliente.

Morgado 2012, por seu lado, defende que a hipótese de Carminati 2002 só funciona nas construções intra-frásicas com frase matriz na voz activa. Nas construções inter-frásicas

ou construções intra-frásicas com frase matriz na voz passiva¹⁵, tanto o sujeito nulo como o sujeito realizado vai procurar um antecedente na posição de sujeito. Luegi 2012 afirma que a definição do antecedente do sujeito pronominal envolve vários factores, incluindo a função sintáctica e a posição estrutural, e não é um factor.

Do mesmo modo, tal como refere Lobo (no prelo), a distribuição do sujeito nulo e realizado obedece a condições pragmático-discursivas definidas. Apresenta-se seguidamente as propriedades pragmático-discursivas propostas por Madeira et al 2009, tendo como centro da sua análise o PE:

(56) (i) os sujeitos realizados são usados para introduzir novos referentes:

Ex: Eu cheguei a casa às 9 horas. O João/ele/*pro já tinha jantado.

(ii) os sujeitos realizados pronominais são usados nas situações com ambiguidade referencial

Ex: O João e a Maria conhecem-se há muito tempo. Ele/*pro trabalha em Lisboa,

(iii) os sujeitos realizados, expressões referenciais plenas ou pronominais são usados para marcar focos contrastivos

Ex: A Maria/Ela/*pro fez o trabalho. O João não.

(iv) os sujeitos nulos são usados preferencialmente se o referente é conhecido

Ex: O João chegou ontem. ?Ele/pro vinha muito cansado. ??Ele/pro tinha feito uma longa viagem.

(Madeira et al 2009 p. 167)

Estas propriedades acima ocorrem principalmente nas frases matriz, mas penso que o PE ainda tem propriedades dos sujeitos nulos nas frases encaixadas.

Normalmente, no PE é preferencial usar sujeito nulo na frase encaixada se existe

¹⁵ Morgado 2012, considerando o português europeu, defende que, no âmbito da semântica, a entidade com valor temático de agente é mais saliente e, por isso, o sujeito nulo vai procurar um antecedente com papel temático de agente e o sujeito realizado vai procurar um antecedente com outros papéis temáticos. Isto quer dizer que, nas construções intra-frásicas, se a matriz estiver na voz passiva, a posição mais saliente não é a do sujeito, porque o agente vai estar no PP pós-verbal. Contudo, esta afirmação parece não estar consistente com o caso do sujeito nulo, mas sim com o caso do sujeito realizado.

co-referência entre o sujeito da matriz e o da encaixada e usar sujeito realizado na frase encaixada se existe referência disjunta. Na compreensão também é assim: um sujeito nulo encaixado é preferencialmente interpretado como co-referente com o sujeito pré-verbal da frase matriz, ou seja, um sujeito nulo encaixado vai procurar um antecedente na posição estrutural de sujeito (que muitas vezes o *c*-comanda localmente); e um sujeito realizado é preferencialmente interpretado como disjunto relativamente ao sujeito da frase matriz, ou seja, um sujeito realizado vai procurar um antecedente numa posição estrutural menos proeminente, numa posição de não sujeito. Estas propriedades, na fronteira entre a sintaxe e a pragmática (de facto, os sujeitos preverbiais são discursivamente interpretados como tópicos não-marcados), são apresentadas por vários autores, nomeadamente, para o PE, por Brito 1991 Costa Faria & Matos 1998, 1999, Barbosa 2009, Costa & Ambulate 2010, Morgado 2012. Os exemplos em (57) e (58) ilustram-nas para as frases completivas e os exemplos (59) e (60) para as frases adverbiais:

(57) O João₁ disse que *pro*₁ gosta de futebol.

(58) O João₁ disse que ele?_{1/2} gosta de futebol.

(59) O João₁ comprou um jornal quando *pro*₁ saiu do metro.

(60) O João₁ comprou um jornal quando ele?_{1/2} saiu do metro.

Estas são as propriedades pragmático-discursivas ou na fronteira entre a sintaxe e a pragmática do sujeito nulo e realizado do português europeu.

4.3 As propriedades do chinês

Vejam agora se o chinês também tem estas propriedades.

Quanto às propriedades morfológicas e sintáticas, o chinês permite sujeitos nulos referenciais, e também tem expletivo nulo¹⁶. No entanto, o chinês não tem inversão livre,

¹⁶ No entanto, acho que também existem casos em que o expletivo está realizado, especialmente na oralidade, mas este não é o foco da minha tese.

sendo a única possibilidade de inversão no chinês a inversão locativa. A inversão quando o sujeito é foco informacional é impossível no chinês.

Do mesmo modo, o efeito de *that-trace* em chinês não pode estar relacionado com a questão do sujeito nulo por o chinês ser uma língua de *wh-in-situ* e não exibir complementadores nas frases completivas.

Quanto às propriedades pragmático-discursivas, o chinês também utiliza sujeitos realizados para introduzir novos referentes:

(61) Wo₁ jiu dian huidao jia. Lisi/e_{1, #2} yijing chi guo le.

Eu 9 hora voltar casa Lisi/e já comer *perf. past.*

“Eu cheguei à casa às 9h. O Lisi já tinha jantado.”

Neste exemplo, como não existe concordância verbal no verbo *chi* ‘comer’, um sujeito nulo na segunda frase é também possível, mas só pode referir-se ao sujeito da primeira frase (referente conhecido), e não a uma outra entidade.

O chinês também utiliza sujeitos realizados nas situações de ambiguidade:

(62) Wo he Zhangsan yijing renshi hen jiu le. Wo/Ta/#e Zai Beijing gongzuo.

Eu e Zhangsan já conhecer muito longo *past.* Eu/ele/e em Pequim trabalhar.

“Eu e o Zhangsan já nos conhecemos há muito tempo. Trabalho/trabalha em Pequim.”

Neste caso, *wo* ‘eu’ é da primeira pessoa e *Zhangsan* é da terceira pessoa, mas como não há concordância verbal no verbo *gongzuo* ‘trabalhar’, a frase com sujeito nulo continua a ser ambígua. Por isso, um pronome realizado é necessário para desambiguar.

O chinês, como o português europeu, também utiliza sujeitos realizados para marcar focos contrastivos. Isto é evidente no exemplo seguinte:

(63) Zhangsan/ta/*e chi le dangao. Lisi mei chi.

Zhangsan/ele/e comer *past.* bolo. Lisi não comer

“O Zhangsan comeu o bolo. O Lisi não comeu.”

O chinês também utiliza sujeito nulo se o referente for conhecido:

(64) Zhangsan₁ huida_o jia. _e₁ Gandao hen lei.

Zhangsan voltar casa e sentir muito cansado

“O Zhangsan voltou para casa. Sentiu-se muito cansado.”

No entanto, uma grande diferença distingue o chinês do português: no português, o uso do sujeito nulo nesta situação é preferencial, mas, no chinês, existe uma igualdade de possibilidades de uso do sujeito nulo e realizado.

Vejamos agora os casos das frases encaixadas. Segundo os exemplos de (57) a (60), podemos ver que o PE tem uma preferência pela co-referência com o sujeito da matriz no uso e compreensão do sujeito nulo encaixado. Porém, o chinês não tem necessariamente esta preferência. Por exemplo, as frases (65) e (66) podem ter interpretações idênticas: ambas admitem duas interpretações (a co-referente e a disjunta entre o sujeito da matriz e o sujeito da encaixada) e nenhuma delas é preferencial:

(65) Zhangsan₁ shuo _e_{1/2} xihuan zuqiu

Zhangsan dizer e gostar futebol

“O Zhangsan disse que gosta de futebol.”

(66) Zhangsan₁ shuo ta_{1/2} xihuan zuqiu

Zhangsan dizer ele gostar futebol

“O Zhangsan disse que ele gosta de futebol.”

Por vezes, a leitura co-referente entre o sujeito da matriz e o sujeito nulo da encaixada é rejeitada. É o que acontece se o verbo da encaixada pertencer a certas classes de verbos, por exemplo o verbo *shi* ‘ser’; porém, isto não acontece com os sujeitos realizados na frase encaixada:

(67) Zhangsan₁ shuo *e*_{?1/2} shi yige hao xuesheng

Zhangsan dizer *e* ser um bom estudante

“O Zhangsan disse que é um bom estudante.”

(68) Zhangsan₁ shuo ta_{1/2} shi yige hao xuesheng

Zhangsan dizer ele ser um bom estudante

“O Zhangsan disse que ele é um bom estudante.”

Estes dois exemplos mostram que a preferência de compreensão do português da frase (57) pode não funcionar com o sujeito nulo do chinês, e a leitura marginal do português da frase (58) é muito natural com o sujeito realizado do chinês. Penso que isto é uma diferença entre o sujeito nulo e realizado entre o português europeu e o chinês.

No entanto, no que diz respeito ao sujeito nulo na frase adjunta adverbial, o chinês é semelhante ao português, pois só a leitura de co-referência com o sujeito matriz é possível:

(69) Zhangsan₁ [zai *e*_{1/#2} chifan de shihou] xiao le

Zhangsan quando *e* comer tempo sorrir past.

“O Zhangsan sorriu quando comia.”

Isto acontece porque o sujeito nulo em construções de ilha não pode ser variável, por causa do efeito de ilha forte, como sugerido por J. Huang 1984. Mas se o sujeito na ilha estiver realizado, vai continuar a ter tanto a leitura co-referente como a leitura disjunta, como no caso de completiva:

(70) Zhangsan₁ [zai ta_{1/2} chifan de shihou] xiao le.

Zhangsan quando ele comer tempo sorrir past.

“O Zhangsan sorriu quando ele comia.”

Os exemplos acima mostram que o sujeito nulo encaixado do chinês pode ter duas

interpretações, e estas duas interpretações (*pro* ou variável) estão equilibradas (nenhuma leitura é preferencial). Só nos casos das ilhas é que apenas a leitura de *pro* é possível. Mas quando o contexto discursivo implica fortemente uma leitura, acho que o sujeito nulo só pode ter uma interpretação:

- (71) Lisi₂ chi le sange binggunr. Zhangsan₁ shuo *e*_{??1/2} bu yinggai chi zheme duo binggunr.
 Lisi comer *past.* três gelado Zhangsan dizer *e* não dever comer tanto muito gelado
 “O Lisi comeu três gelados. O Zhangsan disse que não deve comer tantos gelados.”

Neste caso, como o contexto impõe fortemente a leitura de que “o Zhangsan disse que o Lisi não deve comer tantos gelados”, penso que a interpretação do sujeito nulo é única, que é a de variável ligada por *Lisi*.

Mas se o contexto for neutro, ou seja, não implicar fortemente nenhuma leitura, penso que o sujeito nulo continua a ter duas interpretações e a frase é ambígua:

- (72) Zhangsan₁ chi le sige binggunr, Lisi₂ chi le sange. Zhangsan₁ shuo *e*_{1/2/1+2} bu yinggai chi zheme duo binggunr.
 Zhangsan comer *past.* quatro gelado, Lisi comer *past.* três Zhangsan dizer *e* não dever comer tanto muito gelado
 “O Zhangsan comeu quatro gelados e o Lisi comeu três. O Zhangsan disse que não deve comer tantos gelados.”

Aqui, como não existe concordância verbal no verbo *yinggai* ‘dever’, a frase até pode significar que “o Zhangsan disse que eles os dois não podem comer tantos gelados.”¹⁷

Resumindo, estas são as propriedades sintáticas e pragmático-discursivos do sujeito nulo

¹⁷ Para ter esta leitura, a segunda frase deve conter um tópico nulo que liga o sujeito nulo encaixado. Este tópico nulo refere-se o *Zhangsan* e o *Lisi*.

do chinês. Penso que existem mesmo algumas diferenças entre o uso e compreensão do sujeito nulo do português e do chinês.

Capítulo II A aquisição de L2

Segundo alguns autores, tais como Sorace & Filiaci 2006, Tsimpli et al 2004, Tsimpli & Sorace 2006, Montrul & Rodriguez-Louro 2006, Margaza & Bel 2006, Rothman 2007, 2008, Belletti, Bennati & Sorace 2007, Lozano 2009, os aspectos pragmáticos são mais difíceis na aquisição de L2 do que os aspectos puramente sintáticos. Por isso, este capítulo está dividido em duas partes. Na primeira parte vou discutir algumas propostas apresentadas na literatura sobre a aquisição dos aspectos sintáticos em L2. Na segunda parte, vou discutir alguns estudos sobre a aquisição dos aspectos pragmático-discursivos, nomeadamente a Hipótese de Interface.

1 Os aspectos sintáticos da aquisição de L2

1.1 Princípios e Parâmetros na aquisição de L2

O ser humano nasce com uma capacidade de saber línguas, que decorre da sua faculdade de linguagem, mais precisamente, da gramática universal (UG). A UG determina quais as gramáticas possíveis e quais as gramáticas impossíveis e oferece um inventário das categorias e traços possíveis. Segundo Chomsky 1981, a UG consiste num sistema de regras e de princípios e parâmetros. Os princípios são as condições gerais para todas as línguas naturais faladas no mundo, enquanto os parâmetros são os aspectos em que línguas diferentes podem variar. As gramáticas de todas as línguas dos seres humanos são restringidas por princípios e parâmetros.

O estado inicial da uma criança é a UG. Nessa altura, a criança ainda não tem nenhuma gramática de uma língua particular. A UG só lhe oferece os princípios sobre como deve ser uma gramática (S_0). Depois de contacto com o *input* da língua materna ($L1$), a criança consegue ir reestruturando sucessivamente a sua gramática, valorando os traços da sua $L1$ (G_1 a G_n). Finalmente, vai chegar ao estado final da sua língua materna, com todos os parâmetros valorados adequadamente (S_s). A figura seguinte representa o processo de aquisição da $L1$:

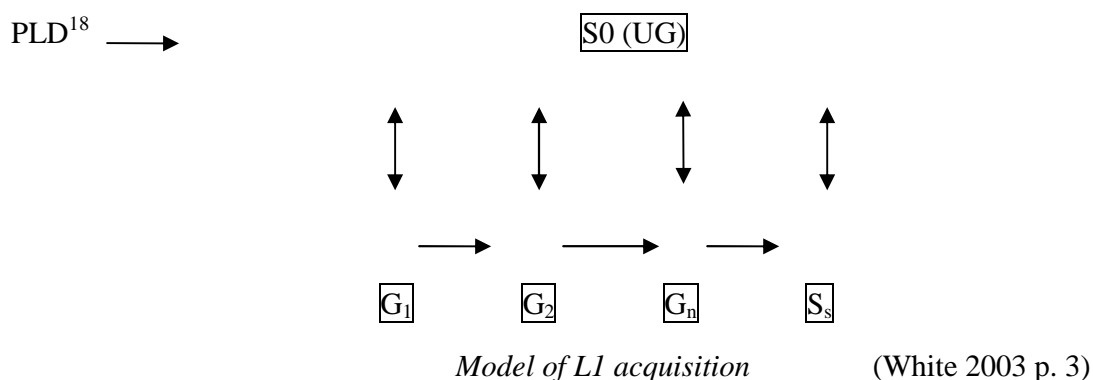


Figura 1 Modelo da aquisição da L1

No entanto, a aquisição de língua segunda (L2) pode não ser idêntica à de L1, porque os aprendentes já possuem a gramática da sua língua materna. Uma das questões centrais das investigações sobre a aquisição da L2 é determinar se os aprendentes vão usar a UG para construir a sua gramática de L2, tal como fizeram para estabelecer a sua L1.

Alguns autores tais como Flynn 1987, White 1985, 1989 são a favor da proposta de Acesso Completo (ing. *Full Access*), que sugere que a gramática da L2 é completamente restringida pela UG, o que quer dizer que, a aquisição da L2 é muito semelhante à aquisição da L1; outros autores, tais como Bley-Vroman 1990, Clahsen & Muysken 1986 e Schachter 1988, propõem que a gramática da L2 não é restringida pela UG, e que a aquisição de L2 é diferente da aquisição de L1 em aspectos cruciais. Esta proposta é designada de Não Acesso (ing. *No Access*) ou de Acesso Parcial (ing. *Partial Access*)

Seguidamente veremos como é que os diferentes autores caracterizam o estado inicial de aquisição da L2.

1.2 O estado inicial

Na aquisição da L2, o estado inicial é considerado como os conhecimentos linguísticos não conscientes com que os aprendentes começam a construir a gramática. Há várias propostas sobre o estado inicial. White 2003 apresenta as principais: a hipótese da

¹⁸ PLD = *primary linguistic data*

Transferência Completa e Acesso Completo (ing. *Full transfer and full access*), a hipótese das Árvores Mínimas (ing. *Minimal trees*), a hipótese dos Traços não Valorados (ing. *Valueless features*) a hipótese do Acesso Completo (sem Transferência) (ing. *Full Access (without Transfer)*)).

(i) Hipótese da Transferência Completa e Acesso Completo

Segundo Schwartz & Sprouse 1994, 1996, o estado inicial é de facto toda a gramática da L1. Quando a gramática da L1 não consegue corresponder às propriedades mostradas através do *input* da L2, os aprendentes têm acesso à UG para reconstruir a sua gramática da L2.

Aqui, ‘transferência completa’ significa que os aprendentes vão transferir todas as propriedades da gramática da L1 para a da L2. ‘Acesso completo’ significa que, ao longo do processo da aprendizagem, eles conseguem reconstruir gramáticas que são diferentes da da L1, utilizando completamente a UG.

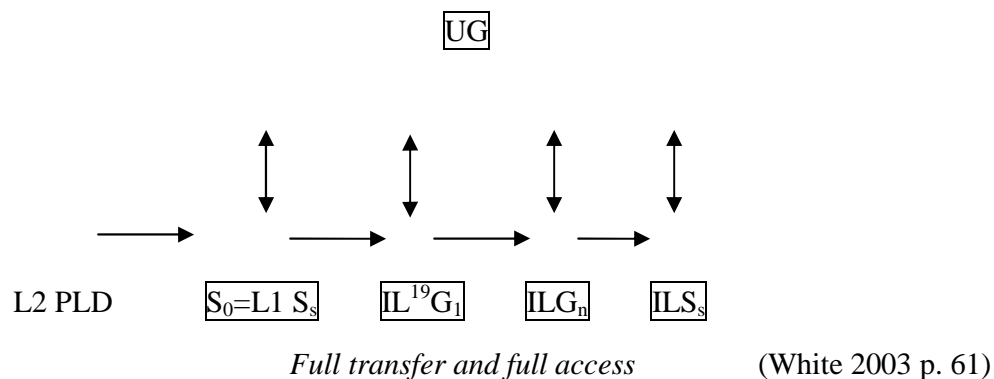


Figura 2 Modelo de Transferência Completa e Acesso Completo

(ii) Hipótese das Árvores Mínimas

A hipótese das Árvores Mínimas é diferente da hipótese de Transferência Completa e Acesso Completo. Segundo Vainikka & Young-Scholten 1994, 1996 a, b, as categorias funcionais da L1 não podem ser transferidas para o estado inicial da L2, ou seja, a gramática inicial da L2 não tem aspectos funcionais e só contém categorias lexicais. As

¹⁹ IL = *interlanguage*

categorias funcionais da L2 só vão surgir ao longo do desenvolvimento, e de forma *bottom up*.

(iii) Hipótese dos Traços não Valorados

Segundo Eubank 1993/94, 1996, a hipótese dos Traços não Valorados é diferente da hipótese das Árvore Mínimas, na medida em que admite que as categorias funcionais da L1 são possíveis no estado inicial da L2, só que os traços estão todos não especificados. Ao longo do processo da aprendizagem, os aprendentes conseguem valorar os traços.

(iv) Hipótese do Acesso Completo sem Transferência

As primeiras três hipóteses, mesmo que não sejam idênticas, sugerem que o estado inicial da L2 é uma gramática particular. No entanto, a hipótese do Acesso Completo sem Transferência, de Flynn & Martohardjono 1994, Flynn 1996 e Epstein et al. 1996, defende que o estado inicial da L2 não é uma gramática, mas é antes a própria UG. Isto quer dizer que a aquisição da L2 é muito semelhante à aquisição da L1. Os aprendentes, ao estarem expostos ao *input* da L2, vão gerar sucessivas gramáticas de interlíngua por acesso directo à UG, e finalmente chegam ao estado final da L2. Este processo já é muito semelhante à aquisição da L1. A aquisição é completamente restringida pela UG.

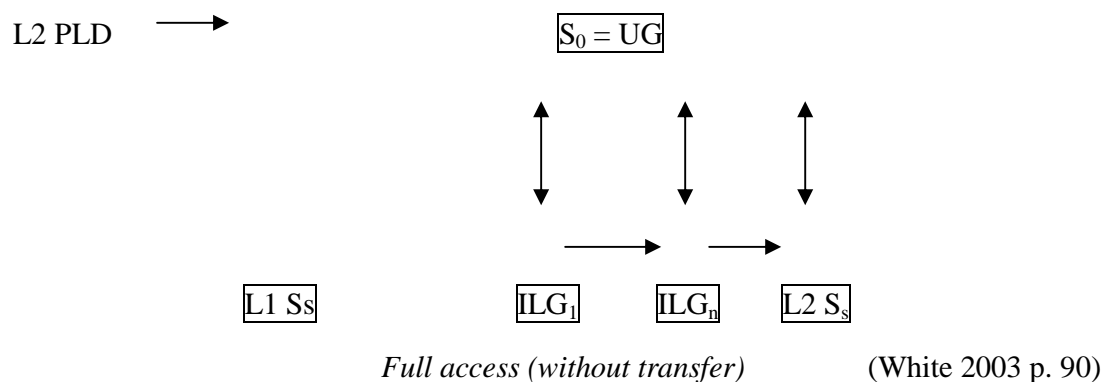


Figura 3 Modelo de Acesso Completo sem Transferência

1.3 O processo depois do estado inicial

A investigação sobre o processo depois do estado inicial continua a concentrar-se na

questão de se a UG vai condicionar a gramática de L2. Normalmente, se a gramática da L2 é diferente da gramática da L1, e os aprendentes conseguem comportar-se como os falantes nativos quanto à fixação dos parâmetros de L2, podemos confirmar que a UG restringem a gramática da L2.

Existem várias posições sobre a fixação dos parâmetros de L2. Alguns autores, tais como Clahsen & Hong 1995, Neeleman & Weerman 1997 e Beck 1998, sugerem que existe uma ruptura (ing. *breakdown*) na fixação dos parâmetros. Segundo esta proposta, a gramática de L2 adquirida pelos aprendentes pode ter propriedades que não pertencem a uma língua natural, ou seja, a gramática da L2 pode ser uma *wild language*.

(i) Hipótese do Défice Global (ing. *Global Impairment*)

Segundo esta proposta, não existem parâmetros na gramática de L2. Rizzi 1982 propõe que um parâmetro pode relacionar-se com uma série de propriedades. Os aprendentes de L1, ao fixarem o valor de um certo parâmetro, vão adquirir todas as propriedades relacionadas com este parâmetro ao mesmo tempo. No entanto, na aquisição da L2, nem sempre se verifica a aquisição simultânea de um parâmetro e das suas propriedades relacionadas. Por isso, os autores a favor desta posição, tais como Clahsen & Hong 1995 e Neeleman & Weerman 1997 sugerem que não há parâmetros na aquisição de L2.

(ii) Hipótese do Défice Local (ing. *Local Impairment*)

A proposta de Défice Local é uma extensão da hipótese dos Traços não Valorados. Segundo Beck 1998, a gramática da L2 pode ter parâmetros. No entanto, os aprendentes podem ter problemas com os parâmetros associados às categorias funcionais. Isto é, eles não vão valorar os traços dos parâmetros das categorias funcionais. Por outras palavras, a força dos traços é permanentemente defectiva para os aprendentes da L2.

A diferença entre esta hipótese e a hipótese dos Traços não Valorados é que a segunda sugere que os aprendentes conseguem valorar os traços ao longo da aprendizagem, enquanto a primeira sugere que eles nunca valoram os traços.

Outros autores, tais como Hawkins & Chan 1997, Schwartz & Sprouse 1994, 1996 pensam que existem parâmetros na L2, pois a gramática da L2 é condicionada, indirecta

ou directamente, pela UG.

No caso de Hawkins & Chan, certos parâmetros ficam com o valor que têm na L1 (por isso, o acesso à UG é indirecto). No caso de Schwartz & Sprouse, eles podem ser refixados por acesso directo à UG.

(iii) Hipótese da não Refixação dos Parâmetros

Alguns autores, tais como Hawkins & Chan 1997, propõem que a gramática da L2 tem parâmetros, no entanto, os valores dos parâmetros da L1 vão transferir-se completamente para a L2, pois não há refixação dos parâmetros. Ou seja, os aprendentes não vão adquirir valores dos parâmetros que sejam diferentes dos da L1.

(iv) Hipótese da Fixação e Refixação dos Parâmetros

Esta hipótese é consistente com a hipótese de Transferência Completa e Acesso Completo de Schwartz e Sprouse 1994, 1996. Segundo esta hipótese, a gramática da L2 é completamente restringida pela UG. Todos os parâmetros das categorias funcionais estão disponíveis e os aprendentes conseguem fixar e refixar os traços destes parâmetros na L2.

Neste trabalho, vou adoptar a hipótese de Transferência Completa e Acesso Completo, testando se os aprendentes chineses conseguem adquirir os aspectos sintácticos do sujeito nulo do PE. , transferindo inicialmente as propriedades gramaticais do chinês.

2. Os aspectos pragmático-discursivos da aquisição de L2

2.1 A Hipótese de Interface

A Hipótese de Interface foi inicialmente sugerida por Sorace & Filiaci 2006. Elas notaram que os falantes quase-nativos podem mostrar influência da língua materna, conhecimento indeterminado ou opcionalidade na aquisição dos aspectos que envolvem a interface entre a sintaxe e outros sistemas cognitivos. Mas estes fenómenos não foram atestados na aquisição dos aspectos de sintaxe estreita (ing. *narrow syntax*). Por isso, Sorace & Filiaci

2006 propõem a Hipótese de Interface, defendendo que as propriedades da sintaxe estreita podem ser adquiridas completamente na aquisição da L2, enquanto as propriedades que envolvem a sintaxe e um outro domínio cognitivo não podem ser adquiridas completamente na aquisição da L2. sugeram que esta hipótese pode ser alargada à aquisição de L1 bilingue e situações de atrito de L1. Segundo elas, a opcionalidade pode ser causada pela subespecificação do nível da apresentação dos conhecimentos, ou pela insuficiência dos recursos de processamento para integrar as informações envolvidas na interface entre a sintaxe e outros domínios cognitivos.

Esta hipótese foi confirmada por vários estudos, tais como os de Pérez-Leroux & Glass 1999, Lozano 2002, 2009, Tsimpli et al 2004, Tsimpli & Sorace 2006, Montrul & Rodriguez-Louro 2006, Margaza & Bel 2006, Rothman 2007, 2008, Belletti, Bennati & Sorace 2007, entre outros. Estes estudos mostram que as propriedades envolvidas na interface entre a sintaxe e os aspectos pragmático-discursivos são mais difíceis de adquirir na L2.

Sorace 2011 sumaria estes trabalhos sobre a Hipótese de Interface. Segundo ela, a interface refere-se a estruturas sintáticas que sejam sensíveis a certas condições. Estas condições têm de ser satisfeitas para que as estruturas sejam gramaticais ou pragmaticamente adequadas. A interface pode ser entre os diferentes módulos da linguagem, e também pode ser entre a linguagem e sistemas cognitivos não-linguísticos, segundo Ramchand & Reiss 2007.

Sorace 2011 também sublinha que vários trabalhos, tais como os de Tsimpli & Sorace 2006 e Ramchand & Reiss 2007, mostraram que as interfaces dos vários tipos não são iguais. A interface entre a sintaxe e o discurso, que envolve linguagem e processamento pragmático, está num nível superior à interface entre a sintaxe e a semântica, que só envolve o sistema da linguagem. A primeira interface é considerada como “externa”, enquanto a segunda é considerada como “interna”.

A própria Hipótese de Interface implica que existem estruturas sintáticas que não envolvem a interface e outras que a envolvem. No entanto, Sorace 2011 também defende que às vezes é muito difícil definir quais são as estruturas que não envolvem a interface e quais são as que a envolvem. Além disso, algumas estruturas apresentam vários tipos de

condições e é difícil definir o tipo de interface a que pertencem.

Sorace 2011 também tentou explicar por que razão existe opcionalidade na aquisição das estruturas que envolvem interfaces. Apresenta duas razões, que já aparecem em Sorace & Filiaci 2006.

A primeira explicação de Sorace 2011 é a subespecificação dos traços interpretáveis, que foi sugerida também em Sorace & Filiaci 2006. O exemplo que Sorace apresentou é o do uso do sujeito nulo e pronominal na aquisição de uma L2 de sujeito nulo (por exemplo, italiano) por falantes de uma L1 de não sujeito nulo (por exemplo, inglês). Alguns trabalhos (cf. Sorace & Filiaci 2006) mostraram que os falantes de italiano L2 cuja L1 é o inglês têm sempre dificuldade no uso do sujeito nulo e realizado do italiano, nomeadamente o uso redundante do sujeito realizado nos contextos em que o sujeito nulo é preferencial. Sorace considera que o sistema de interface sintático-pragmática é relativamente mais simples no inglês, pois o sujeito realizado pode referir-se tanto a mudança de tópico (*topic-shift*) como a manutenção de tópico (*non topic-shift*) e o sujeito nulo é quase impossível. No entanto, o sistema de interface sintático-pragmática no italiano é relativamente mais complicado, pois o sujeito nulo é usado para retomar referentes com manutenção de tópico enquanto o sujeito realizado é para retomar referentes com mudança de tópico. Ou seja, o sujeito realizado do inglês pode ter tanto o traço [mudança de tópico] como o traço [manutenção de tópico], enquanto no italiano, o sujeito realizado só tem o traço [mudança de tópico] e o sujeito nulo tem o traço [manutenção de tópico], pois o inglês tem subespecificação destes dois traços. Desta forma, a língua com o sistema de interface mais simples vai influenciar a língua com o sistema de interface mais complexo, pois há uma influência residual do inglês L1 na aquisição do italiano L2. Mas o contrário não acontece, porque a língua com o sistema de interface mais complexo não pode influenciar a língua com o sistema de interface mais simples. Por isso, o italiano não vai influenciar o inglês em termos do uso do sujeito nulo e realizado. No entanto, Sorace notou também que os aprendentes falantes de uma L1 de sujeito nulo também vão ter problemas na aquisição de uma L2 de sujeito nulo. Sorace defende que uma das explicações deste fenómeno é que os escopos do sujeito nulo podem não ser idênticos em todas as línguas de sujeito nulo.

A outra explicação de Sorace 2011 é também já sugerida por Sorace & Filiaci 2006: a opcionalidade na aquisição das estruturas de interface é causada pelos custos de processamento. Sorace 2011 acredita que as estruturas com dois níveis de representação (por exemplo, sintaxe e discurso) têm mais custos de processamento do que as estruturas com apenas um nível de representação (por exemplo, meramente a sintaxe). Um dos exemplos que Sorace toma é a estratégia da posição de antecedente (PAS) de Carminati 2002. Carminati propõe que, em línguas de sujeito nulo como o italiano, o antecedente de um sujeito nulo é preferencialmente uma categoria na posição de SpecIP enquanto o antecedente de um sujeito realizado ocorre preferencialmente numa posição mais baixa²⁰. Desta maneira, o processamento da estrutura com sujeito realizado depende sempre da informação discursiva e é mais dispendioso. Por isso, os aprendentes de italiano L2 podem mostrar problemas no uso do sujeito realizado.

2.2 Alguns trabalhos a favor da Hipótese de Interface

A seguir apresentam-se alguns trabalhos que apresentam evidências a favor da Hipótese de Interface. Como o âmbito da análise do meu trabalho é a aquisição de sujeito nulo, vou apresentar também alguns trabalhos nesta área, nomeadamente, as propostas de Sorace & Filiaci 2006 (italiano), Rothman 2008 (espanhol) e Zhao 2009 (chinês); por fim, vou apresentar alguns trabalhos de Madeira et al. sobre a aquisição de sujeito nulo em português L2.

Sorace e Filiaci 2006, que propõem originalmente a Hipótese de Interface, procuram testar se os aprendentes de italiano L2 com inglês L1 conseguem adquirir a estratégia de resolução anafórica do italiano. Segundo a PAS de Carminati 2002, os falantes nativos do italiano vão preferir um antecedente na posição de sujeito para o sujeito nulo encaixado e preferir um antecedente numa outra posição para o sujeito realizado encaixado.

No entanto, os dados do teste de Sorace e Filiaci 2006 mostraram que os falantes quase-nativos do italiano cuja língua materna é o inglês vão ter comportamentos diferentes dos falantes nativos de italiano. Nas condições de sujeito nulo, os falantes

²⁰ Para uma constatação idêntica em PE ver Costa, Faria & Matos 1998, 1999.

quase-nativos ainda conseguem ter um comportamento semelhante ao dos falantes nativos, que preferem que o antecedente do sujeito nulo esteja na posição de sujeito. Mas nas condições de sujeito realizado, os falantes quase-nativos continuam a aceitar o antecedente na posição de sujeito para o sujeito realizado encaixado, enquanto os falantes nativos preferem um antecedente numa outra posição nestas condições. As autoras descobriram que o desvio entre os dois grupos de falantes é mais relevante nas condições de catáfora do que nas condições de anáfora.

A explicação de Sorace & Filiaci 2006 para este fenómeno é a seguinte: os falantes quase-nativos do italiano têm a gramática do sujeito nulo e também sabem a PAS. No entanto, eles não têm recursos de processamento suficientes para integrar consistentemente fontes de informação múltiplas. Esta afirmação é sustentada pelo facto de a catáfora ser mais problemática na aquisição. As autoras assumem que as estruturas de catáfora são mais exigentes em termos de processamento do que as de anáfora. Por isso, quando há mais exigência no processamento, o comportamento dos falantes quase-nativos fica mais indeterminado. Desta maneira, as autoras provam que a opcionalidade no comportamento dos falantes quase-nativos nas construções de catáfora é causada pela falta de recursos de processamento.

A análise de Sorace & Filiaci 2006 é sobre a aquisição do italiano L2. Há também alguns trabalhos sobre a aquisição de espanhol L2 na perspectiva de interface sintaxe-discurso.

Rothman 2008 propõe-se investigar a aquisição de espanhol L2 por falantes cuja L1 é o inglês. Notou que o uso do sujeito nulo e realizado em espanhol não é livre. Tomando a posição de Sorace 2000, Rothman 2008 assumiu que o sujeito nulo é a forma não marcada em espanhol. O uso do sujeito realizado só ocorre em certos contextos, nomeadamente os contextos de [+topic shift] e [+foco]. Nos contextos de [-topic shift] e [-foco], o sujeito nulo é necessário. Além disso, um sujeito realizado encaixado é normalmente interpretado como disjunto com o sujeito da matriz, a não ser que sirva como foco contrastivo.

Seguidamente, aplicou dois testes a falantes de espanhol L2 de nível intermédio e avançado cuja língua materna era o inglês. Estes dois testes eram um teste de juízos de

adequação pragmática e uma tarefa de tradução.

Nos dados do teste de juízos de adequação pragmática, Rothman 2008 verificou que os aprendentes de ambos os níveis conseguiam aceitar frases com sujeitos nulos pragmaticamente adequados e sujeitos realizados pragmaticamente adequados quando serviam de foco contrastivo. No entanto, só os aprendentes do nível avançado é que conseguiam rejeitar frases com uso redundante de sujeito realizado. Desta maneira, o comportamento dos aprendentes avançados está muito próximo do dos falantes nativos, mas o dos intermédios ainda não.

Nos dados do teste de tradução, Rothman 2008 verificou que os aprendentes do nível avançado tendem a usar sujeito realizado em contextos de foco contrastivo e a usar sujeito nulo nos contextos sem foco contrastivo. Além disso, os avançados tendem a usar sujeito realizado nas respostas à pergunta de tópico-wh e a usar sujeito nulo nas respostas à pergunta de sim-não. Estes comportamentos já são muito semelhantes aos dos falantes nativos.

No entanto, os aprendentes do nível intermédio não mostraram estes comportamentos. Parece que os alunos de nível intermédio ainda não adquiriram as propriedades de mudança de tópico do sujeito realizado do espanhol e que tendem a sobre-produzir sujeitos nulos em contextos inadequados.

Por isso, Rothman 2008 concluiu que o seu trabalho confirmava a hipótese de que a interface sintaxe-pragmática é mais difícil de adquirir do que a sintaxe estreita. No entanto, defendeu que o atraso na aquisição não é causado pela influência da L1.

Em seguida, apresenta-se um trabalho sobre a interface de sintaxe e discurso na aquisição de chinês L2. Zhao 2009 tentou analisar a aquisição dos sujeito e objectos nulos e realizados encaixados em chinês L2 chinês por falantes de inglês L1. Como referi na parte teórica, Zhao defende que o sujeito nulo em frases encaixadas do chinês pode ser tanto um reflexivo nulo *e-ziji*, que se refere ao sujeito da matriz, como um tópico nulo *e-topic*, que se refere a um elemento no discurso. Zhao considera que o primeiro género de sujeito nulo é puramente um fenómeno sintáctico enquanto o segundo envolve a interface sintaxe e discurso. Porém, o objecto nulo no chinês só pode ser um tópico nulo,

e-topic.

(1) Zhangsan₁ shuo *e*₁ renshi Lisi (reflexivo nulo) leitura co-referente

“O Zhangsan disse que conhece o Lisi.”

(2) Zhangsan₁ shuo *e*₂ qu guo Lundun (tópico nulo) leitura disjunta

“O Zhangsan disse que tinha ido a Londres.”

(3) Zhangsan₁ shuo Lisi₂ renshi *e*₃ (tópico nulo)

“O Zhangsan disse que o Lisi conhece.”

(Zhao 2009)

Mas, se o sujeito estiver realizado, pode referir-se tanto ao sujeito matriz como a um elemento no discurso. Esta propriedade é diferente da que foi testada em línguas como o italiano, em que o sujeito realizado refere preferencialmente um elemento distinto do sujeito.

(4) Zhangsan₁ shuo ta_{1,2} renshi Lisi

“O Zhangsan disse que ele conhece o Lisi.”

Zhao notou primeiramente que os aprendentes ingleses conseguem adquirir as duas leituras do sujeito realizado, pois o chinês é idêntico ao inglês nesta situação.

Seguidamente, descobriu que os aprendentes ingleses conseguem adquirir também o reflexivo nulo na frase encaixada. Mas ela verificou que os aprendentes mostraram dificuldades na aquisição do tópico nulo, pois os aprendentes de nível intermédio tendem a rejeitar a leitura disjunta entre o sujeito matriz e o tópico nulo nos contextos em que a leitura disjunta é preferencial. Só os aprendentes do nível avançado é que aceitam a leitura disjunta nos contextos adequados. Zhao 2009 acha que este resultado favorece a Hipótese de Interface, de que as estruturas que envolvem a interface de sintaxe e discurso são mais difíceis de adquirir. No entanto, em Zhao 2012, a autora considera que este resultado é contra a Hipótese de Interface, porque pelo menos os aprendentes avançados conseguem adquirir o tópico nulo. As estruturas de tópico nulo são adquiríveis,

só que são adquiridas tardiamente. Por isso, não se pode dizer que as estruturas envolvendo a interface discursiva, tais como o tópico nulo, são construções que não podem ser adquiridas em L2.²¹

Mas, de qualquer maneira, tanto Zhao 2009 como Zhao 2012 defendem que os dados do objecto nulo da L2 chinês argumentam contra a Hipótese de Interface. Os aprendentes ingleses conseguem adquirir o elemento nulo na posição de objecto como tópico nulo desde uma etapa precoce da aquisição, quando, segundo a Hipótese de Interface, as estruturas de interface discursiva, tais como o tópico nulo, não devem ser adquiridas facilmente.

2.3 Alguns trabalhos sobre a aquisição do sujeito nulo do português L2

A seguir, vamos ver alguns trabalhos sobre a aquisição do sujeito nulo do português L2, nomeadamente Madeira et al 2009, 2010 e 2012.

Madeira et al 2009 tentaram analisar a aquisição do sujeito nulo do PE L2 por falantes de línguas românicas (com sujeito nulo) e germânicas (sem sujeito nulo), através de um teste de produção e de um teste de juízos de preferência.

Os dados dos testes mostram que os aprendentes conseguem usar o sujeito nulo desde um estado muito precoce de aquisição. No entanto, os aprendentes de nível elementar de ambos os grupos mostraram algumas dificuldades no uso do sujeito nulo e realizado em condições de subordinação e coordenação, nomeadamente o uso redundante do sujeito realizado nos contextos em que o sujeito nulo é preferencial.

Para o grupo de línguas românicas, há um progresso neste aspecto na passagem do nível elementar para o nível intermédio. Mas para o grupo de línguas germânicas, este progresso só ocorre na passagem do nível intermédio para o nível avançado. Ou seja, a aquisição é mais tardia se a língua materna é de não sujeito nulo.

Em suma, Madeira et al 2009 afirmam que os aprendentes de português L2 de ambos os

²¹ No entanto, a Hipótese da Interface não defende que estes tipos de propriedades não possam ser adquiridas – apenas que a sua aquisição é mais difícil e mais tardia. Por isso, acho que a afirmação de Zhao 2009 é superior da de Zhao 2012.

grupos conseguem adquirir o sujeito nulo desde um estado muito precoce de aprendizagem, por isso, não há transferência da L1 relativamente ao parâmetro do sujeito nulo. (ou os efeitos de transferência são ultrapassados rapidamente) Mostram também que os aspectos pragmático-discursivos são mais difíceis de adquirir, pois os aprendentes têm dificuldades no uso do sujeito nulo e realizado no nível elementar. Neste ponto, a L1 pode ser um elemento facilitador. Os aprendentes do grupo cujas línguas maternas tinham sujeito nulo adquiriram-no mais rapidamente do que os aprendentes do grupo cujas línguas maternas não tinham sujeito nulo.

Madeira et al 2010 continuaram a investigar se as propriedades pragmático-discursivas são o aspecto mais difícil de adquirir. Compararam a aquisição do sujeito nulo da frase finita com a aquisição de infinitivo flexionado. O infinitivo flexionado é um fenómeno particular do português europeu e brasileiro. No entanto, o sujeito do infinitivo flexionado é diferente do sujeito do infinitivo não pessoal, segundo Pires 2001:

- (5) O antecedente do sujeito do infinitivo flexionado pode não o c-comandar.
- (6) O sujeito do infinitivo flexionado permite antecedente descontínuo.
- (7) O sujeito do infinitivo flexionado permite leitura de identidade estrita na construção de elipse, em que o infinitivo não pessoal só permite leitura de identidade não estrita.

De qualquer maneira, a determinação do antecedente do infinitivo flexionado é efectuada apenas através dos aspectos sintácticos e semânticos e não está relacionada com os aspectos pragmático-discursivos.

No entanto, a determinação do antecedente do sujeito nulo da frase finita é mais complicada que a do infinitivo flexionado, porque está relacionada também com os aspectos pragmático-discursivos. Madeira et al 2010 adoptaram a Hipótese da PAS de Carminati 2002, que diz que um sujeito nulo selecciona preferencialmente um antecedente na posição do sujeito, enquanto um sujeito realizado selecciona preferencialmente um antecedente na posição de não sujeito.

Madeira et al 2010 procuraram aprendentes do português L2 cujas línguas maternas eram

o italiano (com sujeito nulo) e o alemão (sem sujeito nulo) para fazer um teste de compreensão sobre o infinitivo flexionado. O resultado deste teste mostra que os informantes de ambos os grupos, italiano e alemão, têm comportamentos muito semelhantes ao do grupo de controlo. Isto é, eles conseguem distinguir bem o infinitivo flexionado do infinitivo não pessoal e já dominam as propriedades do infinitivo flexionado.

Os informantes da mesma origem participaram também nos testes de preferências de juízo e de compreensão sobre o sujeito nulo na frase finita. As autoras testaram tanto os casos de coordenação como os de subordinação.

Os dados destas duas tarefas mostraram que os aprendentes do ambos os grupos conseguem ter comportamentos semelhantes ao dos falantes nativos, que respeitam também a hipótese de Carminati 2002. No entanto, também existe uma tendência do uso impróprio do sujeito nulo e um uso redundante do sujeito realizado nos dados de ambos os grupos de aprendentes.

Por isso, Madeira et al 2010 pensam que o infinitivo flexionado é mais fácil de ser adquirido, porque só se relaciona com aspectos sintácticos e semânticos. Mas o sujeito nulo na frase finita é mais difícil de adquirir, porque se relaciona com aspectos pragmático-sintáticos. Os aprendentes tendem a aceitar o uso redundante dos sujeitos realizados, e utilizam também inapropriadamente os sujeitos nulos.

As autoras verificam também que as condições de coordenação e as condições de subordinação não são idênticas, pelo que estudos futuros as devem tratar separadamente. Verificam também que os aprendentes de origem diferente têm comportamentos semelhantes relativamente a esta questão de investigação.

Madeira et al 2012 tentaram investigar a aquisição de sujeito nulo e sujeito realizado por falantes de italiano L1 e chinês L1.

Os testes de Madeira et al 2012 consistiam em três tarefas: uma de produção escrita, uma tarefa de seleção e uma tarefa de compreensão.

No teste de produção, devido ao número reduzido de ocorrências, as autoras não conseguiram retirar nenhuma conclusão do grupo de chinês L1 e de italiano L1. A única

coisa que descobriram foi que os aprendentes de italiano L1 têm uma tendência de usar o sujeito nulo para referir um antecedente que não esteja na posição de sujeito.

A tarefa de seleção visava testar se os informantes usavam o sujeito nulo para referir um antecedente na posição de sujeito, e o sujeito realizado para referir um antecedente na posição de objecto, nas construções de subordinação adverbial.

Os resultados desta tarefa mostraram que todos os informantes preferiam o uso do sujeito nulo nos contextos em que o sujeito da subordinada era favorecido como co-referente com o antecedente na posição de sujeito e que preferiam o uso do sujeito realizado nos contextos em que o sujeito da subordinada é favorecido como co-referente com o antecedente na posição de objecto. Não houve diferenças relevantes entre os grupos de L1 diferentes nem grupos de níveis diferentes.

A tarefa de compreensão visava analisar como os informantes seleccionavam o antecedente do sujeito nulo e do sujeito realizado nas estruturas de subordinação adverbial e de coordenação.

Os resultados deste teste mostraram que os aprendentes italianos de ambos os níveis preferiam o antecedente na posição de sujeito quando o sujeito nulo era utilizado, em ambos os contextos de subordinação adverbial e coordenação e que preferiam o antecedente na posição de não sujeito quando o sujeito realizado era utilizado, tanto nos contextos de subordinação adverbial como nos de coordenação. Este comportamento é muito semelhante ao dos falantes nativos.

Contudo, o comportamento dos informantes chineses era diferente dos italianos. Nas estruturas de sujeito nulo, eles ainda apresentavam a mesma preferência dos italianos nos casos de subordinação e coordenação. Mas, nas estruturas de sujeito realizado, os informantes chineses de ambos os níveis tendiam a aceitar o antecedente do sujeito realizado quer na posição de sujeito, quer na posição de não sujeito, nas estruturas de subordinação. Nas estruturas de coordenação, os informantes chineses do nível elementar ainda oscilam entre o antecedente na posição de sujeito e não sujeito, mas os informantes do nível avançado já preferem o antecedente na posição de não sujeito.

Por isso, segundo os testes de Madeira et al 2012, os comportamentos dos falantes italianos são muito semelhantes aos dos falantes nativos do português europeu, quer nas

estruturas de subordinação, quer nas estruturas de coordenação, tanto com sujeito nulo como com sujeito realizado. Estes resultados contrariam a ideia de que os aprendentes de uma L2 de sujeito nulo consistente têm necessariamente problemas na aquisição das estratégias de uso e compreensão de sujeito realizado, indiferentemente do tipo de L1 que falam.

Porém, os aprendentes chineses mostraram sobretudo alguns problemas na compreensão do sujeito realizado. Por isso, os comportamentos dos informantes chineses favorecem a hipótese de que os aprendentes de uma L2 de sujeito nulo têm opcionalidade residual na aquisição do uso e compreensão do sujeito realizado, mas os dados dos italianos não favorecem esta hipótese.

Neste trabalho, vou adoptar a Hipótese de Interface, testando se os aprendentes chineses vão mostrar dificuldades em adquirir os aspectos pragmático-discursivos do sujeito nulo do PE.

Capítulo III A aquisição do sujeito nulo do PE por falantes nativos de chinês

Neste capítulo, vou levantar primeiro algumas hipóteses sobre a investigação a ser desenvolvida. Na segunda parte, descreverei os participantes no estudo e apresentarei as condições e itens dos testes do trabalho, explicando como é que os itens funcionam. Na terceira parte do capítulo, vou apresentar os dados e a respectiva discussão.

1. As hipóteses sobre a aquisição do sujeito nulo por aprendentes chineses

1.1 A aquisição das propriedades sintáticas e morfológicas

O chinês e o português europeu são línguas de sujeito nulo. No entanto, as duas línguas têm mecanismos diferentes para legitimar o sujeito nulo. Mesmo assim, prevejo que os aprendentes chinês consigam adquirir as propriedades sintáticas e morfológicas do sujeito nulo do português. Esta minha hipótese baseia-se em dois aspectos:

Primeiro, se assumirmos a hipótese de transferência completa e acesso completo de Schwartz & Sprouse, os aprendentes de L2 têm acesso aos parâmetros e conseguem fixar e refixar os seus valores de acordo com a gramática da língua que aprendem. Isto significa que os aprendentes chineses conseguem fixar o parâmetro do sujeito nulo do português europeu com valor positivo, pois vão adquirir as propriedades sintáticas e morfológicas relacionadas com este valor do parâmetro.

Segundo, de acordo com vários dados dos trabalhos sobre a aquisição do sujeito nulo da L2, nomeadamente de Madeira et al 2009, os aprendentes conseguem adquirir o sujeito nulo das línguas de sujeito nulo desde uma fase muito precoce, indiferentemente das línguas maternas que falam. Isto significa que mesmo os aprendentes cujas línguas maternas são línguas de não sujeito nulo conseguem adquirir o sujeito nulo do português. Por isso, prevejo que a diferença entre o sujeito nulo do chinês e do português não vai impedir os aprendentes chineses de adquirir sintacticamente o sujeito nulo do português europeu.

1.2 A aquisição das propriedades pragmático-discursivas

No entanto, segundo vários autores, entre os quais Sorace & Filiaci 2006, Tsimpli et al 2004, Tsimpli & Sorace 2006, Montrul & Rodriguez-Louro 2006, Margaza & Bel 2006, Rothman 2007, 2008, Belletti, Bennati & Sorace 2007, Lozano 2009, Madeira et al 2009 e Zhao 2009, as propriedades pragmático-discursivas são mais difíceis de adquirir na L2. Assim, os aprendentes podem mostrar dificuldades na aquisição das propriedades pragmático-discursivas das línguas de sujeito nulo. Isto é, eles sabem que a língua que aprendem é uma língua de sujeito nulo, mas não sabem quais são os contextos em que se utiliza o sujeito nulo e quais são os contextos em que não se utiliza. Por isso, prevejo que os aprendentes chineses também tenham dificuldades em adquirir as propriedades pragmático-discursivas do português. Além disso, o presente trabalho também visa testar se os aprendentes chineses vão usar as estratégias da sua língua materna para produzir e compreender frases do português com sujeitos nulos.

2 Sobre o teste

2.1 Os participantes

Neste estudo, participaram 29 informantes que adquirem o português europeu como língua segunda, cuja língua materna é o chinês (a maioria dos informantes são falantes de mandarim, mas há alguns que são falantes de cantonês). Participaram também 40 informantes cuja língua materna é o português, para formar um grupo de controlo. A seguir apresento os perfis dos participantes.

2.1.1 Os participantes chineses

Os aprendentes chineses foram divididos em 2 grupos de acordo com os respectivos níveis: um grupo de nível intermédio e um grupo de nível avançado.

O grupo de nível intermédio consiste em 14 alunos chineses que frequentam um curso da

língua portuguesa na Universidade Nova de Lisboa, com idades entre 18 e 21 anos, média de 19.79. A idade com que iniciaram a aprendizagem do português varia entre 17 e 20 anos, média de 18.79. Todos os participantes chegaram a Portugal em setembro de 2012 e tinham já um ano de formação em língua portuguesa numa universidade chinesa. A língua materna de todos os participantes é o mandarim e nenhum dos participantes tinha estado exposto a ambiente de língua portuguesa antes da chegada a Portugal. Nenhum dos participantes fala outras línguas de sujeito nulo. No total, foram testados 15 informantes, mas um deles foi excluído por não conseguir concluir o teste da forma adequada. O número total dos informantes deste grupo é de 14.

O grupo de nível avançado consiste em 14 alunos chineses que frequentam cursos de língua portuguesa em Portugal. 5 dos informantes frequentam o curso de Tradução e Interpretação Português-Chinês no Instituto Politécnico de Leiria e 9 dos informantes frequentam o curso de Língua e Cultura Portuguesa na Universidade de Lisboa, com idades entre 20 e 35 anos, média de 22.57. A idade com que iniciaram a aprendizagem do português varia entre 18 e 32 anos, média de 20.5. 11 dos informantes já tinham aprendido o português durante cerca de dois anos, mas um informante só tinha aprendido durante cerca de um ano e dois informantes tinham aprendido o português durante 3 ou 4 anos. Alguns dos informantes chegaram a Portugal em setembro de 2011, e os outros em setembro ou outubro de 2012, mas todos eles já tinham pelo menos um ano de formação em língua portuguesa em universidades da China. A língua materna da maioria dos participantes é o mandarim, mas alguns informantes são falantes do cantonês²². Nenhum dos informantes tinha estado exposto a um ambiente de língua portuguesa antes²³. Só há um informante que fala já o espanhol; os restantes informantes não falam outras línguas de sujeito nulo. O número total dos informantes deste grupo é também de 14.

2.1.2 Os participantes portugueses

²² O cantonês é considerado como um dialecto do chinês por alguns autores e é também uma língua de tópico nulo.

²³ Alguns informantes vêm de Macau, onde o português é língua oficial. No entanto, como Macau só tem 2% da população cuja língua materna é portuguesa, parece que não há ambiente de comunicação em português em Macau.

O grupo de controlo consistiu inicialmente em 40 alunos cuja língua materna é português que frequentam o primeiro ano de vários cursos de licenciatura da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. 12 dos informantes foram excluídos por ser de origem brasileira ou africana. Os restantes 28 informantes são falantes nativos de português europeu. Para obter um grupo com o mesmo tamanho que os dois grupos de aprendentes, foram seleccionados aleatoriamente 14 informantes dentro dos 28 informantes. Por isso, o número total de informantes deste grupo de controlo é também de 14. A idade destes 14 informantes varia entre 17 e 21, média de 18.79. Há 12 informantes que falam outras línguas de sujeito nulo (espanhol ou italiano).

2.2 Os exercícios do teste

O teste elaborado pretende testar tanto o aspecto sintáctico como o aspecto discursivo da aquisição do sujeito nulo. Por isso, as condições do teste vão dividir-se em duas partes. A primeira parte do teste vai incidir sobre o aspecto sintáctico e a segunda sobre o aspecto discursivo.

a) A primeira parte do teste serve para determinar se os informantes interpretam o sujeito nulo como *pro*. Esta parte vai testar o sujeito omitido nas seguintes condições: NP complexo, frase adjunta adverbial, leitura estrita e imprecisa (ing. *sloppy*) e antecedente dividido/repartido (ing. *split*).

Nesta parte, os informantes vão executar duas tarefas: a primeira consiste numa teste de aceitação de gramaticalidade. Em cada item desta tarefa, ocorre uma frase principal, seguida por um espaço em branco. Os informantes são solicitados a escolher de três opções as frases adequadas para preencher o espaço em branco. É permitido escolher mais de uma opção. Esta tarefa visar testar as condições de NP complexo e de frase adjunta adverbial. A seguir encontra-se um exemplo dos itens desta tarefa:

(1) O João encontrou um amigo hoje. _____.

A. O amigo que o João encontrou é do Porto

B. O amigo que encontrou é do Porto.

C. O João, o amigo que encontrou é do Porto.

A segunda tarefa é um teste de compreensão. Em cada item desta tarefa, também existe uma frase principal, seguida por uma pergunta sobre a interpretação desta frase principal. Existem três opções de resposta para cada item, que correspondem a interpretações diferentes. Os informantes são solicitados a escolher destas três opções as interpretações que atribuem à frase principal. É permitido escolher mais de uma opção para verificar se os informantes têm interpretações diferentes para uma mesma frase. Esta tarefa visa testar as condições de leitura estrita e imprecisa e de antecedente dividido/repartido. A seguir apresenta-se um exemplo dos itens desta tarefa:

- (2) O João anunciou que vai estudar na Itália e o Rui também anunciou.

Quem é que o Rui anunciou que vai estudar na Itália?

A. o João B. o Rui C. uma outra pessoa

b) A segunda parte deste teste permite testar se os informantes conseguem interpretar adequadamente as frases com sujeito omitido e sujeito realizado no PE. Os itens desta parte incidem principalmente sobre frases completivas e frases adjuntas adverbiais.

Nesta parte, os informantes vão executar duas tarefas de compreensão. Em cada item destas tarefas, também existe uma frase principal, seguida por uma pergunta sobre a interpretação desta frase principal. Na primeira tarefa, existem duas opções de resposta para cada item que correspondem a interpretações diferentes e, na segunda tarefa, existem três opções de resposta. Os informantes são solicitados a escolher dentro destas duas ou três opções as suas interpretações sobre a frase principal. Podem escolher mais de uma opção para que se possa verificar se têm interpretações diferentes para uma mesma frase. A seguir apresento um exemplo dos itens deste tipo de exercício:

- (3) O Pedro come três gelados e o Rui come quatro. O Pedro disse que não deve comer tantos gelados.

Na opinião do Pedro, quem é que não deve comer tantos gelados ?

A. o Rui B. o Pedro C. uma outra pessoa

Como vimos acima, a segunda tarefa da primeira parte é semelhante à segunda tarefa da segunda parte. Por isso, os itens destas duas tarefas são misturados na versão final do questionário e, para facilitar a tarefa aos informantes, vou pôr a escolha das frases (a primeira tarefa da primeira parte) no fim do teste.

Desta maneira, a versão final do questionário contém três tarefas: a primeira tarefa é de escolha múltipla com duas opções (inclui os itens da primeira tarefa da segunda parte), a segunda tarefa é de escolha múltipla com três opções (inclui itens da segunda tarefa da primeira parte e itens da segunda tarefa da segunda parte) e a terceira tarefa consiste na escolha de frases (inclui itens da primeira tarefa da primeira parte). Este questionário encontra-se no anexo II e III da presente dissertação.

2.3 Algumas previsões sobre o teste do aspecto pragmático-discursivo

Na secção 1 deste capítulo, levantei a hipótese de que os aprendentes chineses têm dificuldades na aquisição do aspecto pragmático-discursivo do sujeito nulo do PE. Nesta sub-secção, faço algumas previsões mais precisas sobre este aspecto.

De um modo geral, penso que as condições com frases completivas e adjuntas adverbiais são diferentes:

a) No PE, nas frases completivas, é preferencial a leitura de co-referência entre o sujeito nulo da encaixada e o sujeito da matriz (o sujeito nulo encaixado procura um antecedente na posição de sujeito), e é preferencial a leitura disjunta entre o sujeito realizado da encaixada e o sujeito da matriz (o sujeito realizado encaixado procura um antecedente na posição de não sujeito). No entanto, prevejo que os chineses vão ter dificuldades em adquirir esta propriedade, por isso, eles não vão proceder de acordo com as preferências dos falantes nativos do PE e vão aceitar a leitura de co-referência e a leitura disjunta para os dois casos acima, utilizando a estratégia do chinês para interpretar as frases no português (vejam-se (65) (66) e (72) na secção 4 do capítulo 1).

Serão consideradas as seguintes condições para as frases completivas: (a) sujeito nulo/realizado na completiva com um antecedente referido no discurso, (b) sujeito nulo/realizado na completiva com um antecedente referido no discurso com o verbo *ser* (o chinês permite raramente a leitura de co-referência nesta condição se o verbo da completiva for *ser*), (c) sujeito nulo/realizado na completiva com dois antecedentes referidos no discurso, ambos na posição de sujeito, (d) sujeito nulo/realizado na completiva com dois antecedentes referidos no discurso, um na posição de sujeito e outro na posição de objecto.

b) Para as frases adjuntas adverbiais, o PE continua ter a mesma preferência de interpretação que apresenta nas frases completivas. Mas no chinês é um pouco diferente: se o sujeito da adjunta adverbial for nulo, é também considerado co-referente com o sujeito da matriz, como no PE (veja-se (69) na secção 4 do capítulo 1). Mas se o sujeito da adjunta adverbial estiver realizado, tanto a leitura co-referente como a disjunta são possíveis no chinês, enquanto no PE a leitura disjunta é preferencial (veja-se (70) na secção 4 do capítulo 1). Por isso, prevejo que os chineses mostrem preferência pela leitura de co-referência nas condições de sujeito nulo, mas não pela leitura disjunta nas condições de sujeito realizado.

São consideradas as condições seguintes para a frase adjunta adverbial: (a) sujeito nulo/realizado na adjunta adverbial com um antecedente referido no discurso, (b) sujeito nulo/realizado na adjunta adverbial com dois antecedentes referidos no discurso, ambos na posição de sujeito, (c) sujeito nulo/realizado na adjunta adverbial com dois antecedentes referidos no discurso, uma na posição de sujeito e outro na posição de objecto.

3. As condições do teste

3.1 Primeira parte

A primeira parte do teste visa testar se o sujeito nulo de L2 é *pro*. Vai testar as condições

seguintes: NP complexo, frase adjunta adverbial, leitura imprecisa e estrita, antecedente repartido. Os itens das primeiras duas condições vão aparecer na terceira tarefa do teste, enquanto os itens das últimas duas condições vão aparecer na segunda tarefa do teste, por causa das formas dos itens. Cada condição contém dois itens. Todos os itens vão surgir por uma ordem aleatória e, dentro de cada item da terceira tarefa, a ordem das opções está também aleatória.

A seguir encontram-se as condições que aparecem na terceira tarefa do teste.

Condição 1 NP complexo na posição de sujeito

Exemplo:

(4) O João encontrou um amigo hoje. _____.

A. O amigo que o João encontrou é do Porto

B. O amigo que encontrou é do Porto.

C. O João, o amigo que encontrou é do Porto.

Descrição: Nos itens desta condição, ilustrada no exemplo (4), existem 3 frases como opção. Cada frase de opção contém um NP complexo. Uma opção contém um sujeito NP realizado no NP complexo (opção A), outra opção contém sujeito nulo (opção B) e a outra contém um sujeito nulo ligado pelo tópico da frase (opção C). Nas estruturas de ilha forte, tal como nas de NP complexo, o sujeito nulo só é permitido se for *pro*, porque se o sujeito nulo for uma variável ligada pelo tópico, o efeito de ilha forte vai impedir o seu movimento A'. Por isso, se os informantes aceitarem a frase com sujeito nulo (opção B) nesta condição, isso indica que estão a analisar o sujeito nulo como *pro*. Porém, na opção C, se os informantes analisarem o sujeito nulo como uma variável ligada pelo tópico da frase, rejeitam esta opção por causa do efeito de ilha forte. Por isso, numa outra perspectiva, se os informantes rejeitarem a opção C mas aceitarem a opção B, isso implica que eles não analisam o sujeito nulo em B e C da mesma forma: o sujeito nulo em B não é analisado como variável, mas como *pro*.

Previsão: Prevejo que a opção B deve ser preferencial para os falantes nativos, e a opção C deve ser rejeitada por eles. Parece-me que nenhum factor vai impedir a opção A, uma

frase com sujeito NP realizado. Por isso, a opção A também vai ser aceite pelos falantes nativos. Como defendo a hipótese de que os aprendentes chineses conseguem adquirir o sujeito nulo do PE como *pro*, prevejo que também eles vão aceitar a frase com sujeito nulo, e que aceitam a frase com sujeito realizado. Não tenho, no entanto, a certeza se eles vão rejeitar a opção C, porque, segundo J. Huang 1984 (veja-se (51) na secção 3 do capítulo I), o sujeito nulo na ilha forte pode ser *pro* no chinês e é possível que eles sejam influenciados pela língua materna.

Discutirei a condição 2 depois da condição 3 porque a condição 2 tem alguns aspectos em comum com a condição 4.

Condição 3 Adjunta adverbial com co-referência entre o sujeito da matriz e o sujeito nulo na ilha

Exemplo:

(5) O João saiu da empresa mais cedo do que habitual. _____.

A. O João ficou feliz quando o João chegou a casa.

B. O João ficou feliz quando chegou a casa

C. O João, o João ficou feliz quando chegou a casa.

Descrição: Esta condição também envolve ilhas fortes. Nos itens desta condição, como no exemplo (5), existem 3 frases de opção. Cada frase de opção contém uma adjunta adverbial. Uma opção contém um sujeito NP realizado na adjunta adverbial (opção A), outra opção contém sujeito nulo (opção B) e a outra contém um sujeito nulo ligado pelo tópico da frase (opção C). Tal como na condição 1, devido ao efeito de ilha forte, o sujeito nulo na adjunta adverbial só é permitido se for *pro*. Por isso, se os informantes aceitarem a opção B, isso implica que eles analisam o sujeito nulo como *pro*. A frase da opção C é um pouco estranha, pois assume-se que o tópico liga o sujeito nulo na ilha e é gerado por movimento A'. Contudo, como o tópico é co-referente com o sujeito da frase matriz, a estrutura desta frase não é clara. A opção A também é um pouco estranha devido ao

princípio C da teoria da ligação²⁴.

Previsão: Como na condição 1, prevejo que tanto o grupo de controlo como os grupos de aprendentes vão aceitar a frase com sujeito nulo, pois todos vão analisar o sujeito nulo como *pro*. Quanto à opção A, acho que todos vão rejeitá-la por causa da sua estrutura. Mas, no que diz respeito à opção C, é muito difícil prever como os informantes vão analisar a frase.

Consideremos agora as condições 2 e 4:

Condição 2 NP complexo na posição de objecto

Exemplo:

(6) O João encontrou um amigo hoje. _____

A. A Rita conhece o amigo que o João encontrou

B. A Rita conhece o amigo que encontrou.

C. O João, a Rita conhece o amigo que encontrou.

Condição 4 Adjunta adverbial com referência disjunta entre o sujeito da matriz e o sujeito nulo da ilha

Exemplo:

(7) A Maria faz anos hoje. O João chegou a casa muito cedo. _____.

A. A Maria ficou feliz quando o João chegou a casa.

B. A Maria ficou feliz quando chegou a casa.

C. O João, a Maria ficou feliz quando chegou a casa.

Descrição: Estas duas condições são semelhantes às duas primeiras, mas também há diferenças entre elas. As frases com sujeito nulo são gramaticais, mas é pouco provável obter a leitura esperada, porque, como referido por alguns autores, entre os quais Holmberg 2010, o PE tem uma grande preferência por tomar o elemento nominal mais próximo por antecedente do sujeito nulo. Nas opções B dos exemplos (6) e (7), se se

²⁴ No entanto, para manter a co-referência entre o sujeito matriz e o sujeito encaixado, tenho de manter estas formas na opção A e opção C.

tomar o elemento nominal mais próximo por antecedente do sujeito nulo, a frase já não pode ter a leitura oferecida pelo contexto discursivo prévio. Por isso, mesmo que os informantes analisem o sujeito nulo na opção B como *pro*, é também possível rejeitar essa interpretação, por causa da impossibilidade de obter a leitura esperada.²⁵

Previsão: Prevejo que os informantes nativos só vão aceitar a opção A, que é uma frase com sujeito realizado, e que vão rejeitar a frase com sujeito nulo (opção B), mas isto não significa que não analisem o sujeito nulo como *pro*, só que eles não aceitam esta leitura. A opção C também deve ser rejeitada por causa do efeito de ilha forte.

Quanto aos aprendentes, prevejo que eles também aceitem a opção A e rejeitem a opção C²⁶, mas não tenho certeza se vão rejeitar a opção B.

Distractor 1 NP complexo com objecto nulo e realizado

Exemplo:

(8) Alguém comprou um carro novo. _____

A. A pessoa que comprou é um jogador de futebol.

B. A pessoa que comprou o carro é um jogador de futebol.

C. O carro, a pessoa que comprou é um jogador de futebol.

Distractor 2 Adjunta adverbial com objecto nulo e realizado

Exemplo:

(9) A mãe deu uma prenda à Marta. A Marta estava muito feliz. _____

A. A mãe bateu as palmas quando a Marta abriu.

B. A mãe bateu as palmas quando a Marta abriu a prenda.

C. A prenda, a mãe bateu as palmas quando a Marta abriu.

Descrição: Estas duas condições com objecto nulo são distractores. Vão testar se os

²⁵ Estas condições também podem testar se os aprendentes chineses fazem uma sobregeneralização do uso do sujeito nulo em contextos inapropriados.

²⁶ Segundo J. Huang 1984, nestas condições, para manter a leitura esperada, o sujeito nulo na ilha já não pode ser *pro*, e só pode ser variável. Como a variável não pode ser extraída da ilha, a frase equivalente no chinês é também agramatical.

informantes analisam o objecto nulo com a mesma estratégia com que analisam o sujeito nulo. Como o objecto nulo no português só pode ser variável, e não pode ser *pro*, é impossível ter objecto nulo nas estruturas de ilha forte. Os itens do Distractor 1 contêm NP complexo enquanto os itens do Distractor 2 contêm uma frase adjunta adverbial. Ambas as estruturas são ilhas fortes.

Previsão: Prevejo que o grupo de controlo não vai aceitar a frase com objecto nulo (A), bem como a frase com topicalização. Quanto ao grupo dos chineses, penso que é possível que aceitem frases com objecto nulo, porque no chinês existem alguns casos em que o objecto nas ilhas pode ser omitido.²⁷

Seguem-se as condições que aparecem na segunda tarefa do teste.

Condição 5 Leitura estrita e imprecisa em frases completivas elípticas (no segundo termo da coordenação):

Exemplo:

(10) O João anunciou que vai estudar na Itália e o Rui também anunciou.

Quem é que o Rui anunciou que vai estudar na Itália?

A. o João B. o Rui C. uma outra pessoa

Descrição: nos itens desta condição, como no exemplo, o primeiro membro da frase principal contém um sujeito nulo na oração subordinada completiva e o segundo membro tem uma elipse. Os informantes vão responder como interpretam a elipse do segundo membro. A opção A implica que a elipse contém uma frase subordinada completiva finita com um sujeito nulo com uma leitura estrita enquanto a opção B implica que na elipse esse sujeito nulo tem uma leitura imprecisa. Se o sujeito nulo na elipse no segundo membro for analisado como *pro*, é permitida tanto a leitura estrita como a imprecisa, dependendo, no último caso, de existir mudança de tópico discursivo no segundo membro coordenado (ou seja, o tópico discursivo deixa de ser associado ao sujeito do primeiro

²⁷ No teste equivalente no chinês, que vai apresentar-se na secção 5, verifiquei que há falantes chineses que aceitam o objecto nulo nas condições de ilha.

termo coordenado e passa a ser associado ao sujeito do segundo termo coordenado). Por isso, se os informantes aceitam a leitura estrita e a imprecisa, tal implica que eles estão a analisar o sujeito nulo do segundo membro como *pro*.

Previsão: como o sujeito nulo no PE pode ser *pro*, prevejo que os informantes nativos vão aceitar a leitura estrita e a imprecisa. Quanto aos informantes chineses, acho que eles também vão aceitar as duas leituras, porque a minha hipótese é que os aprendentes chineses conseguem adquirir sintacticamente o sujeito nulo do PE e analisam-no como *pro*.

Subcondição 5 Leitura estrita e imprecisa em frases completivas elípticas (no segundo termo da coordenação) com topicalização:

Exemplo:

(11) O Carlos, o João anunciou que vai estudar na Itália e o Rui também anunciou.

Quem é que o Rui anunciou que vai estudar na Itália?

A. O João B. O Rui C. O Carlos

Descrição: Esta condição é uma subcondição da anterior. A diferença relativamente à condição 5 é a seguinte: nesta condição, a frase coordenada, no seu todo, contém um tópico que liga tanto o sujeito nulo encaixado no primeiro membro coordenado como o sujeito nulo da frase subordinada na parte elíptica do segundo membro coordenado. Por isso, os sujeitos nulos encaixados de ambos os membros devem ser analisados como variáveis. Desta forma, a única leitura possível é a leitura estrita, que implica que “o Rui também anunciou que o Carlos vai estudar na Itália.” A opção B corresponde à leitura imprecisa e a opção C corresponde à leitura estrita. A opção A implica que a categoria vazia na parte elíptica do segundo membro se refere ao sujeito da frase matriz do primeiro membro, mas não é a leitura estrita.

Previsão: Prevejo que os portugueses e os chineses vão aceitar apenas a leitura estrita.

Condição 6 Frase completiva de sujeito nulo com antecedente repartido:

Exemplo:

(12) Os professores e os alunos vão fazer uma viagem neste verão. Os professores

disseram aos alunos que vão visitar a China.

Quem é que vai visitar a China?

A. Os professores B. Os alunos C. os professores e os alunos

Descrição: nos itens desta condição, como no exemplo, a segunda frase principal contém um sujeito nulo na oração completiva. Se o sujeito nulo for *pro*, deve permitir um antecedente repartido. Os informantes vão responder se aceitam o antecedente repartido. Se aceitarem o antecedente repartido, isso implica que estão a analisar o sujeito nulo como *pro*. A opção C corresponde ao antecedente repartido, enquanto a opção A e B correspondem respectivamente ao antecedente na posição de sujeito e objecto.

Previsão: Prevejo que os falantes nativos vão aceitar o antecedente repartido. Como a minha hipótese é que os chineses conseguem adquirir o sujeito nulo como *pro*, prevejo que também aceitem o antecedente repartido.²⁸

3.2 Segunda parte

A segunda parte também vai dividir-se em duas subpartes: uma subparte com itens com apenas um antecedente referido no discurso (aparecem na primeira tarefa do teste, com duas opções) e outra subparte com itens com dois antecedentes referidos no discurso (aparecem na segunda tarefa do teste, com três opções). Cada condição contém dois itens. Todos os itens vão ser apresentados segundo uma ordem aleatória.

3.2.1 Itens com um antecedente referido no discurso

Condição 1 Frase completiva com sujeito omitido e um antecedente referido no discurso (verbo pleno)

Exemplo:

(13) O Rui disse que gosta de futebol

Quem é que gosta de futebol?

²⁸ De facto, o chinês também permite antecedente repartido. Veja-se Xu 1986, p. 85

A. o Rui B. uma outra pessoa

Descrição: Nos itens desta condição, a frase declarativa contém um sujeito nulo na subordinada completiva, como ilustrado no exemplo (13). Só existe um antecedente referido no discurso, que é o sujeito da matriz. Os informantes vão escolher qual é o antecedente do sujeito nulo encaixado. A opção A corresponde ao “antecedente na posição de sujeito da matriz” (= antecedente sujeito matriz) e a opção B a um “antecedente potencial no discurso” (= antecedente no discurso).

Previsão: segundo a literatura, o sujeito nulo vai procurar um antecedente na posição de sujeito. Por isso, prevejo que o grupo de controlo escolha o antecedente sujeito, que implica a co-referência entre o sujeito matriz e o sujeito nulo, mas que o grupo de chineses possa escolher ambas as opções, como vimos em (65) da secção 4 do capítulo 1.

Subcondição 1 Frase completiva com sujeito pronominal realizado e um antecedente referido no discurso (verbo pleno)

Exemplo:

(14) O Rui disse que ele gosta de futebol.

Quem é que gosta de futebol?

A. o Rui B. uma outra pessoa

Descrição: Esta condição é uma subcondição da anterior; a única diferença entre elas é que o sujeito nulo encaixado foi substituído por um pronome sujeito realizado.

Previsão: Segundo a literatura, o sujeito realizado prefere antecedentes que não se encontrem na posição de sujeito. Por isso, desta vez, prevejo que os informantes portugueses prefiram a leitura disjunta entre o sujeito matriz e o sujeito realizado encaixado (opção B), e que os chineses continuem a aceitar ambas as leituras, de acordo com o que vimos em (66) da secção 4 do capítulo 1.

Condição 2 Frase completiva com sujeito omitido e um antecedente referido no discurso (verbo *ser*)

Exemplo:

(15) O Rui disse que é bom estudante.

Quem é que é bom estudante?

A. o Rui B. uma outra pessoa

Descrição: Esta condição é muito semelhante à condição 1, só que o verbo da frase completiva foi substituído pelo verbo *ser*.

Previsão: Para o grupo de controlo, a opção A continua a ser preferencial, mas os informantes chineses podem preferir a opção B (i.e., a referência disjunta relativamente ao sujeito, referência a um antecedente que não está na posição de sujeito) por influência da língua materna, segundo vimos em (67) da secção 4 do capítulo 1.

Subcondição 2 Frase completiva com sujeito pronominal realizado e um antecedente referido no discurso (verbo *ser*)

Exemplo:

(16) O Rui disse que ele é bom estudante.

Quem é que é bom estudante?

A. o Rui B. uma outra pessoa

Descrição: Esta condição é uma subcondição da anterior; a única diferença entre ambas é que o sujeito nulo foi substituído por um sujeito realizado.

Previsão: o grupo de controlo vai preferir a leitura disjunta (B), mas os chineses vão continuar a aceitar ambas (em conformidade com (68) da secção 4 do capítulo 1).

Condição 3 Frase adjunta adverbial com sujeito omitido e um antecedente referido no discurso

Exemplo:

(17) O João costumava ir à biblioteca quando estudava na universidade.

Quem é que estudava na universidade?

A. o João B. uma outra pessoa

Descrição: Nos itens desta condição, como ilustrado no exemplo acima, a frase declarativa contém um sujeito nulo na frase subordinada adjunta adverbial. Só existe um antecedente referido no discurso, que é o sujeito da matriz. Os informantes vão escolher qual é o antecedente do sujeito nulo encaixado. A opção A corresponde ao “antecedente na posição de sujeito da matriz” (= antecedente sujeito matriz) e a opção B corresponde a um “antecedente potencial no discurso” (= antecedente no discurso).

Previsão: Tanto os falantes nativos como os falantes chineses vão preferir a leitura co-referente entre o sujeito da matriz e o sujeito nulo na subordinada (opção A, antecedente na posição de sujeito da matriz). Mesmo no chinês, a leitura disjunta é rejeitada, como salientamos no exemplo (69) da secção 4 do capítulo 1.

Subcondição 3 Frase adjunta adverbial com sujeito realizado e um antecedente referido no discurso

Exemplo:

(18) O João costumava ir à biblioteca quando ele estudava na universidade.

Quem é que estudava na universidade?

A. o João B. uma outra pessoa

Descrição: Esta condição é uma subcondição da anterior; a única diferença é que o sujeito nulo foi substituído por um sujeito realizado.

Previsão: Para esta condição, os falantes nativos vão preferir a leitura disjunta (um antecedente do sujeito realizado que não esteja na posição de sujeito), enquanto os chineses vão aceitar ambas as interpretações (em conformidade com (70) da secção 4 do capítulo 1).

3.2.2 Itens com dois antecedentes referidos no discurso

Condição 1 Frase completiva de sujeito omitido com dois antecedentes referidos no discurso, ambos na posição de sujeito (com verbo pleno):

Exemplo:

(19) O Pedro come três gelados e o Rui come quatro. O Pedro disse que não deve comer tantos gelados.

Na opinião do Pedro, quem é que não deve comer tantos gelados ?

A. o Rui B. o Pedro C. uma outra pessoa

Descrição: Nos itens desta condição, a primeira frase é composta por duas frases coordenadas declarativas e serve de contexto, enquanto a segunda frase declarativa contém uma subordinada completiva com um sujeito nulo. Existem dois antecedentes referidos no discurso na primeira frase e ambos os antecedentes estão na posição de sujeito. O primeiro é co-referente com o sujeito da frase matriz da segunda frase; este último sujeito c-comanda o sujeito nulo encaixado. O outro antecedente referido na primeira frase não é retomado e, por isso, não c-comanda o sujeito nulo encaixado. Designo o primeiro antecedente como “antecedente na posição de sujeito de matriz” (= antecedente sujeito matriz) (opção B), e o segundo antecedente como “antecedente na posição de sujeito do segundo termo coordenado da frase anterior” (= antecedente sujeito na frase anterior) (opção A). Os informantes vão escolher qual é o antecedente do sujeito nulo encaixado. Assim, a opção C corresponde a um “antecedente potencial no discurso” (= antecedente no discurso).

Previsão: Nesta situação, prevejo que o grupo de controlo vai preferir a leitura co-referente entre o sujeito da matriz e o sujeito nulo da completiva (opção B), ou seja, vai procurar o antecedente que c-comanda localmente o sujeito nulo, mas prevejo que o grupo de falantes chineses aceite ambas as leituras (opções A e B) (de acordo com (72) da secção 4 do capítulo 1).

Subcondição 1 Frase completiva de sujeito pronominal realizado com dois antecedentes referidos no discurso, ambos na posição de sujeito (com verbo pleno)

Exemplo:

(20) O Pedro come três gelados e o Rui come quatro. O Pedro disse que ele não deve comer tantos gelados.

Na opinião do Pedro, quem é que não deve comer tantos gelados todos os dias?

A. o Rui B. o Pedro C. uma outra pessoa

Descrição: Esta condição é uma subcondição da anterior; a única diferença é que o sujeito nulo foi substituído por um sujeito pronominal realizado.

Previsão: os falantes nativos podem preferir a leitura disjunta entre o sujeito matriz e o sujeito nulo da completiva (opção A), ou seja, podem não optar pelo elemento nominal que c-comanda localmente o sujeito realizado como seu antecedente; os falantes do chinês vão continuar a aceitar ambas as leituras (opções A e B).

Condição 2 Frase completiva de sujeito omitido com dois antecedentes referidos no discurso, ambos na posição de sujeito (com verbo *ser*)

Exemplo:

(21) A Laura estuda todas as noite até à meia noite e a Rita estuda até à 1h. A Laura diz que é boa estudante.

Na opinião da Laura, quem é que é boa estudante?

A. a Rita B. a Laura C. uma outra pessoa

Subcondição 2 Frase completiva de sujeito pronominal realizado com dois antecedentes referidos no discurso, ambos na posição do sujeito (com verbo *ser*)

Exemplo:

(22) A Laura estuda todas as noite até à meia noite e a Rita estuda até à 1h. A Laura diz que ela é boa estudante.

Na opinião da Laura, quem é que é boa estudante?

A. a Rita B. a Laura C. uma outra pessoa

Descrição: A condição 2 e a subcondição 2 são muito semelhantes à condição 1 e à subcondição 1; a única diferença é que o verbo da frase completiva foi substituído pelo verbo *ser*.

Previsão: Para estas condições, penso que os falantes do português não vão ter leituras

diferentes relativamente às condições anteriores. Prevejo, no entanto, que os falantes chineses rejeitem a leitura de co-referência quando o sujeito da completiva é nulo, em conformidade com o que disse sobre o exemplo (67) da secção 4 do capítulo 1, e aceitem ambas as leituras (opções A e B) quando o sujeito da completiva é realizado.

Condição 3 Frase adjunta adverbial de sujeito omitido com dois antecedentes referidos no discurso, ambos na posição de sujeito

Exemplo:

(23) O Rui está no metro e o Tiago também está no metro. O Rui comprou um jornal quando saiu do metro.

Quem é que saiu do metro?

A. o Rui B. o Tiago C. uma outra pessoa

Descrição: Nos itens desta condição, a primeira frase, constituída por duas orações coordenadas, serve de contexto, enquanto a segunda frase inclui uma subordinada adjunta adverbial que contém um sujeito nulo. Existem dois antecedentes referidos no discurso na primeira frase complexa, ambos na posição de sujeito. Um dele é co-referente com o sujeito da matriz da segunda frase; este sujeito matriz c-comanda localmente o sujeito nulo encaixado. O outro antecedente não c-comanda localmente o sujeito nulo encaixado. Considero o primeiro antecedente como “antecedente na posição de sujeito da matriz” (= antecedente sujeito matriz) (opção A), e o segundo antecedente como “antecedente na posição de sujeito do segundo termo coordenado da frase anterior” (= antecedente sujeito na frase anterior) (opção B). Os informantes vão escolher qual é o antecedente do sujeito nulo encaixado. Assim, a opção C corresponde a um “antecedente potencial no discurso” (= antecedente no discurso).

Previsão: Prevejo que tanto os falantes portugueses como os falantes nativos do chinês prefiram a leitura co-referente com o antecedente na posição de sujeito da frase matriz (veja-se (69) da secção 4 do capítulo 1).

Subcondição 3 Frase adjunta adverbial de sujeito pronominal realizado com dois

antecedentes referidos no discurso, ambos na posição de sujeito

Exemplo:

(24) O Rui está no metro e o Tiago também está no metro. O Rui comprou um jornal quando ele saiu do metro.

Quem é que saiu do metro?

A. o Rui B. o Tiago C. uma outra pessoa

Descrição: Esta condição é uma subcondição da anterior; a única diferença é que o sujeito nulo foi substituído por um sujeito realizado.

Previsão: Os falantes nativos vão preferir a leitura disjunta, enquanto os falantes do chinês vão aceitar ambas as leituras (opções A e B) (confronte-se (70) da secção 4 do capítulo 1).

Condição 4 Frase completiva de sujeito omitido com dois antecedentes referidos no discurso, um na posição de sujeito e outro na de objecto indirecto (com verbo pleno):

Exemplo:

(25) O João disse ao Rui que passou no exame

Quem é que passou no exame?

A. o João B. o Rui C. uma outra pessoa

Descrição: Nos itens desta condição, a frase principal tem um sujeito e um objecto indirecto. A frase subordinada é uma completiva que contém um sujeito nulo. Tanto o sujeito como o objecto indirecto da frase podem tornar-se no antecedente do sujeito nulo. Os informantes vão escolher qual é o antecedente do sujeito encaixado. A opção A corresponde ao “antecedente na posição de sujeito da matriz” (= antecedente sujeito matriz), a opção B corresponde ao “antecedente na posição de objecto” (= antecedente objecto), ou seja, antecedente na posição de não sujeito, enquanto a opção C corresponde a um “antecedente potencial no discurso” (= antecedente no discurso).

Previsão: Segundo a literatura, o sujeito nulo do PE prefere um antecedente na posição de sujeito, assim prevejo que os informantes nativos preferirão a opção A (leitura

co-referente entre o sujeito da matriz e o sujeito nulo encaixado, ou seja, antecedente na posição de sujeito) e que os aprendentes chineses aceitem ambas as leituras (opções A e B).

Subcondição 4 Frase completiva com sujeito pronominal realizado com dois antecedentes referidos no discurso, um na posição de sujeito e outro na de objecto indirecto (com verbo pleno):

Exemplo:

(26) O João disse ao Rui que ele passou no exame.

Quem é que passou no exame?

A. o João B. o Rui C. uma outra pessoa

Descrição: Esta condição é a subcondição da condição 4; a única diferença é que o sujeito nulo foi substituído por um pronome realizado.

Previsão: Segundo a literatura, um pronome realizado no PE prefere um antecedente que não está na posição de sujeito. Por isso, prevejo que os falantes nativos vão preferir o antecedente na posição de objecto. Quanto aos aprendentes chineses, prevejo que eles continuem a aceitar ambas as opções (opções A e B), devido à influência da língua materna.

Condição 5 Frase completiva de sujeito omitido com dois antecedentes referidos no discurso, um na posição de sujeito e outro na do objecto indirecto (com verbo *ser*)

Exemplo:

(27) O João disse ao Rui que é filho único.

Quem é que é filho único?

A. o João B. o Rui C. uma outra pessoa

Subcondição 5 Frase completiva com sujeito pronominal realizado com dois antecedentes referidos no discurso, um na posição de sujeito e outro na de objecto indirecto (com verbo *ser*):

Exemplo:

(28) O João disse ao Rui que ele é filho único

Quem é que é filho único?

A. o João B. o Rui C. uma outra pessoa

Descrição: A condição 5 e subcondição 5 são muito semelhantes à condição 4 e à subcondição 4, só que o verbo da frase subordinada foi substituído pelo verbo *ser*.

Previsão: Prevejo que o comportamento do grupo de controlo seja muito semelhante ao das condições anteriores (condição 4 e subcondição 4). Mas, no que diz respeito aos falantes de chinês, prevejo que eles rejeitem a leitura co-referente se o sujeito da completiva for nulo, como vimos em (67) da secção 4 do capítulo 1. Quanto à subcondição 5, que é de sujeito realizado, prevejo que eles aceitem ambas as leituras (opções A e B).

Condição 6 Frase adjunta adverbial de sujeito omitido com dois antecedentes referidos no discurso, um na posição de sujeito e outro na de objecto indirecto:

Exemplo:

(29) A Joana escreveu uma carta à Ana quando trabalhava no Brasil.

Quem é que trabalhava no Brasil?

A. a Joana B. a Ana C. uma outra pessoa

Descrição: Nos itens desta condição, a frase principal tem um sujeito e um objecto indirecto. A frase subordinada é uma adjunta adverbial que contém um sujeito nulo. Tanto o sujeito como o objecto indirecto da frase podem tornar-se em antecedentes do sujeito nulo. Os informantes vão escolher qual é o antecedente do sujeito encaixado. A opção A corresponde ao “antecedente na posição de sujeito da matriz” (= antecedente sujeito matriz), a opção B corresponde ao “antecedente na posição de objecto” (= antecedente objecto), ou seja, antecedente na posição de não sujeito, enquanto a opção C corresponde a um “antecedente potencial no discurso” (= antecedente no discurso).

Previsão: Segundo a literatura, o sujeito nulo do PE prefere um antecedente na posição de

sujeito, por isso, a opção A (leitura co-referente entre o sujeito matriz e o sujeito nulo, ou seja, o antecedente na posição de sujeito) deve ser preferida pelos informantes nativos. Os aprendentes chineses devem também preferir esta opção, porque o chinês está em sintonia com o PE neste aspecto.

Subcondição 6 Frase adjunta adverbial de sujeito pronominal realizado com dois antecedentes referidos no discurso, um na posição de sujeito e outro na de objecto indirecto:

Exemplo:

(30) A Joana escreveu uma carta à Ana quando ela trabalhava no Brasil.

Quem é que trabalhava no Brasil?

A. a Joana B. a Ana C. uma outra pessoa

Descrição: Esta condição é uma subcondição da anterior; a única diferença é que o sujeito nulo foi substituído por um sujeito realizado.

Previsão: Tal como nas condições anteriores de sujeito realizado, prevejo que os falantes nativos preferirão o objecto como antecedente do sujeito realizado, mas que os aprendentes chineses continuem a aceitar ambas as opções (opções A e B).

Condição 7 Frase completiva de sujeito omitido com antecedente quantificado na matriz

Exemplo:

(31) Cada aluno da turma do João disse que podia ganhar a corrida.

Quem é que pode ganhar a corrida?

A. cada aluno B. o João C. uma outra pessoa

Subcondição 7 Frase completiva de sujeito pronominal realizado com antecedente quantificado na matriz:

Exemplo:

(32) Cada aluno da turma do João disse que ele podia ganhar a corrida

Quem é que pode ganhar a corrida?

A. cada aluno B. o João C. uma outra pessoa

Descrição²⁹: A condição 7 e a subcondição 7 envolvem quantificadores. Nos itens da condição 7, como no exemplo, a frase principal contém uma frase completiva que tem um sujeito nulo. O sujeito da frase matriz é um quantificador. O sintagma quantificado contém um PP que inclui um NP. Este NP não c-comanda o sujeito nulo encaixado. Tanto o sintagma quantificado como o NP no PP são antecedentes potenciais do sujeito nulo encaixado. Os informantes vão escolher qual é o antecedente do sujeito nulo. A opção A corresponde ao quantificador (na posição de sujeito) e a opção B corresponde ao NP (na posição de não sujeito) que não c-comanda o sujeito nulo. A opção C corresponde a um antecedente no discurso. Na subcondição 7 o sujeito nulo foi substituído por um sujeito realizado.

Segundo a literatura, nas línguas de sujeito nulo como o PE, se o sujeito encaixado for nulo, o seu antecedente pode ser o sujeito quantificado da frase matriz (leitura de variável (ing. *bound variable*)). Mas, se o sujeito encaixado estiver realizado, esta leitura é impossível. Por isso, a condição 7 pode ter a leitura de variável enquanto a subcondição 7 não pode ter a leitura de variável.

Previsão: Embora o chinês tenha uma leitura diferente do português nas condições acima, ambas as línguas são idênticas relativamente a esta condição de quantificador. Isto deve-se ao *Overt Pronoun Constraint* (OPC), que impede um pronome realizado de tomar um quantificador como antecedente (cf. Montalbetti 1984). Zhao 2012 pensa que o OPC não se aplica ao chinês, mas a meu ver, em conformidade com Xu 1986, o chinês apresenta o OPC.³⁰ Por isso, prevejo que os portugueses e os chineses prefiram o sujeito quantificado da frase matriz como antecedente do sujeito nulo e rejeitem esse sujeito quantificado como antecedente do sujeito pronominal realizado.

²⁹ Estas duas condições de quantificador estão na fronteira entre a sintaxe e a pragmática. No entanto, segundo os dados do teste, o comportamento dos aprendentes chineses na subcondição 7 é muito diferente do que apresentam nas outras condições com sujeito realizado. Parece que a condição e subcondição 7 deve pertencer meramente à sintaxe, e não à pragmática. Veja-se os dados na Tabela 29.

³⁰ Como defendeu Xu 1986 p. 87, no chinês, uma frase com sujeito matriz quantificado não pode ter a leitura de variável, se o sujeito da encaixada é pronominal: *Meige ren₁ xiwang ta₂ neng xingfu*. 'Cada pessoa espera que ele possa estar feliz'.

3.2.3 Distractores

A seguir apresentam-se alguns distractores relativamente a estas condições. A segunda parte contém 16 distractores no total

Distractor 1 Topicalização do objecto directo ou Deslocação à esquerda clítica do objecto directo com duas opções (na primeira tarefa do teste)

Exemplos:

(33) O Jorge, os colegas do Rui não viram.

Quem é que os colegas do Rui não viram?

A. o Jorge B. o Rui

(34) O Jorge, os colegas do Rui não o viram

Quem é que os colegas do Rui não viram?

A. o Jorge, B. o Rui

Distractor 2 Topicalização do objecto directo ou Deslocação à esquerda clítica do objecto directo com três opções (na segunda tarefa do teste):

Exemplos:

(35) O Rui foi à exposição e a Ana também. A Laura, o Rui não viu na exposição.

Quem é que o Rui não viu na exposição?

A. a Ana B. a Laura C. uma outra pessoa

(36) O João chegou à festa e o Rui também. O Rui, o João disse que o Pedro não consegue ver.

Quem é que o Pedro não consegue ver?

A. o João B. o Rui C. uma outra pessoa

(37) O Rui foi à exposição e a Ana também. A Laura, o Rui não a viu na exposição

Quem é que o Rui não viu na exposição?

A. a Ana B. a Laura C. uma outra pessoa

(38) O João chegou à festa e o Rui também. O Rui, o João disse que o Pedro não o consegue ver.

Quem é que o Pedro não consegue ver?

A. o João B. o Rui C. uma outra pessoa

Distractor 3 Frases completivas com objecto nulo ou realizado (na segunda tarefa do teste):

Exemplos:

(39) Os alunos da turma do João disseram que detestam.

Quem é que os alunos da turma do João detestam?

A. os alunos B. o João C. uma outra pessoa

(40) Os alunos da turma do João disseram que o detestam.

Quem é que os alunos da turma do João detestam?

A. os alunos B. o João C. uma outra pessoa

4. Dados da aquisição do sujeito nulo por parte dos falantes nativos do chinês que aprendem o PE como L2

A seguir apresentam-se os dados obtidos no teste de compreensão.

4.1. A Primeira parte do teste de compreensão

4.1.1 Os dados

4.1.1.1 Dados da terceira tarefa do teste

Tabela 1 Condição 1 NP complexo na posição de sujeito (ex (4) na secção 3.1 p. 72)

Opções	Sujeito nulo		Sujeito realizado		Topicalização	
	Número de Respostas	Percentagem	Número de Respostas	Percentagem	Número de Respostas	Percentagem
Intermédio	6/28	21%	19/28	68%	5/28	18%

Avançado	13/28	46%	21/28	75%	3/28	11%
Controlo	18/28	64%	25/28	89%	1/28	4%

Esta condição visa atestar se os informantes analisam o sujeito nulo como *pro*. Segundo a hipótese, se os informantes aceitarem a frase com sujeito nulo e rejeitarem a frase com topicalização, isso indica que estão a analisar o sujeito nulo como *pro*, e não como variável.

Quando olhamos para os dados do grupo de controlo, podemos ver que os falantes nativos têm uma percentagem de aceitação da frase com sujeito nulo de 64%, e só 4% aceita a frase com topicalização. Isto indica que os falantes nativos não analisam o sujeito nulo como variável. No entanto, notamos que a opção com a percentagem mais alta é a da frase com sujeito realizado. Acho que isto pode dever-se à hipótese de que uma frase com sujeito realizado é a estrutura não marcada, segundo autores como Bresnan 2001, 2004 e Sprouse & Vance 1999.

Os informantes chineses não têm uma preferência pela opção com sujeito nulo: no grupo de nível intermédio só têm uma percentagem de aceitação de 21% e, no grupo de nível avançado, este número só subiu para 46%. A opção preferencial dos aprendentes é também a da frase com sujeito realizado. Verificamos igualmente que poucos participantes aceitam a frase com topicalização.

Tabela 2 Condição 2 NP complexo na posição de objecto (ex (6) na secção 3.1 p. 74)

Opções	Sujeito nulo		Sujeito realizado		Topicalização	
	Número de Respostas	Percentagem	Número de Respostas	Percentagem	Número de Respostas	Percentagem
Intermédio	3/28	11%	22/28	79%	5/28	18%
Avançado	10/28	36%	24/28	86%	4/28	14%
Controlo	2/28	7%	27/28	96%	0/28	0%

Esta condição serve como controlo da primeira condição. A opção com sujeito nulo pode

ser rejeitada muito provavelmente por factores pragmático-discursivos, pois no português europeu os falantes preferem a entidade mais próxima como antecedente do sujeito nulo. Os resultados do grupo de controlo também provaram isto, pois quase ninguém aceita as frases com sujeito nulo.

Quanto aos grupos de aprendentes, as percentagens de aceitação da opção com sujeito nulo de ambos os grupos são também reduzidas, enquanto as percentagens de aceitação da opção com sujeito realizado são elevadas. No entanto, ainda há alguns participantes que aceitam a frase com topicalização.

Tabela 3 Condição 3 Adjunta adverbial com co-referência entre o sujeito de matriz e o sujeito nulo na ilha (ex (5) na secção 3.1 p. 73)

Opções	Sujeito nulo		Sujeito realizado		Topicalização	
	Número de Respostas	Percentagem	Número de Respostas	Percentagem	Número de Respostas	Percentagem
Intermédio	20/28	71%	4/28	14%	5/28	18%
Avançado	26/28	93%	9/28	32%	2/28	7%
Controlo	28/28	100%	0/28	0%	0/28	0%

Esta condição diz respeito à frase adjunta adverbial. Podemos ver que, quando existe a co-referência entre o sujeito matriz e o sujeito encaixado, todos os falantes nativos aceitam a opção de sujeito nulo na frase encaixada e ninguém a aceita com sujeito realizado. Acho que isto se deve ao Princípio C da teoria de ligação, que impede que o NP na subordinada seja co-referente com o sujeito da matriz.

No entanto, ainda há alguns aprendentes chineses que aceitam a frase com sujeito realizado. É difícil explicar este juízo de aceitabilidade. Verifico também que há informantes que aceitam a estrutura com topicalização, o que pode ser causado pela ambiguidade da estrutura decorrente dos itens (veja-se a opção C de (5) na secção 3.1).

Tabela 4 Condição 4 Adjunta adverbial com referência disjunta entre o sujeito da matriz e

o sujeito nulo da ilha (ex (7) na secção 3.1 p. 74)

Opções	Sujeito nulo		Sujeito realizado		Topicalização	
	Número de Respostas	Percentagem	Número de Respostas	Percentagem	Número de Respostas	Percentagem
Intermédio	7/28	25%	19/28	68%	3/28	11%
Avançado	8/28	29%	25/28	89%	2/28	7%
Controlo	1/28	4%	27/28	96%	0/28	0%

Esta condição continua a incidir sobre a frase adjunta adverbial, e os dados apresentam semelhanças com os da condição 2. Como a leitura oferecida pela estrutura com sujeito nulo é rejeitada pelo contexto, quase todos os falantes nativos escolhem, desta vez, a opção com sujeito realizado. Acho que o resultado desta condição, juntamente com o da condição 2, prova que o PE tem uma grande preferência por aceitar apenas a entidade mais próxima como antecedente do sujeito nulo encaixado, propriedade diferente das outras línguas românicas de sujeito nulo, por exemplo o italiano (cf. Holmberg 2010³¹). Quando olhamos para os aprendentes, verificamos que eles também preferem a opção com sujeito realizado. No entanto, ainda há pessoas que aceitam frases com sujeito nulo, o que é diferente dos juízos dos falantes nativos.

Tabela 5 Distractor 1 NP complexo com objecto nulo e realizado (ex (8) na secção 3.1 p. 75)

Opções	Objecto nulo		Objecto realizado		Topicalização	
	Número de Respostas	Percentagem	Número de Respostas	Percentagem	Número de Respostas	Percentagem
Intermédio	8/28	29%	18/28	64%	2/28	7%
Avançado	17/28	61%	19/28	68%	4/28	14%
Controlo	10/28	36%	28/28	100%	0/28	0%

³¹ Em Holmberg 2010, o autor sugere que o PE nem sempre aceita o tópico *aboutness shift* como antecedente do sujeito nulo. Por exemplo, *o João₁ não disse nada, mas o José₂ disse que pro_{#1/2} vai comprar um carro*. Nesta frase, mesmo que o tópico da frase seja “o João”, o PE continua a não o aceitar como antecedente do sujeito nulo encaixado, porque “o José”, que está mais próximo do sujeito nulo, vai ser o antecedente.

Esta condição trata dos casos de objecto nulo. Ao contrário do sujeito nulo, o objecto nulo no PE não é considerado como *pro* por alguns autores, por exemplo, Raposo 1986. Raposo defende que o objecto nulo no PE é uma variável ligada pelo tópico da frase, facto muito semelhante ao do chinês. Isto vai implicar que o objecto nulo não vai ser aceite nas construções de ilha forte, porque o tópico não pode ser movido para fora destas estruturas.

Relativamente aos dados do grupo de controlo, verificamos que todos os informantes aceitam a frase com objecto realizado como a mais natural. No entanto, os falantes nativos ainda têm uma percentagem de 36% de aceitação do objecto nulo na construção de NP complexo. Este facto é contrário à afirmação de Raposo e implica que nem todos os falantes de português analisam o objecto nulo como variável, mas sim como *pro*.

Quando olhamos para os grupos de aprendentes, podemos ver que eles também preferem objecto realizado a objecto nulo. No entanto, a percentagem da aceitação de objecto realizado está ainda longe dos 100% (64% no grupo de intermédio e 68% no grupo de avançado). Existem participantes que aceitam o objecto nulo, especialmente nos grupo de avançado, que tem uma percentagem de 61% de aceitação do objecto nulo.

Tabela 6 Distractor 2 Adjunta adverbial com objecto nulo e realizado (ex (9) na secção 3.1 p. 75)

Opções	Objecto nulo		Objecto realizado		Topicalização	
	Número de Respostas	Percentagem	Número de Respostas	Percentagem	Número de Respostas	Percentagem
Intermédio	5/28	18%	15/28	54%	8/28	29%
Avançado	12/28	43%	22/28	79%	4/28	14%
Controlo	6/28	21%	25/28	89%	3/28	11%

Esta condição da frase adjunta adverbial é semelhante à condição de NP complexo. A maioria dos falantes nativos aceitam a opção com objecto realizado (89%), mas ainda há

uma tendência ligeira para a aceitação de objecto nulo (21%). Isto também se verificou na condição anterior.

Quanto aos aprendentes, verificamos que a opção com objecto realizado é preferencial, mas, no grupo de nível intermédio, a percentagem de aceitação desta estrutura só atinge 54%; há pessoas que aceitam estruturas de objecto nulo e de topicalização. No grupo avançado, mesmo que a percentagem de objecto realizado atinja 79%, a percentagem de aceitação do objecto nulo também atinge 43%. Este grupo é aquele que tem a maior percentagem de aceitação do objecto nulo dentro dos três grupos.

4.1.1.2 Dados na segunda tarefa do teste

Tabela 7 Condição 5 Leitura estrita e imprecisa em frases completivas elípticas (no segundo termo da coordenação) (ex (10) na secção 3.1 p. 76)

Opções	Estrita		Imprecisa (sloppy)		Outra	
	Número de respostas	Percentagem	Número de respostas	Percentagem	Número de respostas	Percentagem
Intermédio	12/28	42%	14/28	50%	4/28	14%
Avançado	22/28	79%	17/28	61%	3/28	11%
Controlo	20/28	71%	13/28	46%	0/28	0%

Vamos primeiro olhar para os dados do grupo de controlo. À primeira vista, parece que os falantes nativos preferem a leitura estrita à leitura imprecisa (79% vs 46%) e a percentagem de aceitação da leitura imprecisa só atinge 46%. Mas de qualquer maneira, tanto a leitura estrita como a leitura imprecisa são possíveis, só que nem todos os falantes preferem a leitura imprecisa.

Quando olhamos para os aprendentes, os informantes dos dois grupos ainda têm uma percentagem mais alta de aceitação da leitura imprecisa, relativamente ao grupo de controlo. Parece que os aprendentes intermédios flutuam entre a leitura imprecisa e a leitura estrita (50% vs 42%), enquanto os avançados parecem aceitar ambas as leituras

(79% para estrita e 61% para imprecisa).

Tabela 8 Subcondição 5 Leitura estrita e imprecisa em frases completivas elípticas (no segundo termo da coordenação) com topicalização (ex (11) na secção 3.1 p. 77)

Opções	Estrita		Imprecisa (sloppy)		Sujeito matriz	
	Número de respostas	Percentagem	Número de respostas	Percentagem	Número de respostas	Percentagem
Intermédio	14/28	50%	7/28	25%	5/28	18%
Avançado	20/28	71%	6/28	21%	6/28	21%
Controlo	24/28	86%	5/28	18%	2/28	7%

Nesta condição, os falantes nativos voltaram a ter os comportamentos esperados. 86% das respostas aceitam a leitura estrita, e só há 18% das respostas que aceitam a leitura imprecisa. Isto está conforme a minha hipótese, de que os falantes nativos só aceitam a leitura estrita quando o tópico discursivo liga também o sujeito nulo encaixado na parte elíptica do segundo termo coordenado.

O comportamento dos aprendentes avançados também está próximo do dos falantes nativos. 71% das respostas aceitam a leitura estrita. Mas este número só atinge 50% para os aprendentes intermédios. Nota-se que alguns aprendentes intermédios não responderam às perguntas desta condição, pois a percentagem total não atinge 100%. Isto pode implicar que os aprendentes chineses têm dificuldades na compreensão desta estrutura.

Tabela 9 Condição 6 Frase completiva de sujeito nulo com antecedente repartido (ex (12) na secção 3.1 p. 77)

Opções	Sujeito		Objecto		Repartido	
	Número de respostas	Percentagem	Número de respostas	Percentagem	Número de respostas	Percentagem
Intermédio	8/28	29%	8/28	29%	17/28	61%

Avançado	6/28	21%	10/28	36%	20/28	71%
Controlo	10/28	36%	3/28	11%	17/28	61%

Nesta condição, a maioria dos falantes nativos aceita o antecedente repartido (61%), o que está conforme a minha hipótese de que os falantes nativos iriam aceitar o antecedente repartido. Verificamos que a aceitação de antecedente na posição de sujeito é também possível (36%).

Quanto aos aprendentes chineses, o seu comportamento está muito próximo do dos falantes nativos. 61% das respostas do nível intermédio e 71% das respostas do nível avançado aceitam o antecedente repartido. Tal como os nativos, ainda há alguns aprendentes que aceitam o antecedente na posição de sujeito e até o antecedente na posição de objecto.

4.1.2 Discussão

Primeiro vamos ver o caso do grupo de controlo. Podemos constatar que os informantes portugueses normalmente aceitam sujeito nulo nas estruturas de NP complexo e frase adjunta adverbial, quando o contexto permite essa possibilidade (condição 1 e 3). No entanto, os informantes não aceitam sujeito nulo gerado por movimento A', ligado por um tópico que está no início da frase. Isto está conforme com a nossa previsão, que vai indicar que os falantes do português analisam o sujeito nulo no NP complexo e adjunta adverbial como *pro* e não como variável.

No entanto, os informantes têm também uma preferência definida na selecção do antecedente do sujeito nulo, isto é, o antecedente de um sujeito nulo vai ser o elemento nominal mais próximo que está na posição de sujeito. Se o contexto forçar o sujeito nulo a procurar um antecedente mais longe, o sujeito nulo é rejeitado (condição 2 e 4).

Quanto às condições de objecto, podemos ver que a maioria dos informantes nativos não aceita objecto nulo nas estruturas de ilha forte, o que implica que o objecto nulo no PE é uma variável. No entanto, encontrei ainda alguns informantes que aceitam objecto nulo em contextos de NP complexo e adjunta adverbial. Este facto pode significar que a

gramática do objecto nulo no PE entre os diferentes falantes não é uniforme.

Nas condições de leitura estrita e imprecisa, parece-me que o comportamento dos informantes é consistente com a minha hipótese, pois tanto a leitura estrita como a leitura imprecisa foram aceites pelos falantes nativos. No entanto, a percentagem de aceitação da leitura imprecisa não atinge 50%. Nem todos os informantes aceitam simultaneamente a leitura estrita e imprecisa. Possivelmente, isto deve-se ao facto de que alguns informantes não acham que exista mudança de tópico, como referi na pp. 76-77. Acho que vale a pena fazer mais trabalhos para analisar esta questão. No entanto, quando o tópico discursivo liga os sujeitos nulos de ambos os termos coordenados (um dos quais na parte elíptica), a maioria dos informantes aceitou a leitura estrita, o que está conforme com a minha hipótese.

Por fim, quanto à condição de antecedente repartido, a maioria dos falantes nativos aceita o antecedente repartido. No entanto, ainda há pessoas que não o aceitam.

Agora voltemos aos grupos dos chineses. A primeira coisa que verifiquei é que os aprendentes também não aceitam as opções em que o tópico liga o sujeito nulo, o que implica que analisam o sujeito nulo nestes casos como variável, e que rejeitam o movimento A' de variável nas construções de ilha forte. Mas também não têm uma percentagem tão alta de aceitação de sujeito nulo como os portugueses, nas condições de NP complexo (condição 1). Admito 2 hipóteses para explicar estes factos:

A primeira hipótese é que os aprendentes chineses também analisam o sujeito nulo como variável, e não o analisam como *pro*. Por isso, rejeitam o sujeito nulo nestas estruturas de ilha forte. Mas esta hipótese deve ser eliminada quando olhamos para os dados da condição 3, em que a maioria dos aprendentes aceita o sujeito nulo. Isto vai implicar que os aprendentes chineses também analisam o sujeito nulo como *pro*. Por isso, a segunda hipótese é que os aprendentes chineses analisam o sujeito nulo como *pro*, mas, como ainda não dominam bem o português, preferem uma estratégia da estrutura não marcada, que é de sujeito realizado, no sentido de Bresnan 2001, 2004 e Sprouse & Vance 1999. Desta forma, os aprendentes chineses preferem a frase com sujeito realizado à frase com sujeito nulo na condição de NP complexo.

Quanto à condição de adjunta adverbial (condição 3), a situação é um pouco diferente.

Como está envolvido o princípio C da teoria da ligação, a opção com sujeito realizado é rejeitada (veja-se a análise da condição 3). Por isso, a estratégia que escolhem é o uso do sujeito nulo. Por isso, a maioria dos informantes escolheram a frase com sujeito nulo nos itens da condição 3. Porém, ainda se encontram informantes que insistem na frase com sujeito realizado.

Além disso, verifiquei uma outra diferença entre os aprendentes e os falantes nativos: os chineses têm uma ligeira tendência para aceitar sujeito nulo em contextos inapropriados (condições 2 e 4). Acho que é possível que eles façam uma sobre-generalização do uso do sujeito nulo, que implica que ainda não dominam bem os aspectos pragmático-discursivos do sujeito nulo do PE.

Quanto às condições de objecto nulo, verifiquei que os aprendentes chineses têm comportamentos semelhantes aos falantes nativos. Enquanto a maioria dos informantes aceita as frases com objecto realizado, há alguns informantes que aceitam também frases com objecto nulo, especialmente nos grupos de nível avançado. Possivelmente isto acontece porque eles fizeram uma sobre-generalização associando o uso do sujeito nulo e do objecto nulo, mas acho que esta questão deve ser analisada em trabalhos futuros.

Os aprendentes chineses também aceitam a leitura estrita e a leitura imprecisa nas construções de elipse, embora a percentagem de aceitação não seja muito alta. A maioria dos aprendentes chineses aceita o antecedente repartido, facto que está a favor da hipótese de eles conseguirem adquirir o sujeito nulo como *pro*.

4.2. A segunda parte do teste de compreensão³²

4.2.1 A primeira subparte: itens com um antecedente referido no discurso (na primeira tarefa do teste)

Tabela 10 Condição 1 Frase completiva com sujeito omitido e um antecedente referido no discurso (verbo pleno) (ex (13) na secção 3.2.1 p. 78)

³² Para facilitar a apresentação, não vou discutir os resultados dos itens distractores desta parte.

Posição do antecedente	Sujeito		Não sujeito (No discurso)	
	Número de respostas	percentagem	Número de respostas	percentagem
Intermédio	25/28	89%	10/28	36%
Avançado	26/28	93%	4/28	14%
Controlo	28/28	100%	0/28	0%

Vejamos primeiro o caso dos falantes nativos. Nesta condição, todos os falantes nativos preferem um elemento na posição de sujeito como o antecedente do sujeito nulo. Isto acontece porque um sujeito nulo no PE procura preferencialmente um elemento mais saliente como seu antecedente. O resultado é conforme com a minha previsão.

Quando olhamos para os grupos de aprendentes, podemos ver que a maioria dos informantes aceita também o elemento na posição de sujeito como antecedente do sujeito nulo. Este comportamento é semelhante ao dos falantes nativos. No entanto, verifico também que no grupo de nível intermédio, os informantes têm uma percentagem de 36% de aceitação de um elemento que não é o sujeito da frase matriz (antecedente no discurso) como antecedente do sujeito nulo. Esta percentagem reduz-se para 14% no grupo de nível avançado. Este fenómeno mostra que os aprendentes chineses ainda não têm um comportamento idêntico ao dos falantes nativos, especialmente no grupo intermédio. Contudo, os informantes do grupo avançado já adquiriram uma estratégia semelhante à dos falantes nativos. Isto indica que existe um progresso na aquisição do conhecimento da L2 na passagem do nível intermédio para o nível avançado.

Tabela 11 Subcondição 1 Frase completiva com sujeito pronominal realizado e um antecedente referido no discurso (verbo pleno) (ex (14) na secção 3.2.1 p. 79)

Posição do antecedente	Sujeito		Não sujeito (No discurso)	
	Número de respostas	percentagem	Número de respostas	percentagem
Intermédio	20/28	71%	14/28	50%

Avançado	22/28	79%	17/28	61%
Controlo	3/28	11%	25/28	89%

Nesta condição, os falantes nativos do PE escolheram preferencialmente o elemento não sujeito (antecedente no discurso) como o antecedente do sujeito pronominal realizado, e só 3 informantes escolheram um elemento na posição de sujeito como o antecedente do sujeito realizado (89% vs 11%). Isto ocorre porque o PE prefere um elemento não saliente (na posição não sujeito) como o antecedente de um sujeito pronominal realizado. Este resultado é também conforme com a minha previsão.

Quanto aos chineses, podemos ver que o grupo de nível intermédio só apresenta uma percentagem de 50% de aceitação do elemento não sujeito como o antecedente do sujeito realizado, e que esta percentagem aumenta para 61% no grupo avançado. No entanto, notamos que os informantes de ambos os grupos têm uma percentagem muito mais alta de aceitação de um elemento na posição de sujeito como antecedente do sujeito realizado, relativamente ao grupo de controlo (71% e 79% vs 11%). Isto constitui uma grande diferença entre os grupos de aprendentes e o grupo de controlo. Indica que os aprendentes não têm uma preferência clara pela escolha na estrutura completiva de um antecedente para o sujeito realizado. Não se verificou progresso na passagem do nível intermédio para o nível avançado neste ponto.

Tabela 12 Condição 2 Frase completiva com sujeito omitido e um antecedente referido no discurso (verbo *ser*) (ex (15) na secção 3.2.1 p. 80)

Posição do antecedente	Sujeito		Não sujeito (No discurso)	
	Número de respostas	percentagem	Número de respostas	Percentagem
Intermédio	21/28	75%	13/28	46%
Avançado	24/28	86%	7/28	25%
Controlo	28/28	100%	1/28	4%

Esta condição é semelhante à condição 1, só que o verbo na completiva é o verbo *ser*. O comportamento dos portugueses não muda, pelo facto de que todo o grupo de controlo aceita o elemento na posição de sujeito matriz como o antecedente do sujeito nulo encaixado, e apenas um informante aceita também um antecedente na posição não sujeito. No entanto, para os aprendentes, se compararmos com os dados da condição 1 de verbo pleno, a percentagem de aceitação do antecedente na posição de sujeito reduz-se ligeiramente em ambos os grupos (de 89% para 75% no intermédio e de 93% para 86% no avançado), enquanto a percentagem de aceitação do antecedente na posição de não sujeito aumenta ligeiramente (de 36% para 46% no nível intermédio e de 14% para 25% no avançado). Podemos ver que o tipo do verbo influencia, ainda que de forma não muito marcada, a interpretação dos aprendentes.

Verificamos na parte teórica que, nesta condição, o chinês não permite a co-referência entre o sujeito da matriz e o sujeito da completiva se o verbo da frase encaixada for *ser*. A única leitura possível no chinês é aquela em que o sujeito nulo da encaixada se refere a um elemento diferente do sujeito da matriz.

Por isso, acho que existe uma flutuação nas interpretações dos aprendentes chineses. Por um lado, a maioria dos aprendentes aceita o antecedente na posição de sujeito, pois, embora a percentagem não atinja 100%, é predominante. Este facto contraria as características do chinês, que não permite a co-referência, e também vai contra a minha previsão; por isso, é pouco provável que os aprendentes estejam a transferir a estratégia do chinês. Mas, por outro lado, os aprendentes tendem a aceitar também um não sujeito como o antecedente do sujeito nulo encaixado, especialmente no grupo de nível intermédio, em que a percentagem atinge 46%. Este facto, desta vez, está conforme com a estratégia do chinês. Por isso, acho que os aprendentes chineses, nomeadamente os de nível intermédio, têm flutuações na interpretação das frases desta condição.

Tabela 13 Subcondição 2 Frase completiva com sujeito pronominal realizado e um antecedente referido no discurso (verbo *ser*) (ex (16) na secção 3.2.1 p. 80)

Posição do antecedente	Sujeito	Não sujeito (No discurso)
------------------------	---------	---------------------------

	Número de respostas	percentagem	Número de respostas	Percentagem
Intermédio	22/28	79%	16/28	57%
Avançado	20/28	71%	18/28	64%
Controlo	9/28	32%	19/28	68%

Esta condição é semelhante à subcondição 1, só que o verbo foi substituído por um verbo *ser*. No entanto, há algumas mudanças nos resultados do grupo de controlo. A percentagem de aceitação do antecedente na posição de sujeito aumentou relativamente à subcondição 1 (de 11% para 32%), enquanto a percentagem de aceitação do antecedente na posição de não sujeito diminuiu (de 89% para 68%). Mas a preferência por um antecedente na posição não sujeito continua a ser predominante.

Quanto aos aprendentes chineses, a percentagem de aceitação de antecedente na posição de não sujeito só é um pouco mais baixa do que a dos falantes nativos. No entanto, a percentagem de aceitação de antecedente na posição de sujeito continua a ser muito alta em ambos os grupos de chineses (79% no intermédio e 71% no avançado). Parece que os chineses aceitam ambas as interpretações dos itens desta condição e têm uma preferência ligeira por um antecedente na posição de sujeito, ao contrário do comportamento dos controlos. Também não existem diferenças entre os dados desta condição e os da subcondição 1. Aparentemente, o tipo do verbo não influencia a interpretação do sujeito pronominal realizado nestas duas condições.

Tabela 14 Condição 3 Frase adjunta adverbial com sujeito omitido e um antecedente referido no discurso (ex (17) na secção 3.2.1 p. 80)

Posição do antecedente	Sujeito		Não sujeito (No discurso)	
	Número de respostas	percentagem	Número de respostas	percentagem
Intermédio	26/28	93%	2/28	7%
Avançado	28/28	100%	0/28	0%

Controlo	28/28	100%	0/28	0%
----------	-------	------	------	----

Na parte teórica, verificamos que a interpretação do sujeito nulo na adjunta adverbial do chinês é idêntica à do português. Ambas as línguas só aceitam a co-referência entre o sujeito matriz e o sujeito nulo da adjunta adverbial. Os dados desta condição mostram que os aprendentes também têm um comportamento idêntico ao dos falantes nativos do português; só no grupo de nível intermédio é que há uma percentagem menor de aceitação de um antecedente não sujeito. A minha previsão relativamente a esta condição está confirmada, ou seja, o comportamento dos aprendentes chineses diverge nas condições de completiva e de adjunta adverbial, quando o sujeito está omitido.

Tabela 15 Subcondição 3 Frase adjunta adverbial com sujeito realizado e um antecedente referido no discurso (ex (18) na secção 3.2.1 p. 81)

Posição do antecedente	Sujeito		Não sujeito (No discurso)	
	Número de respostas	percentagem	Número de respostas	percentagem
Intermédio	21/28	75%	11/28	39%
Avançado	24/28	86%	11/28	39%
Controlo	13/28	46%	15/28	54%

Nesta condição, não há uma preferência clara por parte do grupo de controlo. A percentagem de aceitação do antecedente não sujeito só atinge 54% e a percentagem de aceitação do antecedente na posição de sujeito também atinge 46%. Segundo a literatura (por exemplo, a frase (60) da secção 4 do primeiro capítulo), os falantes nativos deveriam preferir o antecedente na posição de não sujeito ao antecedente na posição de sujeito nesta condição com sujeito pronomal realizado. Porém, os dados não mostraram esta preferência de forma relevante.

No entanto, quando olhamos para os dados dos aprendentes, verificamos que os chineses têm uma grande tendência para a aceitação do antecedente na posição de sujeito (o grupo

avanzado até tem uma percentagem maior do que o grupo de intermédio). Este fenómeno é semelhante ao das duas condições anteriores com sujeito realizado na frase encaixada. A partir daqui, podemos ver que os chineses não mostram nenhum juízo de rejeição de um antecedente na posição de sujeito quando um pronome sujeito realizado é utilizado na frase encaixada.

4.2.2 A segunda subparte: itens com dois antecedentes referidos no discurso (na segunda tarefa do teste)

Tabela 16 Condição 1 Frase completiva de sujeito omitido com dois antecedentes referidos no discurso ambos na posição de sujeito (com verbo pleno) (ex (19) na secção 3.2.2 p. 82)

Posição do antecedente	Sujeito matriz		Sujeito na frase anterior		No discurso	
	Número de respostas	percentagem	Número de respostas	percentagem	Número de respostas	percentagem
Intermédio	16/28	57%	13/28	46%	3/28	11%
Avanzado	20/28	71%	11/28	39%	0/28	0%
Controlo	24/28	86%	8/28	29%	0/28	0%

Esta condição é parecida com a condição 1 da subparte anterior, só que existem dois antecedentes referidos no discurso e ambos estão na posição de sujeito. Segundo os dados, os informantes nativos preferem o sujeito que c-comanda localmente o sujeito nulo encaixado (sujeito da matriz) como o antecedente do sujeito nulo. Só há uma percentagem de 29% na aceitação de um sujeito não c-comandante na frase anterior como o antecedente do sujeito nulo encaixado.

Quanto aos grupos de chineses, verificamos que eles também têm esta preferência, ainda que não tão marcada como no grupo dos falantes nativos: no grupo de nível intermédio, a

percentagem de aceitação do sujeito na frase anterior ainda atinge 46%. Este número reduz-se para 39% no grupo de nível avançado, enquanto a percentagem de aceitação do antecedente que c-comanda o sujeito nulo aumenta de 57% para 71%. Há um progresso na passagem do nível intermédio para o nível avançado.

Tabela 17 Subcondição 1 Frase completiva de sujeito pronominal realizado com dois antecedentes referidos no discurso, ambos na posição de sujeito (com verbo pleno) (ex (20) na secção 3.2.2 p. 82)

Posição do antecedente	Sujeito matriz		Sujeito na frase anterior		No discurso	
	Número de respostas	Percentagem	Número de respostas	percentagem	Número de respostas	Percentagem
Intermédio	11/28	39%	13/28	46%	4/28	14%
Avançado	18/28	64%	17/28	61%	0/28	0%
Controlo	5/28	18%	26/28	93%	0/28	0%

Nesta condição de sujeito pronominal realizado, os falantes nativos preferem o sujeito da frase anterior ao sujeito matriz, como antecedente do sujeito realizado encaixado (93% contra 18%). Porém, a percentagem de aceitação do sujeito da frase anterior como antecedente no grupo intermédio é apenas de 46%. Este número aumenta para 61% no grupo de nível avançado.

No entanto, os aprendentes continuam a escolher o sujeito matriz como o antecedente do sujeito realizado encaixado, especialmente no grupo avançado (que atinge 64%). Não há progresso verificado relativamente à rejeição do sujeito matriz como o antecedente na passagem do nível intermédio para o nível avançado. Só se verifica progresso na aceitação do sujeito na frase anterior como antecedente. Neste sentido, acho que os aprendentes chineses, especialmente os avançados, pensam que ambas as opções são possíveis para o antecedente do sujeito realizado e não têm nenhuma preferência.

Tabela 18 Condição 2 Frase completiva de sujeito omitido com dois antecedentes referidos no discurso, ambos na posição de sujeito (com verbo *ser*) (ex (21) na secção 3.2.2 p. 83)

Posição do antecedente	Sujeito matriz		Sujeito na frase anterior		No discurso	
	Número de respostas	percentagem	Número de respostas	percentagem	Número de respostas	percentagem
Intermédio	14/28	50%	12/28	43%	4/28	14%
Avançado	23/28	82%	7/28	25%	0/28	0%
Controlo	27/28	96%	3/28	11%	0/28	0%

Os dados desta condição são muito semelhantes aos da condição 1. Os falantes nativos continuam a preferir o elemento que c-comanda o sujeito nulo como o seu antecedente, mas os aprendentes tendem a aceitar um sujeito na frase anterior como antecedente, especialmente no grupo intermédio. Há um progresso óbvio na passagem do nível intermédio para o nível avançado. Se se compararmos com a condição 1, com o verbo pleno, parece que o tipo de verbo não influencia a interpretação dos aprendentes nestas duas condições.

Tabela 19 Subcondição 2 Frase completiva de sujeito pronominal realizado com dois antecedentes referidos no discurso, ambos na posição do sujeito (com verbo *ser*) (ex (22) na secção 3.2.2 p. 83)

Posição do antecedente	Sujeito matriz		Sujeito na frase anterior		No discurso	
	Número de respostas	percentagem	Número de respostas	percentagem	Número de respostas	percentagem
Intermédio	8/28	29%	16/28	57%	6/28	21%

Avançado	13/28	46%	21/28	75%	1/28	4%
Controlo	6/28	21%	24/28	86%	1/28	4%

Nesta condição, como o sujeito da encaixada está realizado, os falantes nativos preferem o sujeito na frase anterior que não c-comanda o sujeito pronominal ao sujeito que o c-comanda para antecedente do pronome sujeito realizado (86% contra 21%). Quanto aos aprendentes chineses, os do nível avançado ainda apresentam uma percentagem mais alta de aceitação de antecedente do sujeito matriz do que o grupo de controlo. Não há progresso na passagem do nível intermédio para o nível avançado neste caso, porque os participantes do grupo avançado têm uma maior percentagem de aceitação do sujeito na frase anterior como antecedente do que os do nível intermédio.

Tabela 20 Condição 3 Frase adjunta adverbial de sujeito omitido com dois antecedentes referidos no discurso, ambos na posição de sujeito (ex (23) na secção 3.2.2 p. 84)

Posição do antecedente	Sujeito matriz		Sujeito na frase anterior		No discurso	
	Número de respostas	percentagem	Número de respostas	percentagem	Número de respostas	percentagem
Intermédio	20/28	71%	8/28	29%	2/28	7%
Avançado	26/28	93%	3/28	11%	1/28	4%
Controlo	28/28	100%	0/28	0%	0/28	0%

Nesta condição, todos os participantes nativos preferem o sujeito matriz como o antecedente do sujeito nulo da adjunta adverbial e ninguém escolheu o sujeito na frase anterior. O comportamento do grupo avançado dos aprendentes é muito semelhante ao do grupo de controlo: quase todos preferem o sujeito matriz. Quanto ao grupo intermédio, mesmo que tenham uma tendência ligeira de aceitação do antecedente do sujeito na frase anterior, a maioria das respostas mostra que os aprendentes escolheram o sujeito matriz

como o antecedente do sujeito nulo encaixado. Não há uma diferença substancial entre os aprendentes e os falantes nativos.

Tabela 21 Subcondição 3 Frase adjunta adverbial de sujeito pronominal realizado com dois antecedentes referidos no discurso, ambos na posição de sujeito (ex (24) na secção 3.2.2 p. 85)

Posição do antecedente	Sujeito matriz		Sujeito na frase anterior		No discurso	
	Número de respostas	percentagem	Número de respostas	percentagem	Número de respostas	percentagem
Intermédio	18/28	64%	9/28	32%	1/28	4%
Avançado	17/28	61%	15/28	54%	2/28	7%
Controlo	6/28	21%	24/28	86%	1/28	4%

Nesta condição, como o sujeito encaixado é realizado, os falantes nativos continuam a preferir o sujeito na frase anterior como o antecedente do sujeito realizado (86%). No entanto, verificamos que os aprendentes de ambos os níveis preferem o sujeito matriz ao sujeito na frase anterior na selecção do antecedente do sujeito realizado. Só no grupo avançado é que os alunos apresentam uma maior percentagem de aceitação do sujeito na frase anterior como antecedente (54%), mas este número é muito menor do que o do grupo de controlo (que tem 86% de aceitação). Os chineses e os falantes nativos divergem outra vez neste ponto, mas há um progresso considerável na passagem do nível intermédio para o nível avançado, na percentagem de aceitação do antecedente sujeito na frase anterior.

Tabela 22 Condição 4 Frase completiva de sujeito omitido com dois antecedentes referidos no discurso, um na posição de sujeito e outro na de objecto indirecto (com verbo pleno) (ex (25) na secção 3.2.2 p. 85)

Posição do antecedente	Sujeito		Não sujeito (objecto)		No discurso	
	Número de respostas	percentagem	Número de respostas	percentagem	Número de respostas	percentagem
Intermédio	15/28	54%	13/28	46%	7/28	25%
Avançado	22/28	79%	6/28	21%	1/28	4%
Controlo	26/28	93%	4/28	14%	0/28	0%

A diferença entre esta condição e as primeiras três desta subparte é a seguinte: dos dois antecedentes potenciais, um está na posição de sujeito e o outro está na posição de objecto. Podemos ver que os falantes nativos de português continuam a preferir o elemento na posição de sujeito como antecedente do sujeito nulo encaixado. Mas o juízo dos aprendentes do nível intermédio não é assim: 54% das suas respostas indicam que o elemento na posição de sujeito é o antecedente do sujeito nulo encaixado e 46% das respostas aceitam o elemento não sujeito como o antecedente do referido sujeito. Os aprendentes deste nível não têm, pois, uma preferência tão clara como os falantes nativos. No entanto, verifica-se um progresso na passagem do nível intermédio para o nível avançado. No grupo de avançado, a percentagem de aceitação do antecedente na posição de sujeito aumentou claramente (de 54% para 79%) enquanto a percentagem de aceitação do antecedente não sujeito diminuiu (de 46% para 21%).

Tabela 23 Subcondição 4 Frase completiva com sujeito pronominal realizado com dois antecedentes referidos no discurso, um na posição de sujeito e outro na de objecto indirecto (com verbo pleno) (ex (26) na secção 3.2.2 p. 86)

Posição do antecedente	Sujeito		Não sujeito (objecto)		No discurso	
	Número de	percentagem	Número de	percentagem	Número de	percentagem

	respostas		respostas		respostas	
Intermédio	18/28	64%	20/28	71%	7/28	25%
Avançado	21/28	75%	20/28	71%	5/28	18%
Controlo	15/28	54%	23/28	82%	4/28	14%

Nesta condição, os falantes nativos continuam a preferir o elemento na posição de não sujeito (objecto) como o antecedente do sujeito realizado (82%). No entanto, a percentagem de aceitação do antecedente na posição de sujeito também atinge 54%. Isto significa que os nativos têm igualmente possibilidade de aceitar o antecedente na posição de sujeito.

Quando olhamos para os chineses, podemos ver que a percentagem de aceitação do antecedente na posição de não sujeito também atinge os 71% em ambos os grupos. No entanto, as percentagens de aceitação do antecedente na posição de sujeito são mais elevadas do que no grupo de controlo. Parece que os aprendentes chineses pensam que ambas as opções são possíveis e que não há preferência por qualquer delas.

Tabela 24 Condição 5 Frase completiva de sujeito omitido com dois antecedentes referidos no discurso, um na posição de sujeito e outro na do objecto indirecto (com verbo *ser*) (ex (27) na secção 3.2.2 p. 86)

Posição do antecedente	Sujeito		Não sujeito (objecto)		No discurso	
	Número de respostas	percentagem	Número de respostas	percentagem	Número de respostas	percentagem
Intermédio	16/28	57%	14/28	50%	6/28	21%
Avançado	18/28	64%	10/28	36%	2/28	7%
Controlo	24/28	86%	6/28	21%	0/28	0%

A única diferença entre esta condição e a condição 4 é que o verbo foi substituído pelo

verbo *ser*. O grupo de controlo aceita marginalmente um antecedente distinto do sujeito, mas a opção predominante continua a ser o antecedente na posição de sujeito (86% vs 21%).

No entanto, para os aprendentes do nível intermédio, a percentagem de antecedente não sujeito atinge 50% e a percentagem de antecedente sujeito tem 57% de aceitação. Estes aprendentes não têm uma preferência clara e aceitam mais facilmente o antecedente não sujeito do que os falantes nativos. Esta situação altera-se no grupo de nível avançado, em que há mais respostas de aceitação do antecedente na posição de sujeito e menos respostas que aceitem o antecedente na posição de não sujeito. Mas se se compararmos com a condição 4, com o verbo pleno, podemos ver que os aprendentes de nível avançado tendem a aceitar menos o antecedente sujeito (64% contra 79%) e a aceitar mais facilmente o antecedente objecto (36% para 21%) se o verbo da encaixada for *ser*. Mas esta tendência não é muito relevante.

Tabela 25 Subcondição 5 Frase completiva com sujeito pronominal realizado com dois antecedentes referidos no discurso, um na posição de sujeito e outro na de objecto indirecto (com verbo *ser*) (ex (28) na secção 3.2.2 p. 87)

Posição do antecedente	Sujeito		Não sujeito (objecto)		No discurso	
	Número de respostas	percentagem	Número de respostas	percentagem	Número de respostas	percentagem
Intermédio	17/28	61%	11/28	39%	6/28	21%
Avançado	18/28	64%	16/28	57%	7/28	25%
Controlo	14/28	50%	23/28	82%	3/28	11%

A diferença entre esta condição e a subcondição 4 é que o verbo é *ser*. O comportamento dos falantes nativos é o mesmo: embora as probabilidades de aceitar o antecedente na posição de sujeito sejam tantas como as de o aceitar na posição de não

sujeito, os nativos continuam a preferir o antecedente não sujeito (82%).

Porém, os aprendentes preferem o antecedente na posição de sujeito como o antecedente do sujeito realizado encaixado. Só no grupo avançado é que a percentagem de aceitação do antecedente não sujeito atinge 57%, mas este número continua menos expressivo do que o do grupo de controlo, que é de 82%.

Tabela 26 Condição 6 Frase adjunta adverbial de sujeito omitido com dois antecedentes referidos no discurso, um na posição de sujeito e outro na de objecto indirecto (ex (29) na secção 3.2.2 p. 87)

Posição do antecedente	Sujeito		Não sujeito (objecto)		No discurso	
	Número de respostas	percentagem	Número de respostas	percentagem	Número de respostas	percentagem
Intermédio	21/28	75%	7/28	25%	2/28	7%
Avançado	25/28	89%	9/28	32%	1/28	4%
Controlo	26/28	93%	3/28	11%	0/28	0%

Nesta condição de adjunta adverbial, a preferência pelo antecedente na posição de sujeito continua a ser marcada no grupo de controlo. O mesmo acontece com os aprendentes. Embora haja algumas respostas que aceitam o elemento não sujeito como antecedente, a maioria dos aprendentes de ambos os grupos de chineses preferem o antecedente na posição de sujeito (75% para intermédio e 89% para avançado).

Tabela 27 Subcondição 6 Frase adjunta adverbial de sujeito pronominal realizado com dois antecedentes referidos no discurso, um na posição de sujeito e outro na de objecto indirecto (ex (30) na secção 3.2.2 p. 88)

Posição do antecedente	Sujeito	Não sujeito (objecto)	No discurso
------------------------	---------	-----------------------	-------------

	Número de respostas	percentagem	Número de respostas	percentagem	Número de respostas	percentagem
Intermédio	15/28	54%	14/28	50%	5/28	18%
Avançado	19/28	68%	21/28	75%	1/28	4%
Controlo	3/28	11%	27/28	96%	0/28	0%

Nesta condição, os portugueses preferem o elemento não sujeito como antecedente do sujeito realizado na adjunta adverbial (96%). Mas para os chineses, esta preferência não é tão nítida, especialmente para o grupo de nível intermédio, que só tem uma percentagem de aceitação de 50%. Além disso, os aprendentes chineses tendem aceitar também o elemento na posição de sujeito como o antecedente do sujeito realizado; a percentagem do grupo avançado neste ponto é ainda maior do que a do grupo intermédio (68% vs 54%)

Tabela 28 Condição 7 Frase completa de sujeito omitido com antecedente quantificado na matriz (ex (31) na secção 3.2.2 p. 88)

Posição do antecedente	Sujeito		Não sujeito (PP)		No discurso	
	Número de respostas	percentagem	Número de respostas	percentagem	Número de respostas	percentagem
Intermédio	9/28	32%	15/28	54%	5/28	18%
Avançado	16/28	57%	12/28	43%	4/28	14%
Controlo	28/28	100%	0/28	0%	0/28	0%

Na literatura (Montalbetti 1984) diz-se que os sujeitos pronominais sob o escopo de um sintagma (sujeito) quantificado podem ser interpretados como variáveis e que, em línguas de sujeito nulo consistente como o PE, a leitura de variável (ing. *bound variable*) apenas é

possível se o sujeito da frase encaixada for nulo. Os resultados provaram esta análise: 100% dos falantes nativos aceitam esta leitura. No entanto, parece que os chineses não têm preferência por esta leitura, pois mesmo no grupo avançado a percentagem de aceitação só atinge 57% e na do grupo intermédio é ainda mais baixa (32%). Parece que os aprendentes não adquiriram esta propriedade do PE.

Tabela 29 Subcondição 7 Frase completiva de sujeito pronominal realizado com antecedente quantificado na matriz (ex (32) na secção 3.2.2 p. 88)

Posição do antecedente	Sujeito		Não sujeito (PP)		No discurso	
	Número de respostas	percentagem	Número de respostas	percentagem	Número de respostas	percentagem
Intermédio	5/28	18%	20/28	71%	4/28	14%
Avançado	7/28	25%	21/28	75%	2/28	7%
Controlo	2/28	7%	26/28	93%	3/28	11%

Segundo a literatura (Montalbetti 1984), os falantes de uma língua de sujeito nulo consistente deverão rejeitar a leitura de variável se o sujeito da encaixada estiver realizado, nos contextos em que existe um antecedente quantificado que o c-comanda. Os dados também comprovaram esta predição, porque 93% dos falantes nativos preferem o elemento não sujeito como o antecedente do sujeito realizado e só há 7% de respostas que aceitam a leitura de variável. Os aprendentes chineses também têm esta preferência, mesmo que a percentagem de aceitação de antecedente não sujeito só atinja 71% (no intermédio) e 75% (no avançado). As percentagens de aceitação do antecedente na posição de sujeito são baixas, se comparadas com outras condições com sujeito encaixado realizado.

4.2.3 Discussão

Primeiro, vamos ver o caso do grupo de controlo. De um modo geral, acho que as respostas dos portugueses que participam no questionário correspondem às hipóteses defendidas na literatura. Isto é, os informantes portugueses normalmente aceitam um elemento na posição de sujeito (se existem dois na posição de sujeito, vão aceitar aquele que c-comanda o sujeito nulo, que é o sujeito da frase matriz) como o antecedente do sujeito nulo na frase encaixada, quer na completiva, quer na adjunta adverbial, e vão aceitar um elemento na posição de não sujeito (ou sujeito na frase anterior) como o antecedente do sujeito pronominal realizado na frase encaixada. Só em algumas condições (subcondição 3 da primeira parte e subcondição 4 e 5 na segunda parte) é que os falantes nativos aceitam também o elemento na posição de sujeito como antecedente do sujeito realizado. Penso que os dados deste estudo comprovaram o que a literatura defende.

Quanto aos chineses, parece-me que os aprendentes chineses não têm os mesmos comportamentos que os falantes nativos nos casos de sujeito nulo em completiva. Nos casos de completiva, os informantes chineses tendem, diferentemente dos portugueses, a aceitar o elemento na posição de não sujeito como antecedente do sujeito nulo encaixado, especialmente no grupo de nível intermédio. No entanto, nos casos de adjunta adverbial, este fenómeno não é tão significativo, especialmente na condição 3 da primeira parte, quando só há um antecedente referido no discurso. Isto pode significar que os chineses adquirem mais facilmente o sujeito nulo encaixado na adjunta adverbial do que na completiva. Possivelmente este resultado é causado pelo facto de que no chinês também não se aceita a referência disjunta entre o sujeito matriz e o sujeito nulo da adjunta adverbial.

Todavia, quando olhamos para os casos de sujeito com pronome realizado, verificamos que os aprendentes chineses tendem sempre a aceitar o elemento na posição de sujeito como o antecedente do sujeito realizado encaixado, o que é diferente do que os falantes nativos fazem. Não há diferenças entre os casos de completiva e adjunta adverbial neste ponto. Esta propriedade está também conforme com o chinês, que é a sua língua materna. Quanto à passagem do nível intermédio para o nível avançado, verificamos que os

aprendentes não vão mostrar progressos em todos os aspectos. De um modo geral, os aprendentes conseguem ter progressos nos casos de sujeito nulo. Os participantes do nível avançado têm uma percentagem mais alta de aceitação do antecedente na posição de sujeito do que os do nível intermédio e têm ao mesmo tempo uma percentagem mais baixa de aceitação do antecedente na posição de não sujeito do que os do intermédio. O comportamento dos aprendentes avançados é já semelhante ao dos falantes nativos, num certo sentido.

No entanto, onde os aprendentes fazem menos progressos, ou não fazem qualquer progresso, é nos casos de sujeito realizado. Segundo os dados, tanto o grupo intermédio como o grupo avançado têm uma percentagem relativamente mais alta do que o grupo de controlo na aceitação do elemento na posição de sujeito como antecedente do sujeito realizado encaixado. Não há progresso relevante na passagem do nível intermédio para o avançado, e em algumas condições os do nível avançado até optam mais pelo elemento na posição de sujeito do que os do intermédio. Isto deve-se, possivelmente, à influência da língua materna, porque, no chinês, quer o elemento na posição de sujeito quer o elemento na posição de não sujeito pode ser o antecedente do pronome realizado encaixado. No entanto, verificamos igualmente que os aprendentes avançados também aceitam o elemento na posição de não sujeito como o antecedente do pronome realizado encaixado. Estes factos parecem indicar que os de nível avançado também apresentam progressos, mas o progresso é parcial, porque não tendem a rejeitar o elemento na posição de sujeito como antecedente do sujeito realizado, como os falantes nativos.

A partir daqui, parece que os dados nos mostram que o comportamento dos aprendentes chineses é influenciado pela língua materna. Nos casos em que o chinês tem a mesma leitura que o português, por exemplo, nas condições de sujeito nulo na frase adjunta adverbial, o comportamento de ambos os grupos de aprendentes é próximo do comportamento do grupo de controlo; mas, nos restantes casos, em que o chinês difere do português, o comportamento dos chineses é mais aleatório e difere significativamente do grupo de controlo, especialmente nas condições de sujeito realizado, em particular no grupo de nível intermédio. Uma prova adicional a favor desta afirmação é o facto de os aprendentes de nível intermédio tenderem a aceitar um elemento do discurso anterior, que

não aparece nos itens lexicalmente realizados, como antecedente do sujeito nulo ou realizado na frase encaixada (por exemplo, na Condição 2, 4 e 5 e Subcondição 6 da segunda subparte da segunda parte), como acontece por vezes no chinês. Este comportamento é raro nos aprendentes do grupo avançado e do grupo de controlo.

Finalmente, olhemos para as condições de pronome sob o escopo de um sujeito quantificado. O que é estranho é que os chineses não tendem a aceitar a leitura de variável se o sujeito da frase encaixada for nulo. Este resultado fica por explicar. Mas quando olhamos para a condição com sujeito encaixado realizado, podemos ver que a maioria dos chineses rejeita a leitura de variável, ou seja, não prefere o antecedente na posição de sujeito que o c-comanda. Este juízo dos chineses é diferente dos apresentados em relação a outras condições, porque, segundo os dados que acabamos de ver, os chineses aceitam facilmente o elemento na posição de sujeito como antecedente do sujeito realizado encaixado, mas nesta condição não têm esta preferência.

Isto sugere que o caso do quantificador (ou OPC, Overt Pronoun Constraint) é uma questão puramente sintáctica e não envolve factores pragmático-discursivos. Por isso, os aprendentes conseguem adquirir facilmente os factores puramente sintácticos e não mostram dificuldades nas respostas. Mas as restantes condições envolvem também factores pragmático-discursivos, por isso, os aprendentes vão ter problemas em responder a perguntas sobre estas condições.

4.3 Comportamentos individuais

4.3.1 Antecedente em posição de sujeito matriz vs antecedente em posição de objecto e discursivo

Segundo os dados anteriores, podemos verificar que os falantes nativos do PE têm uma preferência marcada por escolher o elemento nominal na posição de sujeito que c-comanda localmente o sujeito nulo (ou seja, o elemento mais próximo, que é o sujeito da frase matriz) como o seu antecedente, e têm pouca preferência por escolher o elemento nominal nessa posição como o antecedente do sujeito realizado. Este fenómeno acontece

em quase todas as condições atestadas.

Por isso, acho que é possível dividir todos os tipos de antecedentes encontrados no teste em dois grupos. Designo o primeiro grupo “antecedente sujeito matriz”; este grupo inclui apenas antecedentes na posição de sujeito que c-comanda localmente o sujeito da frase encaixada. O “antecedente sujeito matriz” é normalmente antecedente do sujeito nulo.

Designo o segundo grupo “antecedente objecto e discursivo”; este grupo inclui antecedentes na posição de objecto, antecedentes na posição de sujeito da frase anterior e antecedentes no discurso. O “antecedente objecto e discursivo” é normalmente antecedente do sujeito realizado.

Desta forma, é possível analisar os comportamentos individuais dos informantes, verificando se existem algumas regularidades nos comportamentos de cada informante, ou seja, verificando se é possível dividir os informantes de acordo com alguns padrões. Por exemplo, é possível ver se um informante vai escolher o “antecedente sujeito matriz” para todos os (ou a maioria dos) itens da condição de sujeito nulo e escolher o “antecedente objecto e discursivo” para todos os (ou a maioria dos) itens da condição de sujeito realizado.

4.3.2 Os padrões

Quanto à questão dos padrões, vou analisar separadamente os itens de sujeito nulo e os itens de sujeito realizado. Considerando o facto de que alguns informantes têm um comportamento para os itens de sujeito nulo, e um outro para os itens de sujeito realizado, é muito difícil analisar os itens de sujeito nulo e realizado em conjunto.

4.3.2.1 Casos de sujeito nulo

Na segunda parte do teste do meu trabalho, existem 10 condições de sujeito nulo, 3 condições na primeira subparte e 7 condições na segunda subparte. Como cada condição contém 2 itens, existem, no teste, 20 itens no total que tratam do sujeito nulo. Nesta secção, vou focar-me nas respostas dos informantes a estes 20 itens.

i. Grupo de controlo

O comportamento dos informantes do grupo de controlo foi uniforme. Assim, todos devem pertencer a um único padrão, que designo por “Padrão de co-referência”.

a. Padrão de co-referência

Os informantes que pertencem a este padrão preferem a leitura co-referente entre o sujeito da matriz e o sujeito nulo da frase encaixada, ou seja, preferem o “antecedente sujeito matriz” para sujeito nulo encaixado. Escolheram o “antecedente sujeito matriz” na maioria dos itens de sujeito nulo e só aceitaram o “antecedente objecto e discursivo” em poucos itens. Por exemplo, o informante “Por1” escolheu o “antecedente sujeito matriz” em 19 itens de sujeito nulo e só escolheu o “antecedente objecto e discursivo” em 1 item (Tabela 45 do anexo).

Considero que todos os 14 informantes nativos pertencem a este padrão.

ii. Grupo de nível intermédio

O comportamento dos informantes deste grupo foi muito diversificado. Os 14 informantes podem ser repartidos por dois padrões diferentes. Há informantes que devem pertencer ao “Padrão de co-referência”, enquanto outros podem ser incluídos num outro padrão, que designo “Padrão de flutuação”.

a. Padrão de co-referência

Considero que há 4 informantes do grupo intermédio que pertencem a este padrão. Eles têm comportamentos parecidos com os do grupo de controlo: também escolheram o “antecedente de sujeito matriz” na maioria dos itens de sujeito nulo e só aceitam o “antecedente de objecto e discursivo” em poucos itens. Por exemplo, o informante “Int9” escolheu o antecedente na posição de sujeito em 17 itens e só escolheu o antecedente na posição de não sujeito em 3 itens (Tabela 47 do anexo).

b. Padrão de flutuação

Se comparar com o “padrão de co-referência”, os informantes que pertencem a este padrão preferem umas vezes a leitura co-referente entre o sujeito matriz e o sujeito nulo encaixado, outras vezes preferem a leitura disjunta entre os dois e outras vezes ainda aceitam as duas leituras ao mesmo tempo. Por isso, escolheram o “antecedente de sujeito matriz” em alguns itens, escolheram o “antecedente de objecto e discursivo” em outros itens e escolheram ambos os antecedentes noutros itens. É difícil saber que tipo de antecedente é preferencial para os informantes deste padrão. Por exemplo, o informante “Int2” escolheu o “antecedente de sujeito matriz” em 10 itens, escolheu o “antecedente de objecto e discursivo” em 6 itens e aceita os dois ao mesmo tempo em 4 itens (Tabela 47 do anexo).

Há 10 informantes que pertencem a este padrão.

iii. Grupo de nível avançado

Considero que também há dois padrões para este grupo de aprendentes: o “padrão de co-referência” e o “padrão de flutuação”. 11 informantes pertencem ao “padrão de co-referência” e 3 informantes ao “padrão de flutuação” (Tabela 49 do anexo).

4.3.2.2 Casos de sujeito realizado:

Na segunda parte do teste do meu trabalho, existem 10 condições de sujeito realizado: 3 condições na primeira subparte e 7 condições na segunda subparte. Como cada condição contém 2 itens, existem 20 itens no total do teste que tratam do sujeito realizado. Nesta secção, vou focar-me nas respostas dos informantes a estes 20 itens.

i. Grupo de controlo

Os informantes do grupo de controlo podem ser incluídos em dois padrões diferentes, o “Padrão de disjunção” e o “Padrão de flutuação”

a. Padrão de disjunção

Os informantes que pertencem a este padrão preferem a leitura disjunta entre o sujeito da matriz e o sujeito realizado da frase encaixada, ou seja, preferem o “antecedente de

objecto e discursivo” para o sujeito realizado encaixado. Escolheram o “antecedente de objecto e discursivo” na maioria dos itens de sujeito realizado e só aceitam o “antecedente de sujeito matriz” em poucos itens. Por exemplo, o informante “Por1” escolheu o “antecedente de objecto e discursivo” em 19 itens e só aceitou o “antecedente de sujeito matriz” em 1 item (Tabela 46 do anexo).

Considero que há 10 informantes que pertencem a este padrão.

b. Padrão de flutuação

Os informantes que pertencem a este padrão preferem umas vezes a leitura co-referente entre o sujeito matriz e o sujeito realizado encaixado, preferem outras vezes a leitura disjunta entre os dois e aceitam às vezes as duas leituras ao mesmo tempo. Por isso, eles escolheram o “antecedente de sujeito matriz” em alguns itens, escolheram o “antecedente de objecto e discursivo” em outros itens e escolheram ambos os antecedentes em outros itens. É difícil determinar que tipo de antecedente é preferencial para os informantes deste padrão. Por exemplo, o informante “Por14” escolheu o “antecedente de sujeito matriz” em 7 itens e escolheu o “antecedente de objecto e discursivo” em outros 7 itens e aceitam as duas leituras ao mesmo tempo nos restos 6 itens (Tabela 46 do anexo).

Considero que há 4 informantes que pertencem a este padrão.

ii. Grupo de nível intermédio

Quanto ao grupo de nível intermédio, considero que os informantes deste grupo pertencem a três padrões diferentes. Além do “Padrão de disjunção” e do “Padrão de flutuação”, ainda há um padrão que designo “Padrão de co-referência”.

a. Padrão de disjunção

Só há 3 informantes que pertencem a este padrão.

b. Padrão de flutuação

Há 9 informantes que pertencem a este padrão.

c. Padrão de co-referência

Ao contrário do “Padrão de disjunção”, os informantes que pertencem a este padrão preferem a leitura co-referente entre o sujeito da matriz e o sujeito realizado da frase encaixada, ou seja, preferem o “antecedente de sujeito matriz” para sujeito realizado encaixado. Escolheram o “antecedente de sujeito matriz” na maioria dos itens de sujeito realizado e só aceitam o “antecedente de objecto e discursivo” em poucos itens. Por exemplo, o informante “Int 3” escolheu o “antecedente de sujeito matriz” em 14 itens de sujeito realizado e só escolheu o “antecedente de objecto e discursivo” em 3 itens. Nos restantes 3 itens, aceitou ambas as leituras (Tabela 48 do anexo).

Considero que há 2 informantes que pertencem a este padrão.

iii. Grupo de nível avançado

Para este grupo, os 14 informantes distribuem-se por quatro padrões. Além dos três padrões do grupo de nível intermédio, considero que há ainda um padrão que designo “Padrão de aceitação dupla”.

a. Padrão de disjunção

Só há dois informantes que pertencem a este padrão.

b. Padrão de flutuação

Há 6 informantes que pertencem a este padrão.

c. Padrão de co-referência

Há 3 informantes que pertencem a este padrão.

d. Padrão de aceitação dupla

Os informantes que pertencem a este padrão aceitam tanto a leitura co-referente como a leitura disjunta entre o sujeito da matriz e o sujeito realizado da frase encaixada. Por isso, escolheram quer o “antecedente de sujeito matriz” quer o “antecedente de objecto e discursivo” na maioria dos itens e optaram por apenas uma destas leituras em poucos

itens. Parece que nenhuma destas leituras é preferencial para eles. Por exemplo, o informante “Ava1” escolheu quer o “antecedente de sujeito matriz” quer o “antecedente de objecto e discursivo” em 18 itens e só escolheu o “antecedente de objecto e discursivo” em 2 itens (Tabela 50 do anexo).

Considero que há 3 informantes que pertencem a este padrão.

4.3.3 Discussão

Em síntese, podemos ver que o padrão mais comum das condições de sujeito nulo para os falantes nativos é o “padrão de co-referência”, enquanto o padrão mais comum das condições de sujeito realizado para os falantes nativos é o “padrão de disjunção”.

No entanto, para os aprendentes chineses, não há muitos informantes que tenham um comportamento semelhante ao dos falantes nativos. No grupo intermédio, só há 4 pessoas que pertencem ao mesmo padrão dos falantes nativos nas condições de sujeito nulo e só há 3 pessoas que pertencem ao mesmo padrão dos falantes nativos nas condições de sujeito realizado. No grupo de nível avançado, só há duas pessoas que pertencem ao mesmo padrão dos falantes nativos nas condições de sujeito realizado. Só nas condições de sujeito nulo é que há 11 pessoas que pertencem ao mesmo padrão que os falantes nativos. Podemos dizer que os comportamentos individuais dos aprendentes chineses são diferentes dos comportamentos individuais dos falantes nativos, a não ser nas condições de sujeito nulo do grupo avançado.

Verifico que muitos dos aprendentes chineses que não têm um comportamento semelhante ao dos falantes nativos pertencem ao “padrão de flutuação” ou “aceitação dupla”. Isto quer dizer que eles flutuam entre as duas leituras ou aceitam as duas leituras ao mesmo tempo. Considero que isto está conforme com a hipótese de opcionalidade de Tsimpli et al 2004.

Se comparar as condições de sujeito nulo e as condições de sujeito realizado, podemos ver que há uma assimetria entre os dois tipos de condições. No grupo de controlo, todos os informantes são uniformes nas condições de sujeito nulo, mas já há alguns que divergem da maioria nas condições de sujeito realizado. Em ambos os grupos de aprendentes chineses, os aprendentes que divergem dos falantes nativos dividem-se

principalmente nas condições de sujeito realizado, mas não nas de sujeito nulo. Ou seja, as condições de sujeito realizado são mais problemáticas do que as condições de sujeito nulo.

Finalmente vamos olhar para a passagem do nível intermédio para o nível avançado. Verifica-se um grande progresso na passagem do nível intermédio para o nível avançado nas condições de sujeito nulo, pois, no grupo avançado, 11 de entre os 14 informantes já têm um comportamento aproximado ao dos falantes nativos. Contudo, este progresso não se observa nas condições de sujeito realizado, onde o grupo avançado só tem 2 informantes que apresentam um comportamento aproximado ao dos falantes nativos.

Concluindo, os comportamentos individuais dos aprendentes chineses são diferentes dos dos falantes nativos. As condições de sujeito realizado são mais problemáticas do que as condições de sujeito nulo. Há progressos na passagem do nível intermédio para o avançado nas condições de sujeito nulo, mas isto não acontece nas condições de sujeito realizado.

5. O teste equivalente no chinês

Para verificar as afirmações sobre o sujeito nulo e realizado do chinês na parte teórica, o questionário foi também adaptado para o chinês e foi aplicado a 16 falantes nativos do chinês, tendo 14 destes 16 informantes participado também no teste de português³³.

O questionário do chinês contém todas as condições do questionário do português e a grande maioria dos itens corresponde a traduções fiéis do português para o chinês. No entanto, adicionei uma opção “agramatical” para todos os itens da primeira e da segunda tarefa do teste para quem considere que a frase do item é agramatical. Fiz esta alteração porque algumas frases equivalentes no chinês são problemáticas.

Por exemplo, para uma frase de sujeito nulo encaixado com verbo *ser*, tal como *Zhangsan shuo* ec *shi hao xue sheng*. ‘O Zhangsan diz que *pro* é bom estudante’, o sujeito nulo encaixado pode referir-se a uma pessoa referida no discurso, mas não pode referir-se ao *Zhangsan*. Este é o meu juízo, mas é provável que um outro falante nativo do chinês

³³ Estes 14 participante são do nível intermédio.

pense que nenhuma das leituras desta frase está correcta e considere que a frase é agramatical por falta de realização do sujeito encaixado.

Apresenta-se seguidamente os dados deste teste.

Nos casos do sujeito nulo, os falantes de chinês divergem entre si nas condições de completiva e adjunta adverbial. Nas condições de adjunta adverbial, quase todos os informantes preferem antecedente na posição de sujeito matriz e muito poucos aceitam um antecedente não sujeito. Porém, nas condições de completiva, não mostraram esta preferência e muitos informantes consideram que as frases com sujeito nulo na completiva são agramaticais, especialmente nas condições com verbo *ser*.

Considero que estes resultados confirmam as afirmações da parte teórica de que o sujeito nulo encaixado do chinês pode ter duas leituras e que o tipo de verbo também influencia a leitura do sujeito nulo. Estes factos também podem servir como uma explicação para as dificuldades observadas nos aprendentes intermédios na aquisição das propriedades pragmático-discursivas do sujeito nulo do PE L2.

Quanto ao caso do sujeito realizado, verifica-se que em quase todas as condições de sujeito realizado, os falantes chineses preferem o antecedente na posição de sujeito ao antecedente na posição de objecto ou discursivo. Este resultado está em conformidade com o que se verificou no teste do português, e pode servir como uma prova potencial que suporte a transferência da língua materna. Uma excepção é a condição com quantificador, em que a maioria dos falantes rejeita a leitura de variável se o sujeito encaixado estiver realizado. Isto mostra que o OPC se aplica também no chinês.

Conclusões Gerais

Este trabalho visa analisar a aquisição de sujeito nulo por parte dos falantes chineses que adquirem o PE como L2. Teoricamente, o chinês difere do PE em termos do sujeito nulo tanto no âmbito sintático, como no pragmático-discursivo.

Segundo as hipóteses de J. Huang 1984, 1989, reforçadas por J. Huang, Li e Li 2009, o sujeito nulo do chinês pode ser tanto um pronominal como uma variável ligada pelo tópico, enquanto o sujeito nulo do PE é um pronome fraco sem realização fonética por causa da concordância dos traços D e ϕ entre T e o sujeito nulo, de acordo com a hipótese de Roberts 2010.

As duas línguas também divergem no âmbito pragmático-discursivo. Segundo as hipóteses de Carminati 2002, numa língua de sujeito nulo consistente como o PE, o sujeito nulo vai procurar um antecedente na posição de sujeito, enquanto o sujeito realizado vai procurar um antecedente na posição de não sujeito. No entanto, o chinês não tem esta preferência de selecção de antecedente, e a escolha do antecedente do sujeito nulo e realizado é muito livre.

Coloquei duas hipóteses sobre a aquisição por parte dos aprendentes chineses. Em termos de sintaxe, a minha primeira hipótese foi que os aprendentes chineses conseguem adquirir os aspectos sintáticos do sujeito nulo do PE, segundo a Hipótese de Transferência Completa / Acesso Completo, de Schwartz & Sprouse 1994, 1996.

Em termos pragmático-discursos, a minha segunda hipótese foi que os aprendentes chineses têm dificuldades na aquisição dos aspectos pragmático-discursivos do sujeito nulo do PE, baseando-me na Hipótese de Interface de Sorace & Filiaci 2006, entre outros. A primeira parte do questionário do trabalho serviu para testar a primeira hipótese. Os resultados do questionário confirmam a minha primeira hipótese. Os participantes chineses aceitam o uso do sujeito nulo nos contextos do PE em que este é permitido, mesmo que a percentagem de aceitação não seja muito alta³⁴. Também rejeitam a análise

³⁴ Julgo que a aceitação baixa do sujeito nulo pode ser explicada através da proposta de Sorace 2011. Segundo Sorace 2011, o uso do sujeito realizado pode ser uma estratégia adoptada pelos falantes da L2 para compensar as falhas no âmbito pragmático-discursivo. Às vezes, eles preferem o sujeito realizado redundante para reduzir ambiguidade (Sorace 2011, pp. 20-21).

do sujeito nulo nas estruturas de ilhas do PE como variável. Os aprendentes chineses aceitam tanto a leitura estrita como a leitura imprecisa nas construções de coordenação com elipse no segundo termo, mas nem todos aceitam simultaneamente as duas leituras. Acho que vale a pena estudar esta questão em trabalhos futuros. Também aceitam sujeito nulo com antecedente repartido. Tudo isto mostra que os aprendentes chineses estão a analisar o sujeito nulo do PE como *pro*.

A segunda parte do questionário do trabalho serve para testar a minha segunda hipótese. Os resultados também confirmam esta hipótese.

Em primeiro lugar, verifiquei que o comportamento dos aprendentes chineses diverge nas condições de sujeito nulo e sujeito realizado. Ao contrário dos vários trabalhos que defendem que os aprendentes de L2 não têm problemas na aquisição das propriedades pragmático-discursivas do sujeito nulo, o meu trabalho mostra que os aprendentes chineses também podem ter problemas nas condições de sujeito nulo. Isto é, alguns participantes chineses, especialmente do grupo intermédio, tendem a procurar um antecedente na posição de não sujeito para um sujeito nulo. No entanto, existe um progresso na passagem do nível intermédio para o nível avançado neste aspecto, pois os aprendentes avançados quase não têm esta leitura. Ou seja, os aprendentes têm dificuldade quanto às propriedades pragmático-discursivas do sujeito nulo no nível de intermédio, mas esta dificuldade desaparece no nível avançado.

No entanto, o mesmo não acontece nas condições de sujeito realizado. Nestas condições, tanto os aprendentes intermédios como os aprendentes avançados mostram uma preferência muito marcada pela aceitação de um antecedente na posição de sujeito para um sujeito realizado, a leitura marginal dos falantes nativos. Desta vez, não se verifica nenhum progresso na rejeição de um antecedente na posição de sujeito para um sujeito realizado. O único progresso registado é que os aprendentes avançados aceitam mais facilmente um elemento na posição de não sujeito como antecedente do sujeito realizado do que os intermédios. Mas os avançados nunca tendem a rejeitar um antecedente na posição de sujeito para um sujeito realizado.

Este fenómeno é também atestado na análise dos comportamentos individuais dos participantes. No grupo intermédio, poucos aprendentes têm um padrão semelhante ao

dos falantes nativos, tanto nas condições de sujeito nulo, como nas condições de sujeito realizado. Quanto ao grupo de nível avançado, já há muitos informantes com um padrão semelhante ao dos falantes nativos nas condições de sujeito nulo. Contudo, nas condições de sujeito realizado, os aprendentes avançados continuam a divergir dos falantes nativos. Isto quer dizer que a dificuldade na aquisição do uso do sujeito realizado é persistente.

Desta maneira, considero que os resultados do meu trabalho confirmam a segunda hipótese, de que os aprendentes vão ter dificuldades na aquisição dos aspectos pragmático-discursivos do sujeito nulo do PE, pelo facto de que eles insistem numa leitura marginal do sujeito realizado e não exibem progressos que os aproximem do uso preferencial na língua alvo.

No entanto, acho que este trabalho não consegue explicar porque os aprendentes têm esta dificuldade.

Penso que há duas hipóteses para explicar este desvio persistente na compreensão do sujeito realizado. A primeira hipótese é que os aprendente chineses transferem as estratégias do chinês para o PE L2. Na parte teórica, vimos que o uso do sujeito realizado no chinês é quase idêntico ao uso do sujeito nulo. A segunda hipótese é que o uso do sujeito realizado é uma estratégia de compensação, adoptada pelos aprendentes para reduzir ambiguidade, no sentido de Sorace 2011 (pp. 20-21). Por isso, o uso do sujeito nulo é sempre possível para os aprendentes, indiferentemente da condição que encontram, especialmente nos casos em que eles não têm certezas sobre o uso do sujeito nulo ou realizado. De facto, vários trabalhos (Bini 1993, Margaza & Bel 2006, Lozano 2006, etc) já mostraram que mesmo os aprendentes cuja língua materna é de sujeito nulo consistente utilizam muitos sujeitos realizados redundantes quando aprendem uma outra língua de sujeito nulo consistente.

Como todos, o presente trabalho tem limitações. Os resultados do teste no chinês parecem apoiar a hipótese de transferência, mas, como o meu trabalho não aplica o teste a um outro grupo de aprendentes de PE L2 cuja língua materna seja de sujeito nulo consistente, não é possível testar de forma fiável as duas hipóteses apresentadas no último parágrafo. Será muito útil investigar, em trabalhos futuros, as condições testadas neste trabalho, aplicando o teste a vários grupos de aprendentes com línguas maternas diversas.

Uma outra limitação é que todos os dados recolhidos neste trabalho o foram através de testes *off-line*. Os informantes têm tempo suficiente para pensar nos itens e depois responder. Mas, se se utilizar algumas técnicas avançadas, tais como o *eye-tracking*, para fazer um teste *on-line*, é possível testar alguns aspectos que não são testáveis num teste *off-line*, e é também possível recolher resultados diferentes. Por isso, acho que vale a pena testar as condições deste trabalho em investigações futuras, usando testes *on-line*.

Verificam-se também outros dois aspectos neste trabalho. Primeiro, os comportamentos dos aprendentes nas condições de completiva e adjunta adverbial não são iguais. Nas condições de adjunta adverbial com sujeito nulo, o comportamento dos aprendentes chineses é muito semelhante ao dos falantes nativos desde o nível intermédio. Mas, nas outras condições, o comportamento do grupo intermédio diverge sempre do do grupo de controlo. Por isso, as condições de adjunta adverbial devem ser tratadas de uma forma diferente das condições de completiva. No entanto, esta condição de adjunta adverbial é a única em que o chinês e o PE têm leituras idênticas. É possível que a língua materna facilite a compreensão dos aprendentes intermédios. De qualquer maneira, penso que os trabalhos futuros podem analisar detalhadamente a diferença entre a completiva e a adjunta adverbial no âmbito do sujeito nulo e realizado.

Outro aspecto a testar futuramente é o tipo de verbo nas estruturas em causa. Na parte teórica e no teste adaptado no chinês, verificamos que o chinês diverge na leitura das frases encaixadas com verbo pleno e verbo *ser*. No entanto, segundo os dados do teste, os aprendentes chineses mostram algumas diferenças na compreensão das condições com verbo pleno e condições com verbo *ser*, mas estas diferenças não são substanciais. Parece, assim, que o tipo de verbo não é um factor relevante na aquisição do sujeito nulo encaixado. Acho que este fenómeno pode servir até como um contra-exemplo à afirmação da existência de transferência da língua materna, pois os aprendentes não mostram diferenças nas condições em que a sua língua materna exhibe diferenças. De qualquer forma, acho que trabalhos futuros também podem analisar se verbos de diferentes classes influenciam ou não a aquisição do sujeito nulo.

Referências Bibliográficas

- Alexiadou, A. & E. Anagnostopoulou 1998 “Parametrizing Agr: word order, verb-movement and EPP-checking.” *Natural Language and Linguistic Theory* 16: 491-539.
- Ariel, M. 1988. Referring and accessibility. *Journal of Linguistics*, 24: 65–87.
- Ariel, M. 2001. Accessibility theory: an overview. In Sanders, T., Schilperoord, J. & Spooren, W. (eds.). *Text representation: linguistic and psycholinguistic aspects*. Amsterdam: J. Benjamins Publishing Co.
- Barbosa, P. 1995. *Null Subjects*. Ph.D. dissertation. MIT, Cambridge, Mass.
- Barbosa, P. 2000. Clitics: a Window into the Null Subject Property. In J. Costa (org.), *Essays in Portuguese Comparative Syntax*. New York: Oxford Press.
- Barbosa, P. 2009. Two kinds of subject *pro*. *Studia Linguistica* 63-1. 2-58.
- Barbosa, P. 2011. Partial pro-drop as null np-anaphora. Presented at NELS 41, UPenn, 2010 and Romania Nova, Campos do Jordão, 2010.
- Barbosa, P., M. E. Duarte e M. Kato 2005 'Null Subjects in European and Brazilian Portuguese'. In *Journal of Portuguese Linguistics* 2005 4:11-52. Lisboa: Edições Colibri.
- Beck, M.L. 1998. L2 acquisition and obligatory head movement: English-speaking learners of German and the local impairment hypothesis. *Studies in Second Language Acquisition* 20, 311-48.
- Belletti, A., E. Bennati & A. Sorace 2007. Theoretical and developmental issues in the syntax of subjects: evidence from near-native Italian. *Natural Language and Linguistic Theory* 25, pp. 657-689.
- Bini, M. 1993. La adquisición del italiano: Más allá de las propiedades sintácticas del parámetro pro-drop. In J. M. Liceras (Ed.), *La lingüística y el análisis de los sistemas no nativos*, 126-139. Ottawa: Dovehouse.
- Bley-Vroman, R. 1990. The logical problem of foreign language learning. *Linguistic Analysis* 20, 3–49.
- Bresnan, J. 2001. The emergence of the unmarked pronoun. In G. Legendre, J. Grimshaw

- & S. Vikner (Eds.), *Optimality theoretic syntax* 113-142. Cambridge, MA: The MIT Press.
- Bresnan, J. 2004. Pidgin genesis and Optimality Theory. In *Processes of Language Contact*, J. Siegel (ed.), 145-174. Paris: Les Editions Fides.
- Brito, A. M. 1991. Ligação, co-referência e o princípio evitar pronome. *Encontro de Homenagem a Óscar Lopes*. Associação Portuguesa de Linguística. 101-121.
- Britto, H. 1997. *Deslocados à Esquerda, Resumptivo-Sujeito, Ordem SV: A Expressão do Juízo Categórico e Tético no Português do Brasil*. PhD dissertation. UNICAMP
- Chomsky, N. 1977. "On Wh-Movement." in P. Culicover, T. Wasow, and A. Akmajian, eds. *Formal Syntax*. pp. 71–132. New York: Academic Press.
- Chomsky, N. 1981. *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht: Foris.
- Chomsky, N. 1982. *Some Concepts and Consequences of the Theory of Government and Binding*. Linguistic Inquiry Monograph Six. Cambridge: The MIT Press
- Chomsky, N. 1995. *The Minimalist Program*. Cambridge, Mass.: MIT Press.
- Chomsky, N. 2000. Minimalist inquiries: the framework. In *Step by Step. Essays on Minimalist Syntax in Honor of Howard Lasnik*, ed. R. Martin, D. Michaels, and J. Uriagereka, 83-155. Cambridge, Mass.: MIT Press.
- Chomsky, N. 2001. Derivation by phase. In *Ken Hale: A Life in Language*, M. Kenstowicz, 1-59. Cambridge Mass.: MIT Press.
- Cardinaletti, A. & M. Starke 1999. "The typology of structural deficiency: A case study of the three classes of pronouns," in H Van Riemsdijk (ed) *Clitics in the Languages of Europe*. Berlin: de Gruyter, pp. 145-235.
- Carminati, M. N. 2002. *The processing of Italian subject pronouns*. PhD dissertation, University of Massachusetts at Amherst, Amherst (Ma): GLSA Publications.
- Cole, P. and Sung. M.-L. 1994. Head movement and long-distance reflexives. *Linguistic Inquiry* 25: 355–406.
- Costa, A., I. Faria & G. Matos 1998. Ambiguidade referencial na identificação do sujeito em estruturas coordenadas. In M.A. Mota & R. Marquilhas (orgs.) *Actas do XIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: Associação Nacional de Linguística, pp. 173-188.

- Costa, A., I. Faria & G. Matos 1999. Competitive information sources in referential ambiguity resolution. In Pinto, M^a da Graça, J. Veloso e B. Maia (orgs.) *Psycholinguistics on the Threshold of the Year 2000 — Proceedings of 5th International Congress of the International Society of Applied Psycholinguistics (ISAPL 97)*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 133-138.
- Costa, A. & G. Matos 2012. "Processamento da correferência e sujeitos anafóricos – dados sobre o Português Europeu e Brasileiro", *Revista Linguística - Correferência anafórica: representação, aquisição e processamento*, Volume 8 Número 2 Dezembro 2012.
- Costa, J. 2000. Word Order and Discourse Configurationality in European Portuguese. In *Portuguese Syntax. New Comparative Studies.*, ed. J. Costa, 94 - 115. New York: Oxford University Press.
- Costa, J. 2004. *Subject positions and interfaces. The case of European Portuguese*. Berlin: Mouton de Gruyter.
- Costa, J. 2010. "PB e PE: orientação para o discurso importa?", *Estudos da Lingua(gem)* 8, 1: 123 - 143.
- Costa, J. & J. Ambulate 2010. The acquisition of embedded subject pronouns in European Portuguese, in M. Iverson et al. (orgs.) *Proceedings of the 2009 Mind/Context Divide Workshop*. Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project, pp. 1–12.
- Costa, J. & Duarte, I. 2002. Preverbal subjects in null subject languages are not necessarily dislocated. *Journal of Portuguese Linguistics*, 2, 159-176.
- Costa, J., Duarte, I. & Silva, C. 2006. "Construções de redobro em português brasileiro: sujeitos tópicos vs. soletração do traço de pessoa", *Leitura*, 33: 135 - 145.
- Costa, J. & F. Pratas 2013. Embedded null subjects in Capeverdean. *Journal of Linguistics*. Cambridge University Press.
- Clahsen, H. & Hong, U. 1995. "Agreement and null subjects in German L2 development: new evidence from reaction-time experiment". *Second Language Research* 11, 1, 57-87
- Clahsen, H. & Muysken, P. 1989. The UG paradox in L2 acquisition. *Second Language Research* 5: 1-29

- Duarte, E. L. & Kato, M. 2008. Mudança paramétrica e orientação para o discurso. Comunicação apresentada no XXIV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística, Braga.
- Eubank, L. 1993/94. On the transfer of parametric values in L2 development. *Language Acquisition*, 3, 183-208.
- Eubank, L. 1996. Negation in early German-English Interlanguage: more Valueless Features in the L2 initial state. *Second Language Research* 12, 73-106.
- Epstein, S., S. Flynn, & G. Martohardjono 1996. Second language acquisition: Theoretical and experimental issues in contemporary research. *Brain and Behavioral Sciences*, 19, 677-758.
- Flynn, S. 1987. L2 Acquisition of Pronoun Anaphora: Resetting the Parameter." In B. Lust (ed.), *Studies in the Acquisition of Anaphora: Defining the Constraints*, Vol. 2. Dordrecht: D. Reidel, pp. 227-243, 1987.
- Flynn, S. 1996. A parameter setting approach to second language acquisition. In W. Ritchie and T. Bhatia (eds.), *Handbook of language acquisition* (pp. 121-158). San Diego: Academic Press.
- Flynn, S. & Martohardjono, G. 1994. Mapping from the initial state to the final state: the separation of universal principles and language-specific principles. In B. Lust, M. Suner and J. Whitman (eds.), *Syntactic theory and first language acquisition: crosslinguistic perspectives*. Vol. 1: *Heads, projections and learnability* (pp. 319-335). Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum.
- Frascarelli, M. 2007. Subjects, topics and the interpretation of referential *pro*. *Natural Language and Linguistic Theory* 25-4. 691-734.
- Guasti, M. T. 2002. *Language Acquisition: The Growth of Grammar*. Cambridge: MIT Press.
- Huang, C.-T. J. 1984. "On the Distribution and Reference of Empty Pronouns," *Linguistic Inquiry* 15: 531-574.
- Huang, C.-T. J. 1987. "Remarks on empty categories in Chinese." *Linguistic Inquiry* 18: 321- 337.
- Huang, C-T. J. 1989. "Pro-drop in Chinese: A generalized control theory," in Jaeggli & K.

- Safir (eds) *The Null Subject Parameter*, Dordrecht: Kluwer, pp. 185-214.
- Huang, C.-T. J. & Li, Y.-H. A. 1996. *New Horizons in Chinese Linguistics*, ed. Kluwer Academic Publishers.
- Huang, C.-T. J., Y.-H. A. Li & Y. Li 2009. *The syntax of Chinese*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Huang, Y. 1992. Hanyu de kong fanchou. 'A categoria vazia no chinês'. In *Zhongguo yuwen*. 'Língua da China'. Volume 5, 1992, 383-393.
- Holmberg, A. 2005. Is There a Little Pro? Evidence from Finnish, *Linguistic Inquiry* 36: 533-564.
- Holmberg, A. 2010. Null Subject Parameters. In T. Biberauer, A. Holmberg, I. Roberts & M. Sheehan (eds.) *Parametric Variation: Null subjects in minimalist theory*, 88-124. Cambridge, UK: Cambridge University Press.
- Hawkins, R. & Chan, C. Y. 1997. The partial availability of Universal Grammar in second language acquisition: The 'failed functional features hypothesis'. *Second Language Research* 13: 187-226.
- Kato, M. 1999. Strong Pronouns, Weak Pronominals and the Null Subject Parameter, *Probus* 11:1-37.
- Lee, K. 2009. *Finite Control in Korean*. University of Iowa. PhD dissertation.
- Li, C. N. and S. A. Thompson 1976. Subject and topic: A new typology of language. In *Subject and topic*, ed. by C. N. Li, 457-471. New York: Academic Press.
- Liceras, J. M. & Díaz, L. 1999. Topic drop versus pro-drop: Null subjects and pronominal subjects in the Spanish L2 of Chinese, English, French, German and Japanese speakers. *Second Language Research* 15: 1-40.
- Lobo, M. 1994. *Para uma Redefinição do Parâmetro do Sujeito Nulo*. MA Thesis. Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa.
- Lobo, M. 1995. Fenómenos Relacionados com o Parâmetro do Sujeito Nulo em português. *Atti del XXI Congresso Internazionale di Linguistica e Filologia Romanza*, Palermo, 18-24 settembre 1995, Tübingen: Niemeyer.
- Lobo, M. (no prelo) Dependências referenciais. *Gramática do Português*, CLUL/Gulbenkian.

- Lozano, C. 2002. The interpretation of overt and null pronouns in non-native Spanish. *Durham Working Papers in Linguistics* 8: 53–66.
- Lozano, C. 2006. The development of the syntax-discourse interface: Greek learners of Spanish. In V. Torrens & L. Escobar (Eds.), *The acquisition of syntax in Romance languages*, 371-399. Amsterdam: John Benjamins.
- Lozano, C. 2009. Selective deficits at the syntax-discourse interface: Evidence from the CEDEL2. In N. Snape, Y.I. Leung & M. Sharwood-Smith (eds). *Representational Deficits in SLA corpus* (pp. 127-166). Amsterdam: John Benjamins
- Luegi, P. 2012. *Processamento de sujeitos pronominais em Português: efeito da posição estrutural dos antecedentes*. Universidade de Lisboa, PhD dissertation.
- Madeira, A., M.F. Xavier & M.L. Crispim 2007. Concordância verbal e sujeitos nulos em português L2. *Textos Seleccionados. XXIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa, APL, 2008, pp. 315-327
- Madeira, A., M.F. Xavier & M.L. Crispim 2009. A aquisição de sujeitos nulos em português L2. *Estudos da Língua(gem) (Pesquisas em Aquisição da Linguagem)* 7.2, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, pp. 163-198.
- Madeira, A., Xavier, M., & Crispim, M. 2010. Interpretação semântica e/ou pragmático-discursiva de sujeitos na aquisição de português L2. *Textos seleccionados do XXV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística* (pp. 513-529). Lisboa: Colibri.
- Madeira, A., M.F. Xavier & M.L. Crispim 2012. Uso e interpretação de sujeitos pronominais em português L2. In A. Costa, C. Flores & N. Alexandre (orgs.) *Textos Seleccionados do XXVII Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística, pp. 376-397.
- Margaza, P. & A. Bel (2006) Null subjects at the syntax-pragmatics interface: evidence from Spanish interlanguage of Greek speakers. In M. Grantham O'Brien, C. Shea & J. Archibald (orgs.) *Proceedings of the 8th Generative Approaches to Second Language Acquisition Conference (GASLA 2006)*. Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project, pp. 88-97.
- Martins, A. M. 1996. *Clíticos na história do Português*. Universidade de Lisboa: PhD

dissertation.

- Modesto, M. 2000 *Null Subjects without 'Rich' Agreement*. PhD dissertation, University of South California
- Montalbetti, M. 1984. *After binding. On the interpretation of pronouns*. PhD dissertation, MIT, Cambridge, Mass.
- Montrul, S. 2006. Bilingualism, incomplete acquisition and language change. In *L2 Acquisition and creole genesis. Dialogues*, C. Lefebvre, L. White & C. Jourdan (eds.), 379–400. Amsterdam: John Benjamins.
- Montrul, S. & C. Rodríguez Louro (2006) Beyond the syntax of the null subject parameter: a look at the discourse-pragmatic distribution of null and overt subjects by L2 learners of Spanish. In V. Torrens & L. Escobar (orgs.) *The acquisition of syntax in Romance languages*. John Benjamins, pp. 401–418.
- Morgado, S. (2012). *Processamento da co-referência pronominal: informação sintáctica e semântica*. Tese de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Müller, G. 2005. *Pro-drop and Impoverishment*. Form, structure and grammar. A Festschrift presented to Günther Grewendorf on the occasion of his 60th birthday, ed. by P. Brandt and E. Fuss, 93-115. Tübingen: Narr.
- Neeleman, A. & K. Szendrői 2007. "Radical pro-drop and the morphology of pronouns," *Linguistic Inquiry* 38: 671-714
- Neeleman, A. & Weerman, F. 1997. L1 and L2 word order acquisition. *Language Acquisition* 6:125-170.
- Perlmutter, D. 1971. *Deep and Surface Constraints in Syntax*. New York: Holt, Rinehart & Winston.
- Pérez-Leroux A. and Glass W. 1999. Null anaphora in Spanish second language acquisition: Probabilistic versus generative approaches. *Second Language Research* 15: 220–49.
- Pesetsky, D. & E. Torrego 2004. "Tense, case, and the nature of syntactic categories." In J. Guéron and J. Lecarme (eds), *The Syntax of Time*, Cambridge, Mass.: MIT Press.
- Pollock, J.-Y. 1997. *Langage et Cognition: Introduction au Programme Minimaliste de la*

- Grammaire Générative*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Quesada, L. & S. Blackwell 2009. The L2 Acquisition of Null and Overt Spanish Subject Pronouns: A Pragmatic Approach. In *Selected Proceedings of the 11th Hispanic Linguistics Symposium*, ed. Joseph Collentine et al., 117-130. Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project.
- Ramchand, G. & Reiss, C. (Eds.) 2007. *The Oxford handbook of linguistic interfaces*. Oxford: OUP.
- Raposo, E. 1986. On the Null Object Construction in European Portuguese. In Jaeggli and Silva Corvalán (orgs.) *Studies in Romance Linguistics*. Dordrecht: Foris; 373-390.
- Rizzi, L. 1982. *Issues in Italian Syntax*. Dordrecht: Foris.
- Rizzi, L. 1986. "Null Objects in Italian and the Theory of *pro*," *Linguistic Inquiry* 17: 501-557.
- Roberts, I. 2007. Taraldsen's Generalisation and Language Change: Two Ways to Lose Null Subjects. Ms, University of Cambridge.
- Roberts, I. 2010. A deletion analysis of null subjects. *Parametric variation: Null subjects in minimalist theory*, ed. by T. Biberauer, A. Holmberg, I. Roberts & M. Sheehan, 58-87. Cambridge: Cambridge University Press.
- Roberts, I., & Holmberg, A. 2010. Introduction: Parameters in minimalist theory. *Parametric Variation: Null Subjects in Minimalist Theory*. by T. Biberauer, A. Holmberg, I. Roberts, & M. Sheehan, 1-57. Cambridge: Cambridge University Press.
- Rodrigues, C. 2004. *Impoverished Morphology and A-Movement out of Case Domains*. PhD dissertation, University of Maryland at College Park.
- Rothman, J. 2007. Pragmatic solutions for syntactic problems: understanding some L2 Syntactic errors in terms of pragmatic deficits. In S. Baauw, F. Drijkoningen & M. Pinto (orgs.) *Romance languages and linguistic theory 2005*. Amsterdam: John Benjamins, pp. 297-318.
- Rothman, J. 2008 How Pragmatically Odd!: Interface Delays and Pronominal Subject Distribution in the L2 Spanish of English Natives. *Studies in Hispanic and Lusophone Linguistics*, 1, 317-339.

- Saito, M. 2007. Notes on East Asian argument ellipsis. *Language Research* 43: 203-227.
- Schachter, J. 1988. Second language acquisition and its relationship to Universal Grammar. *Applied Linguistics* 9, 219-35.
- Schwartz, B. D. & Sprouse, R. 1994. Word order and nominative case in nonnative language acquisition: a longitudinal study of (L1 Turkish) German interlanguage. In T. Hoekstra and B. D. Schwartz (eds.), *Language acquisition studies in generative grammar* (pp. 317-368). Amsterdam: John Benjamins.
- Schwartz, B. D. & Sprouse, R. 1996. L2 cognitive states and the full transfer/full access model. *Second Language Research*, 12: 40-72.
- Sorace, A. 2000. Differential effects of attrition in the L1 syntax of L2 near-native speakers. In *Proceedings of the 24th Boston University Conference on Language Development*. Somerville, MA: Cascadilla Press.
- Sorace A. 2011. Pinning down the concept of ‘interface’ in bilingualism. *Linguistic Approaches to Bilingualism* 1: 1-33.
- Sorace, A. & F. Filiaci 2006. Anaphora resolution in near-native speakers of Italian. *Second Language Research* 22.3, pp. 339-368.
- Soriano, O. 1989. Strong pronouns in null subject languages and the avoid pronoun principle. *MIT Working Papers in Linguistics*, Vol 11: 228-239
- Sprouse, R. & Vance, B. 1999. An explanation for the decline of null pronouns in certain Germanic and Romance languages. In M. DeGraff (Ed.), *Language creation and language change: Creolization, diachrony, and development*, 257-284. Cambridge, MA: The MIT Press
- Taraldsen, T. 1980. “On the NIC, vacuous application and the *that*-trace filter.” Indiana University Linguistics Club.
- Tomioka, S. 2003. The semantics of Japanese null pronouns and its crosslinguistic implications. *The interfaces: Deriving and interpreting omitted structures*, ed. by in K. Schwabe & S. Winkler, 321-40. Benjamins.
- Tsimpli, I., A. Sorace, C. Heycock & F. Filiaci 2004. First language attrition and syntactic subjects: a study of Greek and Italian near-native speakers of English. *International Journal of Bilingualism* 8, pp. 257-77.

- Tsimpili, I. & Sorace, A. 2006. Differentiating interfaces: L2 performance in syntax-semantics and syntax-discourse phenomena. *Proceedings of the Annual Boston University Conference on Language Development*, 30 (2), 653-664.
- Vainikka, A. & Young-Scholten, M. 1994. Direct access to X-bar theory: Evidence from Korean and Turkish adults learning German. In T. Hoekstra & B.D. Schwartz (Eds.), *Language Acquisition Studies in Generative Grammar*, 265-316. Amsterdam: John Benjamins.
- Vainikka, A. & Young-Scholten, M. 1996a. Gradual development of L2 phrase structure. *Second Language Research* 12: 7-39.
- Vainikka, A. & Young-Scholten, M. 1996b. The early stages in adult L2 syntax: Additional evidence from Romance speakers. *Second Language Research* 12: 140-76.
- White, L. 1985. The “pro-drop” parameter in adult second language acquisition. *Language Learning* 35: 47–62.
- White, L. 1989. *Universal grammar and second language acquisition*. Amsterdam: John Benjamins.
- White, L. 2003. *Second language acquisition and Universal Grammar*. Cambridge University Press.
- Xu, L. 1986. Free empty category. *Linguistic Inquiry* 17: 75-93.
- Zhao, L. X. 2009. L2 Acquisition of the Interpretation of Embedded Null Arguments in Chinese. In *Proceedings of the 10th Generative Approaches to Second Language Acquisition Conference (GASLA 2009)*, ed. Melissa Bowles et al., 77-85. Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project.
- Zhao, L. X. 2012. Interpretation of Chinese overt and null embedded arguments by English-speaking learners. *Second Language Research* 28: 169-190

Anexo I Os perfis detalhados dos participantes

1. Grupo intermédio

Tabela 30 Perfis do grupo intermédio

Nome/código ³⁵	Idade	Idade com que começou a aprender o português	Quando chegou a Portugal	Língua materna	Outras línguas que fala
Int1	20	19	2012.9	Mandarim	Inglês
Int2	21	20	2012.9	Mandarim	Inglês
Int3	20	19	2012.9	Mandarim	Inglês
Int4	19	18	2012.9	Mandarim	Inglês
Int5	19	18	2012.9	Mandarim	Inglês
Int6	18	17	2012.9	Mandarim	Inglês
Int7	21	20	2012.9	Mandarim	Inglês
Int8	20	19	2012.9	Mandarim	Inglês
Int9	19	18	2012.9	Mandarim	Inglês
Int10	19	18	2012.9	Mandarim	Inglês
Int11	20	19	2012.9	Mandarim	Inglês
Int12	20	19	2012.9	Mandarim	Inglês
Int13	21	20	2012.9	Mandarim	Inglês
Int14	20	19	2012.9	Mandarim	Inglês

2. Grupo avançado

³⁵ Todos os nomes dos informantes foram substituídos por estes códigos.

Tabela 31 Perfis do grupo avançado

Nome/código ³⁶	Idade	Idade com que começou a aprender o português	Quando chegou a Portugal	Língua materna	Outras línguas que fala
Ipl1	20	18	2011.9	Mandarim	Inglês Espanhol
Ipl2	20	18	2011.9	Mandarim	Inglês Francês
Ipl3	20	18	2011.9	Cantonês	Mandarim Inglês
Ipl4	21	19	2011.9	Mandarim	Inglês
Ipl5	35	32	2012.9	Cantonês	Mandarim Inglês
Ava1	22	20	2012.10	Mandarim	Inglês
Ava2	20	18	2012.9	Mandarim	Inglês
Ava3	21	19	2012.9	Mandarim	Inglês
Ava4	20	18	2012.10	Mandarim	Inglês
Ava5	28	27	2012.10	Mandarim	Inglês
Ava6	24	20	2011	Cantonês	Inglês
Ava7	20	18	2012.10	Cantonês	Mandarim Inglês
Ava8	20	18	2012.10	Mandarim	Inglês
Ava9	25	24	2011	³⁷	

3. Grupo de controlo

Tabela 32 Perfis do grupo de controlo

Código/nome	Idade	Língua materna	Outras línguas que fala
Por1	17	Português	Inglês Espanhol Francês
Por2	18	Português	Inglês Espanhol Alemão
Por3	18	Português	Inglês Espanhol

³⁶ Os códigos iniciados por 'Ipl' correspondem a informantes do Instituto Politécnico de Leiria, enquanto os códigos iniciados por 'Ava' correspondem a informantes da Universidade de Lisboa.

³⁷ O informante "Ava9" não ofereceu dados sobre "língua materna" e "outras línguas que fala".

Por4	20	Português	Inglês Espanhol Francês
Por5	19	Português	Inglês Italiano
Por6	20	Português	Inglês Espanhol
Por7	19	Português	Inglês Espanhol
Por8	21	Português	Inglês Espanhol Alemão
Por9	18	Português	Inglês Espanhol Alemão
Por10	18	Português	Espanhol
Por11	20	Português	Inglês Espanhol Francês Italiano
Por12	19	Português	Inglês
Por13	18	Português	Inglês
Por14	18	Português	Inglês Espanhol

Anexo II Itens organizados por condições

Apresenta-se seguidamente os itens organizados por condições. Como se vê nos itens abaixo apresentados, a ordem dos itens foi alterada e os números dos itens que aparecem aqui são os números que aparecem no questionário aplicado aos informantes. Pode-se verificar ainda que a ordem das opções da terceira tarefa do teste foi alterada também.

1. Condições da primeira parte do teste**1.1 Itens que aparecem na terceira tarefa do teste****Condição 1 NP complexo na posição de sujeito**

(5) O João encontrou um amigo hoje. _____

A. O amigo que o João encontrou é do Porto.

C. O amigo que encontrou é do Porto.

B. O João, o amigo que encontrou é do Porto.

(10) O Jorge ajudou um colega. _____

C. O colega que o Jorge ajudou é da China.

A. O colega que ajudou é da China.

B. O Jorge, o colega que ajudou é da China.

Condição 2 NP complexo na posição de objecto

(7) O João encontrou um amigo hoje. _____

B. A Rita conhece o amigo que o João encontrou.

A. A Rita conhece o amigo que encontrou.

C. O João, a Rita conhece o amigo que encontrou.

(11) A Joana comprou um livro ontem. _____

A. A Paula gosta do livro que a Joana comprou.

C. A Paula gosta do livro que comprou.

B. A Joana, a Paula gosta do livro que comprou.

Condição 3 Adjunta adverbial com co-referência entre o sujeito de matriz e o sujeito nulo na ilha

(1) O João saiu da empresa mais cedo do que habitual. _____

B. O João ficou feliz quando o João chegou a casa.

C. O João ficou feliz quando chegou a casa.

A. O João, o João ficou feliz quando chegou a casa.

(4) A Laura está constipada hoje. _____

C. A Laura ficou aborrecida quando a Laura espirrou.

A. A Laura ficou aborrecida quando espirrou.

B. A Laura, a Laura ficou aborrecida quando espirrou.

Condição 4 Adjunta adverbial com referência disjunta entre o sujeito de matriz e o sujeito nulo da ilha

(6) A Maria faz anos hoje. O João chegou a casa muito cedo. _____

C. A Maria ficou feliz quando o João chegou a casa.

B. A Maria ficou feliz quando chegou a casa.

A. O João, a Maria ficou feliz quando chegou a casa.

(2) O Paulo estava a cozinhar em casa. O Pedro bateu à porta _____

B. O Paulo cortou um dedo quando o Pedro bateu à porta.

C. O Paulo cortou um dedo quando bateu à porta.

A. O Pedro, o Paulo cortou um dedo quando bateu à porta.

Distractor 1 NP complexo com objecto nulo e realizado

(9) Alguém comprou um carro novo. _____

B. A pessoa que comprou é um jogador de futebol.

A. A pessoa que comprou o carro é um jogador de futebol.

C. O carro, a pessoa que comprou é um jogador de futebol.

(12) Um rapaz ganhou o grande prémio da lotaria. _____

C. A Filipa não conhece o rapaz que ganhou.

- A. A Filipa não conhece o rapaz que ganhou o prémio.
B. O prémio, a Filipa não conhece o rapaz que ganhou.

Distractor 2 Adjunta adverbial com objecto nulo e realizado

- (8) A mãe deu uma prenda à Marta. A Marta estava muito feliz. _____
A. A mãe bateu as palmas quando a Marta abriu.
C. A mãe bateu as palmas quando a Marta abriu a prenda.
B. A prenda, a mãe bateu as palmas quando a Marta abriu.
- (3) O Diogo estava a fazer o trabalho. O trabalho era muito difícil.

A. O Diogo estava aborrecido enquanto fazia.
B. O Diogo estava aborrecido enquanto fazia o trabalho.
C. O trabalho, o Diogo estava aborrecido enquanto fazia.

1.2 Itens que aparecem na segunda tarefa do teste

Condição 5 Leitura estrita e imprecisa em frases completivas elípticas (no segundo termo da coordenação):

- (1) A Ana anunciou que vai escrever um livro no próximo ano e a Rita também anunciou.
Quem é que a Rita anunciou que vai escrever um livro no próximo ano?
A. a Ana B. a Rita C. uma outra pessoa
- (42) O João anunciou que vai estudar na Itália e o Rui também anunciou.
Quem é que o Rui anunciou que vai estudar na Itália?
A. o João B. o Rui C. uma outra pessoa

Subcondição 5 Leitura estrita e imprecisa em frases completivas elípticas (no segundo termo da coordenação) com topicalização:

- (46) O Miguel, a Ana anunciou que vai escrever um livro no próximo ano e a Rita também anunciou.

Quem é que a Rita anunciou que vai escrever um livro no próximo ano?

A. a Ana B. a Rita C. o Miguel

(38) O Carlos, o João anunciou que vai estudar na Itália e o Rui também anunciou.

Quem é que o Rui anunciou que vai estudar na Itália?

A. O João B. O Rui C. O Carlos

Condição 6 Frase completiva de sujeito nulo com antecedente repartido:

(22) Os professores e os alunos vão fazer uma viagem neste verão. Os professores disseram aos alunos que vão visitar a China.

Quem é que vão visitar a China?

A. Os professores B. Os alunos C. os professores e os alunos

(11) Os generais e os soldados vão descansar num bosque. Os generais disseram aos soldados que vão descansar durante 15 minutos

Quem é que vai descansar durante 15 minutos?

A. os generais B. os soldados C. os generais e os soldados

2. Condições na segunda parte do teste

2.1 Itens que aparecem na primeira tarefa do teste

Condição 1 Frase completiva com sujeito omitido e um antecedente referido no discurso (verbo pleno)

(5) O Rui disse que gosta de futebol.

Quem é que gosta de futebol?

A. o Rui B. uma outra pessoa

(14) O Raul pensa que pode vir à reunião.

Quem é que pode vir à reunião?

A. o Raul B. uma outra pessoa

Subcondição 1 Frase completiva com sujeito pronominal realizado e um antecedente

referido no discurso (verbo pleno)

(16) O Rui disse que ele gosta de futebol.

Quem é que gosta de futebol?

A. o Rui B. uma outra pessoa

(11) O Raul pensa que ele pode vir à reunião.

Quem é que pode vir à reunião?

A. o Raul B. uma outra pessoa

Condição 2 Frase completiva com sujeito omitido e um antecedente referido no discurso (verbo *ser*)

(2) O Rui disse que é bom estudante.

Quem é que é bom estudante?

A. o Rui B. uma outra pessoa

(6) A Maria disse que é filha do director.

Quem é que é filha do director?

A. a Maria B. uma outra pessoa

Subcondição 2 Frase completiva com sujeito pronominal realizado e um antecedente referido no discurso (verbo *ser*)

(8) O Rui disse que ele é bom estudante.

Quem é que é bom estudante?

A. o Rui B. uma outra pessoa

(1) A Maria disse que ela é filha do director.

Quem é que é filha do director?

A. a Maria B. uma outra pessoa

Condição 3 Frase adjunta adverbial com sujeito omitido e um antecedente referido no discurso

(13) O João costumava ir à biblioteca quando estudava na universidade.

Quem é que estudava na universidade?

A. o João B. uma outra pessoa

(4) A Joana chegava sempre atrasada quando trabalhava nos correios.

Quem é que trabalhava nos correios?

A. a Joana B. uma outra pessoa

Subcondição 3 Frase adjunta adverbial com sujeito realizado e um antecedente referido no discurso

(9) O João costumava ir à biblioteca quando ele estudava na universidade.

Quem é que estudava na universidade?

A. o João B. uma outra pessoa

(15) A Joana chegava sempre atrasada quando ela trabalhava nos correios.

Quem é que trabalhava nos correios?

A. a Joana B. uma outra pessoa

2.2 Itens que aparecem na segunda tarefa do teste

Condição 1 Frase completiva de sujeito omitido com dois antecedentes referidos no discurso ambos na posição de sujeito (com verbo pleno)

(17) O Pedro come três gelados e o Rui come quatro. O Pedro disse que não deve comer tantos gelados.

Na opinião do Pedro, quem é que não deve comer tantos gelados ?

A. o Rui B. o Pedro C. uma outra pessoa

(5) O Tiago comprou um computador novo e o José também comprou um computador novo. O Tiago pensa que vai jogar muitos jogos no computador novo.

Na opinião do Tiago, quem é que vai jogar muitos jogos no computador novo?

A. o José B. o Tiago C. uma outra pessoa

Subcondição 1 Frase completiva de sujeito pronominal realizado com dois antecedentes referidos no discurso ambos na posição de sujeito (com verbo pleno)

(43) O Pedro come três gelados e o Rui come quatro. O Pedro disse que ele não deve

comer tantos gelados.

Na opinião do Pedro, quem é que não deve comer tantos gelados?

A. o Rui B. o Pedro C. uma outra pessoa

- (45) O Tiago comprou um computador novo e o José também comprou um computador novo. O Tiago pensa que ele vai jogar muitos jogos no computador novo.

Na opinião do Tiago, quem é que vai jogar muitos jogos no computador novo?

A. o José B. o Tiago C. uma outra pessoa

Condição 2 Frase completiva de sujeito omitido com dois antecedentes referidos no discurso ambos na posição de sujeito (com verbo *ser*)

- (44) A Laura estuda todas as noite até à meia noite e a Rita estuda até à 1h. A Laura diz que é boa estudante.

Na opinião da Laura, quem é que é boa estudante?

A. a Rita B. a Laura C. uma outra pessoa

- (16) O João já joga na equipa há 20 anos e o Carlos também joga na equipa há 20 anos. O João pensa que é a pessoa com mais experiência na equipa.

Na opinião do João, quem é que é a pessoa com mais experiência na equipa?

A. o Carlos B. o João C. uma outra pessoa

Subcondição 2 Frase completiva de sujeito pronominal realizado com dois antecedentes referidos no discurso ambos na posição do sujeito (com verbo *ser*)

- (40) A Laura estuda todas as noite até à meia noite e a Rita estuda até à 1h. A Laura diz que ela é boa estudante.

Na opinião da Laura, quem é que é boa estudante?

A. a Rita B. a Laura C. uma outra pessoa

- (33) O João já joga na equipa há 20 anos e o Carlos também joga na equipa há 20 anos. O João pensa que ele é a pessoa com mais experiência na equipa.

Na opinião do João, quem é que é a pessoa com mais experiência na equipa?

A. o Carlos B. o João C. uma outra pessoa

Condição 3 Frase adjunta adverbial de sujeito omitido com dois antecedentes referidos no discurso ambos na posição de sujeito

- (6) O Rui está no metro e o Tiago também está no metro. O Rui comprou um jornal quando saiu do metro.

Quem é que saiu do metro?

A. o Rui B. o Tiago C. uma outra pessoa

- (41) O Joãozinho voltou ao jardim e o Paulinho também voltou ao jardim. O Joãozinho gritou quando atirou a bola.

Quem é que atirou a bola?

A. o Joãozinho B. o Paulinho C. uma outra pessoa

Subcondição 3 Frase adjunta adverbial de sujeito pronominal realizado com dois antecedentes referidos no discurso ambos na posição de sujeito

- (32) O Rui está no metro e o Tiago também está no metro. O Rui comprou um jornal quando ele saiu do metro.

Quem é que saiu do metro?

A. o Rui B. o Tiago C. uma outra pessoa

- (8) O Joãozinho voltou ao jardim e o Paulinho também voltou ao jardim. O Joãozinho gritou quando ele atirou a bola.

Quem é que atirou a bola?

A. o Joãozinho B. o Paulinho C. uma outra pessoa

Condição 4 Frase completiva de sujeito omitido com dois antecedentes referidos no discurso, um na posição de sujeito e outro na de objecto indireto (com verbo pleno)

- (34) O João disse ao Rui que passou no exame.

Quem é que passou no exame?

A. o João B. o Rui C. uma outra pessoa

- (26) O Pedro disse ao Tiago que ganhou o prémio da lotaria.

Quem é que ganhou o prémio?

A. o Pedro B. o Tiago C. uma outra pessoa

Subcondição 4 Frase completiva com sujeito pronominal realizado com dois antecedentes referidos no discurso, um na posição de sujeito e outro na de objecto indirecto (com verbo pleno)

- (4) O João disse ao Rui que ele passou no exame.

Quem é que passou no exame?

A. o João B. o Rui C. uma outra pessoa

- (15) O Pedro disse ao Tiago que ele ganhou o prémio da lotaria.

Quem é que ganhou o prémio?

A. o Pedro B. o Tiago C. uma outra pessoa

Condição 5 Frase completiva de sujeito omitido com dois antecedentes referidos no discurso, um na posição de sujeito e outro na do objecto indirecto (com verbo *ser*)

- (24) O João disse ao Rui que é filho único.

Quem é que é filho único?

A. o João B. o Rui C. uma outra pessoa

- (19) A Ana disse à Laura que é a vencedora da corrida.

Quem é que é a vencedora da corrida?

A. a Ana B. a Laura C. uma outra pessoa

Subcondição 5 Frase completiva com sujeito pronominal realizado com dois antecedentes referidos no discurso, um na posição de sujeito e outro na de objecto indirecto (com verbo *ser*)

- (31) O João disse ao Rui que ele é filho único.

Quem é que é filho único?

A. o João B. o Rui C. uma outra pessoa

- (13) A Ana disse à Laura que ela é a vencedora da corrida.

Quem é que é a vencedora da corrida?

A. a Ana B. a Laura C. uma outra pessoa

Condição 6 Frase adjunta adverbial de sujeito omitido com dois antecedentes referidos no discurso, um na posição de sujeito e outro na de objecto indirecto

(27) A Joana escreveu uma carta à Ana quando trabalhava no Brasil.

Quem é que trabalhava no Brasil?

A. a Joana B. a Ana C. uma outra pessoa

(39) O Rui abraçou o pai quando voltou para casa.

Quem é que voltou para casa?

A. o Rui B. o pai C. uma outra pessoa

Subcondição 6 Frase adjunta adverbial de sujeito pronominal realizado com dois antecedentes referidos no discurso, um na posição de sujeito e outro na de objecto indirecto

(35) A Joana escreveu uma carta à Ana quando ela trabalhava no Brasil.

Quem é que trabalhava no Brasil?

A. a Joana B. a Ana C. uma outra pessoa

(3) O Rui abraçou o pai quando ele voltou para casa.

Quem é que voltou para casa?

A. o Rui B. o pai C. uma outra pessoa

Condição 7 Frase completiva de sujeito omitido com antecedente quantificado na matriz

(36) Cada aluno da turma do João disse que pode ganhar a corrida.

Quem é que pode ganhar a corrida?

A. cada aluno B. o João C. uma outra pessoa

(12) Cada companheiro do Luis disse que já marcou um golo.

Quem é que já marcou um golo?

A. cada companheiro B. o Luis C. uma outra pessoa

Subcondição 7 Frase completiva de sujeito pronominal realizado com antecedente quantificado na matriz

- (2) Cada aluno da turma do João disse que ele pode ganhar a corrida.

Quem é que pode ganhar a corrida?

A. cada aluno B. o João C. uma outra pessoa

- (29) Cada companheiro do Luis disse que ele já marcou um golo.

Quem é que já marcou um golo?

A. cada companheiro B. o Luis C. uma outra pessoa

3. Distractores

Distractor 1 Topicalização do objecto directo ou Deslocação à esquerda clítica do objecto directo com duas opções (na primeira tarefa do teste)

- (3) O Jorge, os colegas do Rui não viram.

Quem é que os colegas do Rui não viram?

A. o Jorge B. o Rui

- (10) A Rita, os professores da Marta não conhecem.

Quem é que os professores da Marta não conhecem?

A. a Rita B. a Marta

- (12) O Jorge, os colegas do Rui não o viram.

Quem é que os colegas do Rui não viram?

A. o Jorge, B. o Rui

- (7) A Rita, os professores da Marta não a conhecem.

Quem é que os professores da Marta não conhecem?

A. a Rita B. a Marta

Distractor 2 Topicalização do objecto directo ou Deslocação à esquerda clítica do objecto directo com três opções (na segunda tarefa do teste)

- (25) O Rui foi à exposição e a Ana também foi à exposição. A Laura, o Rui não viu na exposição.

Quem é que o Rui não viu na exposição?

A. a Ana B. a Laura C. uma outra pessoa

- (14) A Joana é aluna da FLUL e a Filipa também é aluna da FLUL. A Rita, a Joana não conhece.

Quem é que a Joana não conhece?

A. a Filipa B. a Rita C. uma outra pessoa

- (18) O Rui foi à exposição e a Ana também foi à exposição. A Laura, o Rui não a viu na exposição.

Quem é que o Rui não viu na exposição?

A. a Ana B. a Laura C. uma outra pessoa

- (7) A Joana é aluna da FLUL e a Filipa também é aluna da FLUL. A Rita, a Joana não a conhece.

Quem é que a Joana não conhece?

A. a Filipa B. a Rita C. uma outra pessoa

- (20) O João chegou à festa e o Rui também chegou à festa. O Rui, o João disse que o Pedro não consegue ver.

Quem é que o Pedro não consegue ver?

A. o João B. o Rui C. uma outra pessoa

- (9) A Paula é uma aluna nova e a Maria também é uma aluna nova. A Maria, a Paula disse que o professor não conhece.

Quem é que o professor não conhece?

A. a Paula B. a Maria C. uma outra pessoa

- (23) O João chegou à festa e o Rui também chegou à festa. O Rui, o João disse que o Pedro não o consegue ver.

Quem é que o Pedro não consegue ver?

A. o João B. o Rui C. uma outra pessoa

- (28) A Paula é uma aluna nova e a Maria também é uma aluna nova. A Maria, a Paula disse que o professor não a conhece.

Quem é que o professor não conhece?

A. a Paula B. a Maria C. uma outra pessoa

Distractor 3 Frases completivas com objecto nulo e realizado (na segunda tarefa do

teste)

- (10) Os alunos da turma do João disseram que detestam.
Quem é que os alunos da turma do João detestam?
A. os alunos B. o João C. uma outra pessoa
- (37) Os colegas da Ana disseram que vão ajudar.
Quem é que os colegas da Ana vão ajudar?
A. os colegas B. a Ana C. uma outra pessoa
- (30) Os alunos da turma do João disseram que o detestam.
Quem é que os alunos da turma do João detestam?
A. os alunos B. o João C. uma outra pessoa
- (21) Os colegas da Ana disseram que vão ajudá-la.
Quem é que os colegas da Ana vão ajudar?
A. os colegas B. a Ana C. uma outra pessoa

Anexo III O questionário aplicado aos informantes

Questionário

Por favor, preencha este questionário segundo as instruções. Muito obrigado pelo vosso apoio! 请按要求填写本问卷，可以查字典，但请不要询问其他人。谢谢大家的参与!

Nome _____

Idade _____

Idade com que começou a aprender o português _____

Quando chegou a Portugal _____

Nível do português 二年级选 intermédio 三年级选 avançado

- Elementar
- Intermédio
- Avançado
- Superior

Língua Materna _____

Outras Línguas que fala _____

Primeira Tarefa

Escolha entre A, B a opção mais correcta. Pode escolher as duas opções, quando achar necessário.

(1) A Maria disse que ela é filha do director

Quem é que é filha do director?

A. a Maria B. uma outra pessoa

(2) O Rui disse que é bom estudante.

Quem é que é bom estudante?

A. o Rui B. uma outra pessoa

(3) O Jorge, os colegas do Rui não viram.

Quem é que os colegas do Rui não viram?

A. o Jorge B. o Rui

(4) A Joana chegava sempre atrasada quando trabalhava nos correios.

Quem é que trabalhava nos correios?

A. a Joana B. uma outra pessoa

(5) O Rui disse que gosta de futebol

Quem é que gosta de futebol?

A. o Rui B. uma outra pessoa

(6) A Maria disse que é filha do director

Quem é que é filha do director?

A. a Maria B. uma outra pessoa

(7) A Rita, os professores da Marta não a conhecem

Quem é que os professores da Marta não conhecem?

A. a Rita B. a Marta

(8) O Rui disse que ele é bom estudante.

Quem é que é bom estudante?

A. o Rui B. uma outra pessoa

(9) O João costumava ir à biblioteca quando ele estudava na universidade.

Quem é que estudava na universidade?

A. o João B. uma outra pessoa

(10) A Rita, os professores da Marta não conhecem.

Quem é que os professores da Marta não conhecem?

A. a Rita B. a Marta

(11) O Raul pensa que ele pode vir à reunião.

Quem é que pode vir à reunião?

A. o Raul B. uma outra pessoa

(12) O Jorge, os colegas do Rui não o viram

Quem é que os colegas do Rui não viram?

A. o Jorge, B. o Rui

(13) O João costumava ir à biblioteca quando estudava na universidade.

Quem é que estudava na universidade?

A. o João B. uma outra pessoa

(14) O Raul pensa que pode vir à reunião.

Quem é que pode vir à reunião?

A. o Raul B. uma outra pessoa

(15) A Joana chegava sempre atrasada quando ela trabalhava nos correios.

Quem é que trabalhava nos correios?

A. a Joana B. uma outra pessoa

(16) O Rui disse que ele gosta de futebol

Quem é que gosta de futebol?

A. o Rui B. uma outra pessoa

Segunda Tarefa

Escolha entre A, B e C a opção mais correcta. Pode escolher mais de uma opção quando achar necessário.

(1) A Ana anunciou que vai escrever um livro no próximo ano e a Rita também anunciou.

Quem é que a Rita anunciou que vai escrever um livro no próximo ano?

A. a Ana B. a Rita C. uma outra pessoa

(2) Cada aluno da turma do João disse que ele pode ganhar a corrida.

Quem é que pode ganhar a corrida?

A. cada aluno B. o João C. uma outra pessoa

(3) O Rui abraçou o pai quando ele voltou para casa.

Quem é que voltou para casa?

A. o Rui B. o pai C. uma outra pessoa

(4) O João disse ao Rui que ele passou no exame.

Quem é que passou no exame?

A. o João B. o Rui C. uma outra pessoa

(5) O Tiago comprou um computador novo e o José também comprou um computador novo. O Tiago pensa que vai jogar muitos jogos no computador novo.

Na opinião do Tiago, quem é que vai jogar muitos jogos no computador novo?

A. o José B. o Tiago C. uma outra pessoa

(6) O Rui está no metro e o Tiago também está no metro. O Rui comprou um jornal

quando saiu do metro.

Quem é que saiu do metro?

A. o Rui B. o Tiago C. uma outra pessoa

(7) A Joana é aluna da FLUL e a Filipa também é aluna da FLUL. A Rita, a Joana não a conhece.

Quem é que a Joana não conhece?

A. a Felipa B. a Rita C. uma outra pessoa

(8) O Joãozinho voltou ao jardim e o Paulinho também voltou ao jardim. O Joãozinho gritou quando ele atirou a bola.

Quem é que atirou a bola?

A. o Joãozinho B. o Paulinho C. uma outra pessoa

(9) A Paula é uma aluna nova e a Maria também é uma aluna nova. A Maria, a Paula disse que o professor não conhece.

Quem é que o professor não conhece?

A. a Paula B. a Maria C. uma outra pessoa

(10) Os alunos da turma do João disseram que detestam.

Quem é que os alunos da turma do João detestam?

A. os alunos B. o João C. uma outra pessoa

(11) Os generais e os soldados vão descansar num bosque. Os generais disseram aos soldados que vão descansar durante 15 minutos

Quem é que vai descansar durante 15 minutos?

A. os generais B. os soldados C. os generais e os soldados

(12) Cada companheiro do Luis disse que já marcou um golo.

Quem é que já marcou um golo?

A. cada companheiro B. o Luis C. uma outra pessoa

- (13) A Ana disse à Laura que ela é a vencedora da corrida.

Quem é que é a vencedora da corrida?

A. a Ana B. a Laura C. uma outra pessoa

- (14) A Joana é aluna da FLUL e a Filipa também é aluna da FLUL. A Rita, a Joana não conhece.

Quem é que a Joana não conhece?

A. a Felipa B. a Rita C. uma outra pessoa

- (15) O Pedro disse ao Tiago que ele ganhou o prémio da lotaria.

Quem é que ganhou o prémio?

A. o Pedro B. o Tiago C. uma outra pessoa

- (16) O João já joga na equipa há 20 anos e o Carlos também joga na equipa há 20 anos.

O João pensa que é a pessoa com mais experiência na equipa

Na opinião do João, quem é que é a pessoa com mais experiência na equipa?

A. o Carlos B. o João C. uma outra pessoa

- (17) O Pedro come três gelados e o Rui come quatro. O Pedro disse que não deve comer tantos gelados.

Na opinião do Pedro, quem é que não deve comer tantos gelados ?

A. o Rui B. o Pedro C. uma outra pessoa

- (18) O Rui foi à exposição e a Ana também foi à exposição. A Laura, o Rui não a viu na exposição.

Quem é que o Rui não viu na exposição?

A. a Ana B. a Laura C. uma outra pessoa

- (19) A Ana disse à Laura que é a vencedora da corrida.
Quem é que é a vencedora da corrida?
A. a Ana B. a Laura C. uma outra pessoa
- (20) O João chegou à festa e o Rui também chegou à festa. O Rui, o João disse que o Pedro não consegue ver.
Quem é que o Pedro não consegue ver?
A. o João B. o Rui C. uma outra pessoa
- (21) Os colegas da Ana disseram que vão ajudá-la.
Quem é que os colegas da Ana vão ajudar?
A. os colegas B. a Ana C. uma outra pessoa
- (22) Os professores e os alunos vão fazer uma viagem neste verão. Os professores disseram aos alunos que vão visitar a China.
Quem é que vão visitar a China?
A. Os professores B. Os alunos C. os professores e os alunos
- (23) O João chegou à festa e o Rui também chegou à festa. O Rui, o João disse que o Pedro não o consegue ver.
Quem é que o Pedro não consegue ver?
A. o João B. o Rui C. uma outra pessoa
- (24) O João disse ao Rui que é filho único.
Quem é que é filho único?
A. o João B. o Rui C. uma outra pessoa
- (25) O Rui foi à exposição e a Ana também foi à exposição. A Laura, o Rui não viu na exposição

Quem é que o Rui não viu na exposição?

A. a Ana B. a Laura C. uma outra pessoa

(26) O Pedro disse ao Tiago que ganhou o prémio da lotaria.

Quem é que ganhou o prémio?

A. o Pedro B. o Tiago C. uma outra pessoa

(27) A Joana escreveu uma carta à Ana quando trabalhava no Brasil.

Quem é que trabalhava no Brasil?

A. a Joana B. a Ana C. uma outra pessoa

(28) A Paula é uma aluna nova e a Maria também é uma aluna nova. A Maria, a Paula disse que o professor não a conhece.

Quem é que o professor não conhece?

A. a Paula B. a Maria C. uma outra pessoa

(29) Cada companheiro do Luis disse que ele já marcou um golo.

Quem é que já marcou um golo?

A. cada companheiro B. o Luis C. uma outra pessoa

(30) Os alunos da turma do João disseram que o detestam.

Quem é que os alunos da turma do João detestam?

A. os alunos B. o João C. uma outra pessoa

(31) O João disse ao Rui que ele é filho único.

Quem é que é filho único?

A. o João B. o Rui C. uma outra pessoa

(32) O Rui está no metro e o Tiago também está no metro. O Rui comprou um jornal quando ele saiu do metro.

Quem é que saiu do metro?

A. o Rui B. o Tiago C. uma outra pessoa

- (33) O João já joga na equipa há 20 anos e o Carlos também joga na equipa há 20 anos.

O João pensa que ele é a pessoa com mais experiência na equipa

Na opinião do João, quem é que é a pessoa com mais experiência na equipa?

A. o Carlos B. o João C. uma outra pessoa

- (34) O João disse ao Rui que passou no exame.

Quem é que passou no exame?

A. o João B. o Rui C. uma outra pessoa

- (35) A Joana escreveu uma carta à Ana quando ela trabalhava no Brasil.

Quem é que trabalhava no Brasil?

A. a Joana B. a Ana C. uma outra pessoa

- (36) Cada aluno da turma do João disse que pode ganhar a corrida.

Quem é que pode ganhar a corrida?

A. cada aluno B. o João C. uma outra pessoa

- (37) Os colegas da Ana disseram que vão ajudar.

Quem é que os colegas da Ana vão ajudar?

A. os colegas B. a Ana C. uma outra pessoa

- (38) O Carlos, o João anunciou que vai estudar na Itália e o Rui também anunciou.

Quem é que o Rui anunciou que vai estudar na Itália?

A. O João B. O Rui C. O Carlos

- (39) O Rui abraçou o pai quando voltou para casa.

Quem é que voltou para casa?

A. o Rui B. o pai C. uma outra pessoa

- (40) A Laura estuda todas as noite até à meia noite e a Rita estuda até à 1h. A Laura diz que ela é boa estudante.

Na opinião da Laura, quem é que é boa estudante?

A. a Rita B. a Laura C. uma outra pessoa

- (41) O Joãozinho voltou ao jardim e o Paulinho também voltou ao jardim. O Joãozinho gritou quando atirou a bola.

Quem é que atirou a bola?

A. o Joãozinho B. o Paulinho C. uma outra pessoa

- (42) O João anunciou que vai estudar na Itália e o Rui também anunciou.

Quem é que o Rui anunciou que vai estudar na Itália?

A. o João B. o Rui C. uma outra pessoa

- (43) o Pedro come três gelados e o Rui come quatro. O Pedro disse que ele não deve comer tantos gelados.

Na opinião do Pedro, quem é que não deve comer tantos gelados?

A. o Rui B. o Pedro C. uma outra pessoa

- (44) A Laura estuda todas as noite até à meia noite e a Rita estuda até à 1h. A Laura diz que é boa estudante.

Na opinião da Laura, quem é que é boa estudante?

A. a Rita B. a Laura C. uma outra pessoa

- (45) O Tiago comprou um computador novo e o José também comprou um computador novo. O Tiago pensa que ele vai jogar muitos jogos no computador novo.

Na opinião do Tiago, quem é que vai jogar muitos jogos no computador novo?

A. o José B. o Tiago C. uma outra pessoa

(46) O Miguel, a Ana anunciou que vai escrever um livro no próximo ano e a Rita também anunciou.

Quem é que a Rita anunciou que vai escrever um livro no próximo ano.

A. a Ana B. a Rita C. o Miguel

Terceira Tarefa

Escolha entre A, B e C a(s) expressão(ões) adequada(s) para preencher o espaço em branco. Por favor escolha **TODAS** as expressões possíveis..

(1) O João saiu da empresa mais cedo do que habitual. _____.

A. O João, o João ficou feliz quando chegou a casa.

B. O João ficou feliz quando o João chegou a casa.

C. O João ficou feliz quando chegou a casa

(2) O Paulo estava a cozinhar em casa. O Pedro bateu à porta _____

A. O Pedro, o Paulo cortou um dedo quando bateu à porta.

B. O Paulo cortou um dedo quando o Pedro bateu à porta

C. O Paulo cortou um dedo quando bateu à porta

(3) O Diogo estava a fazer o trabalho. O trabalho era muito difícil.. _____

A. O Diogo estava aborrecido enquanto fazia.

B. O Diogo estava aborrecido enquanto fazia o trabalho.

C. O trabalho, o Diogo estava aborrecido enquanto fazia.

(4) A Laura está constipada hoje. _____

A. A Laura ficou aborrecida quando espirrou.

B. A Laura, a Laura ficou aborrecida quando espirrou.

C. A Laura ficou aborrecida quando a Laura espirrou.

(5) O João encontrou um amigo hoje. _____.

- A. O amigo que o João encontrou é do Porto
- B. O João, o amigo que encontrou é do Porto.
- C. O amigo que encontrou é do Porto.

(6) A Maria faz anos hoje. O João chegou a casa muito cedo. _____.

- A. O João, a Maria ficou feliz quando chegou a casa.
- B. A Maria ficou feliz quando chegou a casa.
- C. A Maria ficou feliz quando o João chegou a casa.

(7) O João encontrou um amigo hoje. _____

- A. A Rita conhece o amigo que encontrou.
- B. A Rita conhece o amigo que o João encontrou
- C. O João, a Rita conhece o amigo que encontrou.

(8) A mãe deu uma prenda à Marta. A Marta estava muito feliz. _____

- A. A mãe bateu as palmas quando a Marta abriu.
- B. A prenda, a mãe bateu as palmas quando a Marta abriu.
- C. A mãe bateu as palmas quando a Marta abriu a prenda.

(9) Alguém comprou um carro novo. _____

- A. A pessoa que comprou o carro é um jogador de futebol
- B. A pessoa que comprou é um jogador de futebol.
- C. O carro, a pessoa que comprou é um jogador de futebol.

(10) O Jorge ajudou um colega. _____

- A. O colega que ajudou é da China
- B. O Jorge, o colega que ajudou é da China
- C. O colega que o Jorge ajudou é da China.

(11) A Joana comprou um livro ontem. _____

A. A Paula gosta do livro que a Joana comprou

B. A Joana, a Paula gosta do livro que comprou

C. A Paula gosta do livro que comprou

(12) Um rapaz ganhou o grande prémio da lotaria. _____

A. A Filipa não conhece o rapaz que ganhou o prémio.

B. O prémio, a Filipa não conhece o rapaz que ganhou.

C. A Filipa não conhece o rapaz que ganhou.

Muito obrigado!!

Anexo IV As respostas individuais

Apresenta-se seguidamente as respostas individuais de cada informante para todas as tarefas do teste. Para facilitar a apresentação, todas as condições e itens, bem como as respostas, foram codificadas. Por isso, as tabelas com as respostas contêm também uma lista de codificações.³⁸

1. Grupo de controlo

1.1 Grupo de controlo: itens da primeira parte

1.1.1 Itens na terceira tarefa

Lista das codificações:

Na parte da codificação das condições:

Con = condição, Dis = distractor, NPC = NP complexo, Adv = adjunta adverbial, Psu = na posição de sujeito, Pob = na posição de objecto, CoR = com co-referência, Dij = com referência disjunta, Obj = com objecto nulo

Exemplo: Con1 NPC Psu (5) = Condição 1, NP complexo na posição de sujeito, com número de item de (5), Con3 Adv CoR (4) = Condição 3, Adjunta adverbial com co-referência entre o sujeito de matriz e o sujeito nulo na ilha, com número de item de (4)

Na parte da codificação das respostas:

suN = Frase com sujeito nulo, suR = Frase com sujeito realizado, top = Frase com topicalização do sujeito ou objecto na frase encaixada, obN = Frase com objecto nulo, obR = Frase com objecto realizado

Tabela 33 Respostas individuais do grupo de controlo nas condições da primeira parte do teste (itens da terceira tarefa)

	Con1 NPC Psu (5)	Con1 NPC Psu (10)	Con 2 NPC Pob (7)	Con2 NPC Pob (11)	Con3 Adv CoR (1)	Con3 Adv CoR (4)	Con4 Adv Dij (6)	Con4 Adv Dij (2)
--	---------------------	----------------------	----------------------	----------------------	---------------------	---------------------	---------------------	---------------------

³⁸ Os quadrados em branco significam que o informante não fez nenhuma opção neste item.

Por1	suN suR	suN suR	suN suR	suR	suN	suN	suR	suR
Por2	suN suR	suR	suR	suR	suN	suN	suR	suR
Por3	suN suR	suN suR	suR	suR	suN	suN	suR	suR
Por4	suN suR	suN suR	suR	suR	suN	suN	suR	suR
Por5	suR	suR	suR	suR	suN	suN	suR	suN
Por6	suR	suR	suN	suR	suN	suN	suR	suR
Por7	suR	suR	suR	suR	suN	suN	suR	suR
Por8	suN suR top	suN suR	suR	suR	suN	suN	suR	suR
Por9	suR	suN suR	suR	suR	suN	suN	suR	suR
Por10	suR	suR	suR	suR	suN	suN	suR	suR
Por11	suN suR	suN suR	suR	suR	suN	suN	suR	suR
Por12	suN	suN suR	suR	suR	suN	suN	suR	suR
Por13	suN suR	suN suR	suR	suR	suN	suN	suR	suR
Por14	suN	suN	suR	suR	suN	suN	suR	suR

Continuação da Tabela 33

	Dis1 NPC Obj (9)	Dis1 NPC Obj (12)	Dis2 Adv Obj (8)	Dis2 Adv Obj (3)
Por1	obR	obN obR	obR	obR top
Por2	obR	obN obR	obR	obR
Por3	obN obR	obN obR	obR	obN obR
Por4	obR	obN obR	obR	obR top
Por5	obR	obR	obR	obN
Por6	obR	obR	obR	obR
Por7	obR	obR	obR	obR
Por8	obN obR	obN obR	obR	obR top
Por9	obR	obN obR	obR	obR
Por10	obR	obR	obR	obR
Por11	obR	obR	obR	obR
Por12	obR	obR	obR	obN obR
Por13	obN obR	obN obR	obN obR	obN
Por14	obR	obR	obN	obR

1.1.2 Itens na segunda tarefa

Lista das codificações:

Na parte da codificação das condições:

Con = condição, Imp = leitura imprecisa, Top = com topicalização, Rep = leitura repartida

Exemplo:

Con5 Imp (1) = Condição 5, Leitura estrita e imprecisa em frases completivas elípticas

(no segundo termo da coordenação), com número de item de (1)

Na parte da codificação das respostas:

est = leitura estrita, slo = leitura imprecisa (*sloppy*), suM = leitura em que a categoria vazia no segundo termo da coordenação se refere ao sujeito da matriz no primeiro termo da coordenação, otr = leitura em que a categoria vazia no segundo termo da coordenação se refere a uma outra pessoa, suj = antecedente na posição de sujeito, obj = antecedente na posição de objecto, spl = antecedente repartido (*split*)

Tabela 34 Respostas individuais do grupo de controlo nas condições da primeira parte do teste (itens da segunda tarefa)

	Con5 Imp (1)	Con5 Imp (42)	Sub 5 Imp Top (46)	Sub 5 Imp Top (38)	Con6 Rep (22)	Con6 Rep (11)
Por1	est	est	est	est	spl	suj
Por2	est	est	slo	suM	spl	spl
Por3	est slo	est slo	est	est	spl	suj
Por4	est	slo	est	est	spl	spl
Por5	est	est	est	est	spl	suj
Por6	est	slo	est	est	spl	spl
Por7	slo	slo	est	est slo	spl	suj
Por8	est	est	est	est	spl	suj obj
Por9	est slo	est	est	est	spl	suj
Por10	est	est slo	est	est suM	spl	suj
Por11	slo	slo	slo	slo	spl	suj
Por12	est	est	est	est	spl	obj
Por13	est slo	est slo	est slo	est	suj obj	suj
Por14		slo	est	est	spl	spl

1.2 Grupo de controlo: itens na segunda parte do teste

1.2.1 Itens na primeira tarefa

Lista das codificações:

Na parte da codificação das condições:

Con = condição, Sub = subcondição, Com = completiva, Adv = adjunta adverbial, SuN = sujeito nulo, SuR = sujeito realizado Ant = antecedente, VP = verbo pleno, VS = verbo

ser

Exemplo: Con1 Com SuN 1 Ant VP (5) = Condição 1 Frase completiva com sujeito omitido e um antecedente referido no discurso (verbo pleno), com número de item de (5)

Na parte da codificação das respostas:

sujeito = antecedente na posição de sujeito, dis = antecedente no discurso

Tabela 35 Respostas individuais do grupo de controlo nas condições da segunda parte do teste (itens da primeira tarefa)

	Con1 Com SuN 1 Ant VP (5)	Con1 Com SuN 1 Ant VP (14)	Con2 Com SuN 1 Ant VS (2)	Con2 Com SuN 1 Ant VS (6)	Con3 Adv SuN 1 Ant VP (13)	Con3 Adv SuN 1 Ant VP (4)
Por1	sujeito	sujeito	sujeito	sujeito	sujeito	sujeito
Por2	sujeito	sujeito	sujeito	sujeito	sujeito	sujeito
Por3	sujeito	sujeito	sujeito	sujeito	sujeito	sujeito
Por4	sujeito	sujeito	sujeito	sujeito	sujeito	sujeito
Por5	sujeito	sujeito	sujeito	sujeito	sujeito	sujeito
Por6	sujeito	sujeito	sujeito	sujeito	sujeito	sujeito
Por7	sujeito	sujeito	sujeito	sujeito	sujeito	sujeito
Por8	sujeito	sujeito	sujeito	sujeito	sujeito	sujeito
Por9	sujeito	sujeito	sujeito	sujeito	sujeito	sujeito
Por10	sujeito	sujeito	sujeito	sujeito	sujeito	sujeito
Por11	sujeito	sujeito	sujeito	sujeito	sujeito	sujeito
Por12	sujeito	sujeito	sujeito	sujeito	sujeito	sujeito
Por13	sujeito	sujeito	sujeito	sujeito	sujeito	sujeito
Por14	sujeito	sujeito	sujeito dis	sujeito	sujeito	sujeito

Continuação da Tabela 35

	Sub1 Com SuR 1 Ant VP (16)	Sub1 Com SuR 1 Ant VP (11)	Sub2 Com SuR 1 Ant VS (8)	Sub2 Com SuR 1 Ant VS (1)	Sub3 Adv SuR 1 Ant VP (9)	Sub3 Adv SuR 1 Ant VP (15)
Por1	dis	dis	dis	dis	sujeito	dis
Por2	dis	dis	dis	dis	dis	dis
Por3	dis	dis	dis	dis	dis	dis
Por4	dis	dis	dis	dis	dis	dis
Por5	dis	dis	dis	sujeito	dis	dis
Por6	dis	dis	dis	sujeito	sujeito	sujeito
Por7	dis	dis	dis	sujeito	sujeito	sujeito
Por8	dis	dis	dis	dis	dis	dis
Por9	dis	dis	dis	sujeito	sujeito	dis

Por10	dis	dis	dis	sujeito	sujeito	dis
Por11	dis	dis	dis	dis	sujeito dis	dis
Por12	dis	sujeito	sujeito	sujeito	sujeito	sujeito
Por13	dis	dis	dis	dis	sujeito	sujeito
Por14	sujeito	sujeito	sujeito	sujeito	sujeito	sujeito

1.2.2 Itens na segunda tarefa

Lista das codificações:

Na parte da codificação das condições:

Con = condição, Sub = subcondição Com = completiva, Adv = adjunta adverbial, SuN = sujeito nulo, SuR = sujeito realizado, Ant = antecedente, VP = verbo pleno, SuSu = ambos na posição de sujeito, SuOb = um na posição de sujeito e outro na posição de verbo, Quan = quantificador

Exemplo:

Con1 Com SuN 2 Ant VP SuSu (17) = Condição 1 Frase completiva de sujeito omitido com dois antecedentes referidos no discurso ambos na posição de sujeito (com verbo pleno), com número de item de (17)

Na parte das respostas:

sujeito = antecedente na posição de sujeito (matriz), sfa = na posição de sujeito da frase anterior, obj = antecedente na posição de objecto, dis = antecedente no discurso, pp = antecedente PP no quantificador

Tabela 36 Respostas individuais do grupo de controlo nas condições da segunda parte do teste (itens da segunda tarefa)

	Con1 Com SuN 2 Ant VP SuSu (17)	Con1 Com SuN 2 Ant VP SuSu (5)	Con2 Com SuN 2 Ant VS SuSu (44)	Con2 Com SuN 2 Ant VS SuSu (16)	Con3 Adv SuN 2 Ant VP SuSu (6)	Con3 Adv SuN 2 Ant VP SuSu (41)	Con4 Com SuN 2 Ant VP SuOb (34)	Con4 Com SuN 2 Ant VP SuOb (26)
Por1	sfa	sujeito	sujeito	sujeito	sujeito	sujeito	sujeito	sujeito
Por2	sujeito	sujeito	sujeito	sujeito	sujeito	sujeito	sujeito	sujeito
Por3	sujeito sfa	sujeito	sujeito sfa	sujeito sfa	sujeito	sujeito	sujeito	sujeito
Por4	sujeito	sujeito	sujeito	sujeito	sujeito	sujeito	sujeito	sujeito
Por5	sfa	sujeito	sujeito	sujeito	sujeito	sujeito	sujeito	sujeito

Anexos

Por6	sfa	suj	suj	suj	suj	suj	suj	suj
Por7	suj	suj	suj	suj	suj	suj	suj	suj
Por8	suj	suj	suj	suj	suj	suj	suj	suj
Por9	suj sfa	suj	suj	suj	suj	suj	suj	suj
Por10	suj sfa	suj	suj	suj	suj	suj	suj	suj
Por11	sfa	suj	suj	suj	suj	suj	obj	obj
Por12	suj	suj	sfa	suj	suj	suj	suj	suj obj
Por13	suj	suj	suj	suj	suj	suj	suj	suj
Por14	suj sfa	suj	suj	suj	suj	suj	suj	suj obj

Continuação da Tabela 36

	Con 5 Com SuN 2 Ant VS SuOb (24)	Con 5 Com SuN 2 Ant VS SuOb (19)	Con 6 Adv SuN 2 Ant VP SuOb (27)	Con 6 Adv SuN 2 Ant VP SuOb (39)	Con 7 Com SuN 2 Ant VP Quan (36)	Con 7 Com SuN 2 Ant VP Quan (12)
Por1	suj	suj	suj	suj	suj	suj
Por2	suj	suj	suj	obj	suj	suj
Por3	suj	suj	suj	suj	suj	suj
Por4	suj	obj	suj	suj	suj	suj
Por5	suj	obj	suj	suj	suj	suj
Por6	suj	suj	suj	suj	suj	suj
Por7	suj	obj	suj	suj	suj	suj
Por8	suj	suj	suj obj	suj	suj	suj
Por9	suj	suj	suj	suj	suj	suj
Por10	suj	obj	suj	suj	suj	suj
Por11	suj	suj	suj	suj	suj	suj
Por12	suj	suj obj	obj	suj obj	suj	suj
Por13	suj	suj	suj	suj	suj	suj
Por14	suj obj	suj	suj	suj	suj	suj

Continuação da Tabela 36

	Sub1 Com SuR 2 Ant VP SuSu (43)	Sub1 Com SuR 2 Ant VP SuSu (45)	Sub2 Com SuR 2 Ant VS SuSu (40)	Sub2 Com SuR 2 Ant VS SuSu (33)	Sub3 Adv SuR 2 Ant VP SuSu (32)	Sub3 Adv SuR 2 Ant VP SuSu (8)	Sub4 Com SuR 2 Ant VP SuOb (4)	Sub4 Com SuR 2 Ant VP SuOb (15)
Por1	sfa	sfa	sfa	sfa	sfa	sfa	obj	obj
Por2	sfa	sfa	sfa	sfa	sfa	sfa	suj obj	suj obj
Por3	suj sfa	suj sfa	suj sfa	sfa	suj sfa	sfa	suj obj	suj obj dis
Por4	sfa	sfa	sfa	sfa	sfa	suj	obj	obj
Por5	sfa	sfa	sfa	sfa	sfa	sfa	dis	suj
Por6	sfa	sfa	sfa	suj	sfa	sfa	suj	obj

Por7	sfa	sfa	sfa	sfa	suje	sfa	obj	obj
Por8	sfa	sfa	sfa	sfa	sfa	sfa	obj dis	obj
Por9	sfa	sfa	sfa	sfa	sfa	sfa	suje obj	suje
Por10	sfa	sfa	dis	sfa	sfa	sfa	obj	obj
Por11	suje	sfa	sfa	sfa	sfa	sfa	suje obj	suje
Por12	sfa	suje	sfa	sfa	suje	sfa	obj	suje obj
Por13	sfa	suje sfa	sfa	suje sfa	suje	sfa	suje obj	suje obj
Por14	sfa	sfa	suje sfa	suje	sfa	suje sfa	suje obj	suje obj

Continuação da Tabela 36

	Sub 5 Com SuR 2 Ant VS SuOb (31)	Sub 5 Com SuR 2 Ant VS SuOb (13)	Sub 6 Adv SuR 2 Ant VP SuOb (35)	Sub 6 Adv SuR 2 Ant VP SuOb (3)	Sub 7 Com SuR 2 Ant VP Quan (29)	Sub 7 Com SuR 2 Ant VP Quan (29)
Por1	obj	obj	obj	obj	pp	pp
Por2	obj	obj	obj	suje obj	pp	pp
Por3	suje obj dis	suje obj dis	obj	obj	pp	pp dis
Por4	obj	obj	obj	obj	pp	pp
Por5	suje	obj	obj	obj	dis	pp
Por6	obj	obj	obj	obj	pp	pp
Por7	suje	obj	obj	obj	pp	pp
Por8	obj	suje obj dis	obj	obj	pp	pp
Por9	suje	suje	obj	obj	pp	pp
Por10	obj	obj	obj	obj	pp	suje pp
Por11	suje obj	obj	obj	obj	pp	pp
Por12	suje	suje obj	suje	dis	pp	pp
Por13	suje obj	suje obj	suje obj	suje obj	suje pp	pp
Por14	suje obj	suje obj	obj	obj	pp	pp

2. Grupo intermédio

2.1 Grupo intermédio: itens da primeira parte

2.1.1 Itens na terceira tarefa

Lista das codificações:

Na parte da codificação das condições:

Con = condição, Dis = distrador, NPC = NP complexo, Adv = adjunta adverbial, Psu = na posição de sujeito, Pob = na posição de objecto, CoR = com co-referência, Dij = com referência disjunta, Obj = com objecto nulo

Na parte da codificação das respostas:

suN = Frase com sujeito nulo, suR = Frase com sujeito realizado, top = Frase com topicalização do sujeito ou objecto na frase encaixada, obN = Frase com objecto nulo, obR = Frase com objecto realizado

Tabela 37 Respostas individuais do grupo intermédio nas condições da primeira parte do teste (itens da terceira tarefa)

	Con1 NPC Psu (5)	Con1 NPC Psu (10)	Con 2 NPC Pob (7)	Con2 NPC Pob (11)	Con3 Adv CoR (1)	Con3 Adv CoR (4)	Con4 Adv Dij (6)	Con4 Adv Dij (2)
Int1	suN	suR	suR	suR	suN	suN	suR	suN
Int2	suN	top	suR	top	suN	suN	suR	suR
Int3	top	suR	suN	suR	suR	suN	suR	top
Int4	suR	suR	suR	suR	suN	suN	suR	suR
Int5	suN	suN suR	suN	suN suR	suN suR	top	suR	suR
Int6	suR	top	suR	suR	top	suR	suN	top
Int7	suN	suR	suR	suR	suN	suN	suR	suR
Int8	suR	suR	suR	suR	suN	suN	suR	suR
Int9	top	suR	suR	suR	suN	suN	suR	suN
Int10	suR	top	suR	suN	suR	top	suR	suN
Int11	suR	suR	suR	suR	suN	suN	suR	suN
Int12	suN suR	suR	suR	suR	suN	suN	suR	suN
Int13	suR	suR	suR	top	top	top	suN	suR
Int14	suR	suR	suR	suR	suN	suN	suR	suR top

Continuação da Tabela 37

	Dis1 NPC Obj (9)	Dis1 NPC Obj (12)	Dis2 Adv Obj (8)	Dis2 Adv Obj (3)
Int1	obR	obR	obR	obR
Int2	obN	obN	top	top
Int3	obN	obN	obN	top
Int4	obR	obR	obR	top
Int5	obN	top	top	obN
Int6	obR	obN	obR	obR
Int7	obR	obR	obR	obR
Int8	obR	obR	top	obR

Int9	obR	obR	obR	obR
Int10	top	obN	obN	obR
Int11	obR	obR	obR	obR
Int12	obR	obR	obR top	obN
Int13	obN	obR	obN	top
Int14	obR	obR	obR	obR

2.1.2 Itens na segunda tarefa

Lista das codificações:

Na parte da codificação das condições:

Con = condição, Imp = leitura imprecisa, Top = com topicalização, Rep = leitura repartida

Na parte da codificação das respostas:

est = leitura estrita, slo = leitura imprecisa (*sloppy*), suM = leitura em que a categoria vazia no segundo termo da coordenação se refere ao sujeito da matriz no primeiro termo da coordenação, otr = leitura em que a categoria vazia no segundo termo da coordenação se refere a uma outra pessoa, suj = antecedente na posição de sujeito, obj = antecedente na posição de objecto, spl = antecedente repartido (*split*)

Tabela 38 Respostas individuais do grupo intermédio nas condições da primeira parte do teste (itens da segunda tarefa)

	Con5 Imp (1)	Con5 Imp (42)	Sub 5 Imp Top (46)	Sub 5 Imp Top (38)	Con6 Rep (22)	Con6 Rep (11)
Int1	est	est	est	est	obj	suj
Int2	est	est	est	est	suj obj spl	suj obj spl
Int3	otr	slo	est		suj spl	suj spl
Int4	slo	slo	est	est	spl	obj
Int5	est otr	slo	slo	slo	spl	spl
Int6	slo	otr	est		obj	spl
Int7	slo	slo	slo	slo	suj	
Int8	est slo	est	suM	suM	spl	spl
Int9	est	est	est	est	obj	obj
Int10	slo	slo	suM	est	obj	suj
Int11	slo	slo	slo	est	spl	spl
Int12		slo	est	slo	spl	spl
Int13	otr	est	est	slo	suj	spl

Int14	est slo	est	suM	suM	spl	spl
-------	---------	-----	-----	-----	-----	-----

2.2 Grupo intermédio: itens da segunda parte

2.2.1 Itens na primeira tarefa

Lista das codificações:

Na parte da codificação das condições:

Con = condição, Sub = subcondição, Com = completiva, Adv = adjunta adverbial, SuN = sujeito nulo, SuR = sujeito realizado, Ant = antecedente, VP = verbo pleno, VS = verbo *ser*

Na parte da codificação das respostas:

suJ = antecedente na posição de sujeito, dis = antecedente no discurso

Tabela 39 Respostas individuais do grupo intermédio nas condições da segunda parte do teste (itens da primeira tarefa)

	Con1 Com SuN 1 Ant VP (5)	Con1 Com SuN 1 Ant VP (14)	Con2 Com SuN 1 Ant VS (2)	Con2 Com SuN 1 Ant VS (6)	Con3 Adv SuN 1 Ant VP (13)	Con3 Adv SuN 1 Ant VP (4)
Int1	suJ dis	suJ dis	suJ	suJ dis	suJ	suJ
Int2	suJ	suJ	dis	suJ	suJ	suJ
Int3	suJ dis	suJ dis	suJ dis	suJ dis	suJ	suJ
Int4	suJ	suJ dis	suJ	suJ	suJ	suJ
Int5	suJ	suJ	suJ	suJ	dis	suJ
Int6	suJ	suJ	suJ	suJ	suJ	suJ
Int7	suJ dis	suJ	suJ dis	suJ dis	suJ	suJ
Int8	dis	suJ	dis	dis	suJ	suJ
Int9	suJ	suJ	suJ	suJ	suJ	suJ
Int10	suJ	suJ	suJ	suJ	suJ	suJ
Int11	suJ dis	dis	dis	dis	suJ	suJ
Int12	suJ	suJ	suJ	suJ dis	suJ	suJ
Int13	dis	suJ	suJ	suJ	dis	suJ
Int14	suJ	suJ	dis	dis	suJ	suJ

Continuação da Tabela 39

	Sub1 Com SuR 1 Ant	Sub1 Com SuR 1 Ant	Sub2 Com SuR 1 Ant	Sub2 Com SuR 1 Ant	Sub3 Adv SuR 1 Ant	Sub3 Adv SuR 1 Ant
--	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------

	VP (16)	VP (11)	VS (8)	VS (1)	VP (9)	VP (15)
Int1	sujeito	sujeito	sujeito	sujeito	sujeito	sujeito
Int2	discurso	discurso	discurso	sujeito	sujeito	sujeito
Int3	sujeito	sujeito	sujeito	sujeito	sujeito	sujeito
Int4	sujeito	sujeito	sujeito	sujeito	sujeito	sujeito
Int5	sujeito	sujeito	sujeito	sujeito	discurso	discurso
Int6	sujeito	sujeito	sujeito	sujeito	sujeito	sujeito
Int7	sujeito	sujeito	sujeito	sujeito	sujeito	sujeito
Int8	sujeito	sujeito	discurso	sujeito	sujeito	discurso
Int9	discurso	discurso	discurso	discurso	sujeito	discurso
Int10	discurso	discurso	discurso	discurso	discurso	discurso
Int11	sujeito	sujeito	sujeito	sujeito	sujeito	sujeito
Int12	sujeito	sujeito	sujeito	sujeito	sujeito	sujeito
Int13	discurso	discurso	sujeito	sujeito	sujeito	discurso
Int14	sujeito	sujeito	sujeito	sujeito	sujeito	sujeito

2.2.2 Itens na segunda tarefa

Lista das codificações:

Na parte da codificação das condições:

Con = condição, Sub = subcondição, Com = completiva, Adv = adjunta adverbial, SuN = sujeito nulo, SuR = sujeito realizado, Ant = antecedente, VP = verbo pleno, SuSu = ambos na posição de sujeito, SuOb = um na posição de sujeito e outro na posição de verbo, Quan = quantificador

Na parte das respostas:

sujeito = antecedente na posição de sujeito (matriz), sfa = na posição de sujeito da frase anterior, obj = antecedente na posição de objecto, dis = antecedente no discurso, pp = antecedente PP no quantificador

Tabela 40 Respostas individuais do grupo intermédio nas condições da segunda parte do teste (itens da segunda tarefa)

	Con1 Com SuN 2 Ant VP SuSu (17)	Con1 Com SuN 2 Ant VP SuSu (5)	Con2 Com SuN 2 Ant VS SuSu (44)	Con2 Com SuN 2 Ant VS SuSu (16)	Con3 Adv SuN 2 Ant VP SuSu (6)	Con3 Adv SuN 2 Ant VP SuSu (41)	Con4 Com SuN 2 Ant VP SuOb (34)	Con4 Com SuN 2 Ant VP SuOb (26)
--	--	--------------------------------------	--	--	--------------------------------------	---------------------------------------	--	--

Int1	sfa	sfa	sfa	suje sfa	suje	sfa	suje	obj
Int2	suje	suje sfa	suje	suje	suje sfa	suje	obj	suje obj
Int3	suje	suje sfa	sfa	dis	suje	dis	dis	suje obj dis
Int4	sfa	suje	sfa	suje	suje	suje	obj	suje obj
Int5		dis	sfa	dis	suje sfa	suje	suje	obj
Int6	sfa	suje	dis	dis	suje	sfa	dis	obj
Int7	suje sfa	suje	sfa	suje sfa	suje	sfa	suje obj	suje obj
Int8		suje	suje	dis	suje	suje	suje	dis
Int9	sfa	suje	suje	suje	suje	suje	suje	suje
Int10	sfa	sfa	sfa	suje	sfa	sfa	dis	dis
Int11	suje sfa dis	suje sfa	sfa	dis	suje	suje	suje	suje obj dis
Int12	suje	suje	suje	suje	suje	suje	suje	suje
Int13	dis	sfa	suje	suje	dis	sfa	obj	obj
Int14	suje	suje	suje	dis	suje	suje	obj	suje

Continuação da Tabela 40

	Con 5 Com SuN 2 Ant VS SuOb (24)	Con 5 Com SuN 2 Ant VS SuOb (19)	Con 6 Adv SuN 2 Ant VP SuOb (27)	Con 6 Adv SuN 2 Ant VP SuOb (39)	Con 7 Com SuN 2 Ant VP Quan (36)	Con 7 Com SuN 2 Ant VP Quan (12)
Int1	suje	obj	suje obj	suje	pp dis	pp
Int2	suje obj	obj	obj	obj	pp	suje
Int3	suje dis	suje dis	suje obj	obj	pp	suje
Int4	suje	suje obj	suje	suje	pp	pp
Int5	obj	obj	dis	suje	pp	pp
Int6	suje	obj	obj	suje	dis	suje
Int7	suje dis	suje obj	suje	suje	pp dis	
Int8	suje	dis	suje	suje	pp	suje
Int9	suje	obj	suje	suje	pp	suje
Int10	obj	dis	obj	dis	pp	dis
Int11	suje dis	suje obj dis	suje	suje	pp	suje
Int12	suje	suje	suje	suje	suje	suje pp
Int13	obj	obj	suje	suje	dis	pp
Int14	suje	obj	suje	suje	pp	suje

Continuação da Tabela 40

	Sub1 Com SuR 2 Ant VP SuSu (43)	Sub1 Com SuR 2 Ant VP SuSu (45)	Sub2 Com SuR 2 Ant VS SuSu (40)	Sub2 Com SuR 2 Ant VS SuSu (33)	Sub3 Adv SuR 2 Ant VP SuSu (32)	Sub3 Adv SuR 2 Ant VP SuSu (8)	Sub4 Com SuR 2 Ant VP SuOb (4)	Sub4 Com SuR 2 Ant VP SuOb (15)
--	--	--	--	--	--	--------------------------------------	--------------------------------------	--

Int1	sfa	sfa	sfa	suje sfa	suje	sfa	suje obj	suje obj dis
Int2	sfa	sfa	sfa	sfa	suje	sfa	obj dis	suje obj dis
Int3	suje	suje	suje	suje	suje	suje	suje	suje dis
Int4	sfa	suje	sfa	suje	suje	suje	suje	suje obj
Int5	dis	suje	dis	dis	sfa	sfa	obj	suje
Int6	sfa	sfa	dis	suje	suje	sfa	obj	suje obj dis
Int7	suje	suje	sfa	suje sfa	suje	sfa	suje obj	suje obj
Int8	dis	suje	sfa	sfa	suje	suje	obj	obj
Int9	sfa	sfa	sfa	sfa	dis	suje	suje	suje
Int10	suje	dis	dis	dis	suje	suje	obj	dis
Int11	sfa	suje	sfa	sfa	suje	sfa	suje obj	suje obj dis
Int12	sfa	sfa	sfa	suje	suje	sfa	suje obj	suje obj
Int13	dis	suje	suje	dis	sfa	suje	obj	obj
Int14	sfa	suje	sfa	sfa	suje	suje	obj	suje

Continuação da Tabela 40

	Sub 5 Com SuR 2 Ant VS SuOb (31)	Sub 5 Com SuR 2 Ant VS SuOb (13)	Sub 6 Adv SuR 2 Ant VP SuOb (35)	Sub 6 Adv SuR 2 Ant VP SuOb (3)	Sub 7 Com SuR 2 Ant VP Quan (29)	Sub 7 Com SuR 2 Ant VP Quan (29)
Int1	suje	obj	suje obj	suje	pp	pp
Int2	suje dis	dis	suje dis	obj	dis	suje dis
Int3	suje	suje	obj	obj	pp	suje
Int4	suje	suje obj	suje	suje	pp	pp
Int5	dis	obj	dis	suje dis	pp	suje
Int6	dis	suje	obj	obj	pp	suje
Int7	suje obj	suje obj	suje obj	suje	pp	pp
Int8	suje	obj	suje	suje	pp	pp
Int9	dis	suje	obj	obj	pp	dis
Int10	suje	obj	obj	dis	dis	suje
Int11	obj	suje obj dis	suje obj	suje	pp	pp
Int12	suje	suje	obj	suje obj	pp	pp
Int13	suje	obj	obj	dis	pp	pp
Int14	suje	obj	suje	suje	pp	pp

3. Grupo avançado

3.1 Grupo avançado: itens da primeira parte

3.1.1 Itens na terceira tarefa

Lista das codificações:

Na parte da codificação das condições:

Con = condição, Dis = distrador, NPC = NP complexo, Adv = adjunta adverbial, Psu = na posição de sujeito, Pob = na posição de objecto, CoR = com co-referência, Dij = com referência disjunta, Obj = com objecto nulo

Na parte da codificação das respostas:

suN = Frase com sujeito nulo, suR = Frase com sujeito realizado, top = Frase com topicalização do sujeito ou objecto na frase encaixada, obN = Frase com objecto nulo, obR = Frase com objecto realizado

Tabela 41 Respostas individuais do grupo avançado nas condições da primeira parte do teste (itens da terceira tarefa)

	Con1 NPC Psu (5)	Con1 NPC Psu (10)	Con 2 NPC Pob (7)	Con2 NPC Pob (11)	Con3 Adv CoR (1)	Con3 Adv CoR (4)	Con4 Adv Dij (6)	Con4 Adv Dij (2)
Ipl1	suR	suR	suR	suR	suN	suN	suR	suR
Ipl2	suN suR	suR	suN suR	suR	suN suR	suN suR	suR	suN suR
Ipl3	suN suR	suR	suR	suR	suN	suN	suR	suR
Ipl4	suR	suR	suR	suR	suR	top	suN suR	suR
Ipl5	suR	suR	suR	suR	suN	suN	suR	suR
Ava1	suN suR	suN suR	suN suR	suN suR	suN	suN	suN suR top	suR
Ava2	suN suR	suN suR	suR	suN suR	suN	suN	suN suR	suR
Ava3	suN	suN	suN	suN	suN	suN	suR	suR
Ava4	suR top	suR top	suR top	suR top	suN	suN	suR	suR
Ava5	suR	suR	suR top	suR	suN suR	suN suR	suR	suN
Ava6	top	suR	top	suR	suN suR top	suN suR	suR top	suN suR
Ava7	suN	suN suR	suN suR	suN suR	suN	suN	suN	suN
Ava8	suN	suN	suR	suN	suN	suN	suR	suR
Ava9	suN	suR	suR	suN suR	suN suR	suN suR	suR	suR

Continuação da Tabela 41

	Dis1 NPC Obj (9)	Dis1 NPC Obj (12)	Dis2 Adv Obj (8)	Dis2 Adv Obj (3)
Ipl1	obR	obN	obR	obR
Ipl2	obN obR	obN obR	obN obR	obN obR

Ipl3	obN obR	obR	obR	obN obR
Ipl4	top	obN obR top	obR	obR
Ipl5	obR	obR	obR	top
Ava1	obN obR	obN obR	obN obR	obR
Ava2	obN obR	obN obR	obN obR	obN obR
Ava3	obN	obR	obN	obR
Ava4	obR top	obN	obR top	obN top
Ava5	obR top	obR	obR	obR
Ava6	obR	obN	obN obR	obR top
Ava7	obN obR	obN obR	obN obR	obN
Ava8	obN	obN	obR	obN
Ava9		obN		obR

3.1.2 Itens na segunda tarefa

Lista das codificações:

Na parte da codificação das condições:

Con = condição, Imp = leitura imprecisa, Top = com topicalização, Rep = leitura repartida

Na parte da codificação das respostas:

est = leitura estrita, slo = leitura imprecisa (*sloppy*), suM = leitura em que a categoria vazia no segundo termo da coordenação se refere ao sujeito da matriz no primeiro termo da coordenação, otr = leitura em que a categoria vazia no segundo termo da coordenação se refere a uma outra pessoa, suj = antecedente na posição de sujeito, obj = antecedente na posição de objecto, spl = antecedente repartido (*split*)

Tabela 42 Respostas individuais do grupo avançado nas condições da primeira parte do teste (itens da segunda tarefa)

	Con5 Imp (1)	Con5 Imp (42)	Sub 5 Imp Top (46)	Sub 5 Imp Top (38)	Con6 Rep (22)	Con6 Rep (11)
Ipl1	slo	slo	est	est	spl	obj
Ipl2	est slo	est slo	est	est	spl	obj
Ipl3	est slo	est slo	est	est slo	obj spl	spl
Ipl4	est slo	est	est	est	spl	spl
Ipl5	est	est	slo	slo	obj spl	obj spl
Ava1	est slo	est slo	est	est	spl	obj

Ava2	est slo	slo	est slo	slo suM	suJ obj spl	suJ obj spl
Ava3	otr	est	est	est	spl	spl
Ava4	est slo	est slo	slo suM	est	spl	suJ obj
Ava5	est slo otr	slo	est	est	spl	spl
Ava6	est	otr	est	est	spl	
Ava7	est slo	est slo	est	est	spl	spl
Ava8	est	est	suM	suM	spl	obj
Ava9	est	est	suM	suM	suJ	suJ

3.2 Grupo avançado: itens da segunda parte

3.2.1 Itens na primeira tarefa

Lista das codificações:

Na parte da codificação das condições:

Con = condição, Sub = subcondição, Com = completiva, Adv = adjunta adverbial, SuN = sujeito nulo, SuR = sujeito realizado, Ant = antecedente, VP = verbo pleno, VS = verbo *ser*

Na parte da codificação das respostas:

suJ = antecedente na posição de sujeito, dis = antecedente no discurso

Tabela 43 Respostas individuais do grupo avançado nas condições da segunda parte do teste (itens da primeira tarefa)

	Con1 Com SuN 1 Ant VP (5)	Con1 Com SuN 1 Ant VP (14)	Con2 Com SuN 1 Ant VS (2)	Con2 Com SuN 1 Ant VS (6)	Con3 Adv SuN 1 Ant VP (13)	Con3 Adv SuN 1 Ant VP (4)
Ipl1	suJ	dis	dis	dis	suJ	suJ
Ipl2	suJ	suJ	suJ	suJ	suJ	suJ
Ipl3	dis	suJ	dis	dis	suJ	suJ
Ipl4	suJ	suJ	suJ	suJ	suJ	suJ
Ipl5	suJ	suJ	suJ dis	suJ	suJ	suJ
Ava1	suJ	suJ	suJ	suJ	suJ	suJ
Ava2	suJ	suJ	suJ	suJ	suJ	suJ
Ava3	suJ	suJ	suJ	suJ	suJ	suJ
Ava4	suJ	suJ	suJ	suJ	suJ	suJ
Ava5	suJ dis	suJ dis	suJ dis	suJ dis	suJ	suJ

Ava6	su	su	su	su	su	su
Ava7	su	su	su	su	su	su
Ava8	su	su	su	su	su	su
Ava9	su	su	su	su	su	su

Continuação da Tabela 43

	Sub1 Com SuR 1 Ant VP (16)	Sub1 Com SuR 1 Ant VP (11)	Sub2 Com SuR 1 Ant VS (8)	Sub2 Com SuR 1 Ant VS (1)	Sub3 Adv SuR 1 Ant VP (9)	Sub3 Adv SuR 1 Ant VP (15)
Ipl1	su	su	su	su	su	su
Ipl2	su	su	su	su	su	su
Ipl3	dis	su dis	dis	dis	su	su
Ipl4	dis	dis	dis	dis	dis	dis
Ipl5	su	su	dis	su dis	su	su dis
Ava1	su dis	su dis	su dis	su dis	su dis	su dis
Ava2	su dis	su dis	su dis	su	su dis	su dis
Ava3	su dis	su dis	su dis	su dis	su	su
Ava4	su dis	su dis	su dis	su dis	su dis	su dis
Ava5	su dis	su dis	su dis	su dis	su	su
Ava6	su	su	su	su	su	su
Ava7	su	su	su	su	su	su
Ava8	su	dis	su	dis	su	su
Ava9	dis	dis	dis	dis	dis	dis

3.2.2 Itens na segunda tarefa

Lista das codificações:

Na parte da codificação das condições:

Con = condição, Sub = subcondição, Com = completiva, Adv = adjunta adverbial, SuN = sujeito nulo, SuR = sujeito realizado, Ant = antecedente, VP = verbo pleno, SuSu = ambos na posição de sujeito, SuOb = um na posição de sujeito e outro na posição de verbo, Quan = quantificador

Na parte das respostas:

su = antecedente na posição de sujeito (matriz), sfa = na posição de sujeito da frase anterior, obj = antecedente na posição de objecto, dis = antecedente no discurso, pp = antecedente PP no quantificador

Tabela 44 Respostas individuais do grupo avançado nas condições da segunda parte do teste (itens da segunda tarefa)

	Con1 Com SuN 2 Ant VP SuSu (17)	Con1 Com SuN 2 Ant VP SuSu (5)	Con2 Com SuN 2 Ant VS SuSu (44)	Con2 Com SuN 2 Ant VS SuSu (16)	Con3 Adv SuN 2 Ant VP SuSu (6)	Con3 Adv SuN 2 Ant VP SuSu (41)	Con4 Com SuN 2 Ant VP SuOb (34)	Con4 Com SuN 2 Ant VP SuOb (26)
Ipl1	su	su	su	sfa	su	su	su	su
Ipl2	sfa	su sfa	su	su	su	su	obj	su obj
Ipl3	sfa dis	su	su	su	su	su sfa		su obj dis
Ipl4	sfa	su sfa	su	su	su	dis	su	su
Ipl5	sfa	su	su	su	su	su	su	su
Ava1	su	su	su	su	su	su	su	su
Ava2	su	su	su	su	su sfa	su	su	su
Ava3	sfa	su sfa	sfa	su	su	sfa	obj	su
Ava4	su	su	su	su	su	su	su	su
Ava5	sfa	su	su sfa	su sfa	su	su	su	
Ava6	sfa	su	sfa	sfa	su	su	su	su
Ava7	sfa	su	sfa	su	su	su	su	su
Ava8	su	su	su	su	su	su	obj	obj
Ava9	su	su	su	su	su	su	su	su

Continuação da Tabela 44

	Con 5 Com SuN 2 Ant VS SuOb (24)	Con 5 Com SuN 2 Ant VS SuOb (19)	Con 6 Adv SuN 2 Ant VP SuOb (27)	Con 6 Adv SuN 2 Ant VP SuOb (39)	Con 7 Com SuN 2 Ant VP Quan (36)	Con 7 Com SuN 2 Ant VP Quan (12)
Ipl1	obj	obj	su	su	su	su
Ipl2	obj	obj	su obj	su obj	su	su
Ipl3	obj dis	obj dis	su obj	obj	su dis	su pp
Ipl4	su	su	su	su	su	dis
Ipl5	su	obj	su	obj	su	dis
Ava1	su	su	su obj	su	pp	pp dis
Ava2	su	su	su	su	pp	pp
Ava3	su	su	su	su obj dis	pp	pp
Ava4	su	su	su	su	su	su
Ava5	su	su	su	su	su	su
Ava6	obj	obj	su	su	pp	su
Ava7	su	su	su	su obj	su pp	pp
Ava8	su	obj	su	obj	pp	pp
Ava9	su	su	su	su	su	su

Continuação da Tabela 44

	Sub1 Com SuR 2 Ant VP SuSu (43)	Sub1 Com SuR 2 Ant VP SuSu (45)	Sub2 Com SuR 2 Ant VS SuSu (40)	Sub2 Com SuR 2 Ant VS SuSu (33)	Sub3 Adv SuR 2 Ant VP SuSu (32)	Sub3 Adv SuR 2 Ant VP SuSu (8)	Sub4 Com SuR 2 Ant VP SuOb (4)	Sub4 Com SuR 2 Ant VP SuOb (15)
Ipl1	su	su	sfa	su	su	sfa	su	obj
Ipl2	su	su	sfa	su	su	su	su obj	su obj
Ipl3	sfa	su sfa	sfa dis	su	su	su sfa	su obj	su
Ipl4	sfa	sfa	sfa	sfa	sfa	sfa	obj	obj
Ipl5	su	sfa	sfa	sfa	su	sfa	obj dis	su
Ava1	su sfa	su sfa	su sfa	su sfa	su sfa	su sfa	su obj dis	su obj
Ava2	su sfa	su sfa	sfa	su sfa	su sfa	sfa dis	su obj	su obj dis
Ava3	su	sfa	sfa	su	su	sfa	su obj dis	su obj dis
Ava4	sfa	su sfa	su sfa	su sfa	su sfa	sfa	su	su obj
Ava5	su	su sfa	sfa	su sfa	sfa	su	su obj	su obj
Ava6	su	sfa	sfa	su	su	su	su	su
Ava7	sfa	su	sfa	su	su	su	su obj	su
Ava8	su	su	sfa	su	su	sfa	obj	obj
Ava9	sfa	sfa	sfa	sfa	dis	sfa	obj	su

Continuação da Tabela 44

	Sub 5 Com SuR 2 Ant VS SuOb (31)	Sub 5 Com SuR 2 Ant VS SuOb (13)	Sub 6 Adv SuR 2 Ant VP SuOb (35)	Sub 6 Adv SuR 2 Ant VP SuOb (3)	Sub 7 Com SuR 2 Ant VP Quan (2)	Sub 7 Com SuR 2 Ant VP Quan (29)
Ipl1	su	obj	obj	su	pp	pp
Ipl2	su	obj	su	su obj	su	pp
Ipl3	obj dis	obj dis	su obj	su obj	pp	su
Ipl4	obj	obj	obj	obj	dis	pp
Ipl5	su	su obj	obj	obj	pp	pp
Ava1	su obj	su obj	su obj	su obj	pp	pp
Ava2	su obj dis	su obj dis	su obj	su obj	pp	pp
Ava3	obj	su obj dis	su obj	su obj dis	pp	pp
Ava4	su	su obj	su obj	su obj	su	su pp
Ava5	su	su obj	obj	su	pp	su pp
Ava6	su	su	su	su	su	su
Ava7	su	su	su	su obj	pp	pp
Ava8	su	obj	su	obj	pp	pp
Ava9	dis	dis	obj	obj	pp	dis

Anexo V Os padrões dos comportamentos individuais

Sumário da selecção do antecedente no sentido da secção 4.3 do capítulo 3 e os respectivos padrões dos informantes

1. Grupo de controlo

Tabela 45 Padrões do grupo de controlo nas condições de Sujeito nulo

	Sujeito matriz	Objecto e discursivo	Dupla	Padrão
Por1	19	1	0	Co-referência
Por2	19	1	0	Co-referência
Por3	17	0	3	Co-referência
Por4	19	1	0	Co-referência
Por5	18	2	0	Co-referência
Por6	19	1	0	Co-referência
Por7	19	1	0	Co-referência
Por8	19	0	1	Co-referência
Por9	19	0	1	Co-referência
Por10	18	1	1	Co-referência
Por11	17	3	0	Co-referência
Por12	15	2	3	Co-referência
Por13	20	0	0	Co-referência
Por14	16	0	4	Co-referência

Tabela 46 Padrões do grupo de controlo nas condições de Sujeito realizado

	Sujeito matriz	Objecto e discursivo	Dupla	Padrão
Por1	1	19	0	Disjunção
Por2	0	17	3	Disjunção
Por3	0	12	8	Flutuação
Por4	1	19	0	Disjunção
Por5	3	17	0	Disjunção
Por6	5	15	0	Disjunção
Por7	5	15	0	Disjunção
Por8	0	19	1	Disjunção
Por9	5	14	1	Disjunção
Por10	2	17	1	Disjunção
Por11	1	16	3	Disjunção
Por12	9	9	2	Flutuação

Por13	3	8	9	Flutuação
Por14	7	7	6	Flutuação

2. Grupo intermédio

Tabela 47 Padrões do grupo intermédio nas condições de Sujeito nulo

	Sujeito matriz	Objecto e discursivo	Dupla	Padrão
Int1	7	8	5	Flutuação
Int2	10	6	4	Flutuação
Int3	5	6	9	Flutuação
Int4	12	5	3	Co-referência
Int5	8	10	1	Flutuação
Int6	11	9	0	Flutuação
Int7	7	3	9	Flutuação
Int8	12	7	0	Flutuação
Int9	17	3	0	Co-referência
Int10	7	13	0	Flutuação
Int11	8	6	6	Flutuação
Int12	18	0	2	Co-referência
Int13	8	12	0	Flutuação
Int14	14	6	0	Co-referência

Tabela 48 Padrões do grupo intermédio nas condições de Sujeito realizado

	Sujeito matriz	Objecto e discursivo	Dupla	Padrão
Int1	5	7	8	Flutuação
Int2	4	12	4	Disjunção
Int3	14	3	3	Co-referência
Int4	12	4	4	Co-referência
Int5	7	12	1	Flutuação
Int6	4	9	7	Flutuação
Int7	7	4	9	Flutuação
Int8	10	10	0	Flutuação
Int9	5	15	0	Disjunção
Int10	5	15	0	Disjunção
Int11	7	7	6	Flutuação
Int12	10	7	3	Flutuação
Int13	7	13	0	Flutuação
Int14	13	7	0	Flutuação

3. Grupo de avançado

Tabela 49 Padrões do grupo avançado nas condições de Sujeito nulo

	Sujeito matriz	Objecto e discursivo	Dupla	Padrão
Ipl1	14	6	0	Co-referência
Ipl2	12	4	4	Co-referência
Ipl3	8	7	5	Flutuação
Ipl4	16	3	1	Co-referência
Ipl5	15	4	1	Co-referência
Ava1	17	2	1	Co-referência
Ava2	17	2	1	Co-referência
Ava3	12	6	2	Flutuação
Ava4	20	0	0	Co-referência
Ava5	12	1	6	Flutuação
Ava6	14	6	0	Co-referência
Ava7	15	3	2	Co-referência
Ava8	14	6	0	Co-referência
Ava9	20	0	0	Co-referência

Tabela 50 Padrões do grupo avançado nas condições de Sujeito realizado

	Sujeito matriz	Objecto e discursivo	Dupla	Padrão
Ipl1	13	7	0	Flutuação
Ipl2	14	3	3	Co-referência
Ipl3	6	8	6	Flutuação
Ipl4	0	20	0	Disjunção
Ipl5	7	10	3	Flutuação
Ava1	0	2	18	Dupla
Ava2	1	4	15	Dupla
Ava3	5	6	9	Flutuação
Ava4	3	2	15	Dupla
Ava5	6	4	10	Flutuação
Ava6	18	2	0	Co-referência
Ava7	14	4	2	Co-referência
Ava8	10	10	0	Flutuação
Ava9	1	19	0	Disjunção

4. Número de informantes que pertencem a cada padrão por grupos:

Tabela 51 Sumário dos padrões nas condições de sujeito nulo

	Co-referência	Flutuação
Intermédio	4	10

Avançado	11	3
Controlo	14	0

Tabela 52 Sumário dos padrões nas condições de sujeito realizado

	Co-referência	Disjunção	Flutuação	Dupla
Intermédio	2	3	9	0
Avançado	3	2	6	3
Controlo	0	10	4	0

Anexo VI Dados no teste em chinês por condições

1. Condições da primeira parte

1.1 Condições da terceira tarefa do teste

Tabela 53 Condição 1 NP complexo na posição de sujeito

Opções	Sujeito nulo		Sujeito realizado		Topicalização	
	Número de Respostas	Percentagem	Número de Respostas	Percentagem	Número de Respostas	Percentagem
Chineses	16/32	50%	18/32	56%	1/32	3%

Tabela 54 Condição 2 NP complexo na posição de objecto

Opções	Sujeito nulo		Sujeito realizado		Topicalização	
	Número de Respostas	Percentagem	Número de Respostas	Percentagem	Número de Respostas	Percentagem
Chineses	4/32	13%	28/32	88%	3/32	9%

Tabela 55 Condição 3 Adjunta adverbial com co-referência entre o sujeito de matriz e o sujeito nulo na ilha

Opções	Sujeito nulo		Sujeito realizado		Topicalização	
	Número de Respostas	Percentagem	Número de Respostas	Percentagem	Número de Respostas	Percentagem
Chineses	30/32	94%	2/32	6%	1/32	3%

Tabela 56 Condição 4 Adjunta adverbial com referência disjunta entre o sujeito de matriz

e o sujeito nulo da ilha

Opções	Sujeito nulo		Sujeito realizado		Topicalização	
	Número de Respostas	Percentagem	Número de Respostas	Percentagem	Número de Respostas	Percentagem
Chineses	3/32	9%	29/32	91%	0/32	0%

Tabela 57 Distractor 1 NP complexo com objecto nulo e realizado

Opções	Objecto nulo		Objecto realizado		Topicalização	
	Número de Respostas	Percentagem	Número de Respostas	Percentagem	Número de Respostas	Percentagem
Chineses	8/32	25%	26/32	81%	3/32	9%

Tabela 58 Distractor 2 Adjunta adverbial com objecto nulo e realizado

Opções	Objecto nulo		Objecto realizado		Topicalização	
	Número de Respostas	Percentagem	Número de Respostas	Percentagem	Número de Respostas	Percentagem
Chineses	9/32	28%	21/32	66%	2/32	6%

1.2 Condições na segunda tarefa do teste

Tabela 59 Condição 5 Leitura estrita e imprecisa em frases completivas elípticas (no segundo termo da coordenação)

opções	Estrita		Imprecisa (sloppy)		Outra		Agramatical	
	Número de respostas	Percentagem	Número de respostas	Percentagem	Número de respostas	Percentagem	Número de respostas	Percentagem
Chineses	10/32	31%	25/32	78%	4/32	13%	0/32	0%

Tabela 60 Subcondição 5 Leitura estrita e imprecisa em frases completivas elípticas (no

segundo termo da coordenação) com topicalização

opções	Estrita		Imprecisa (sloppy)		Sujeito matriz		Agramatical	
	Número de respostas	Percentagem	Número de respostas	Percentagem	Número de respostas	Percentagem	Número de respostas	Percentagem
Chineses	8/32	25%	17/32	53%	6/32	19%	5/32	16%

Tabela 61 Condição 6 Frase completiva de sujeito nulo com antecedente repartido

Opções	Sujeito		Objecto		Repartido		Agramatical	
	Número de respostas	Percentagem	Número de respostas	Percentagem	Número de respostas	Percentagem	Número de respostas	Percentagem
Chineses	9/32	28%	5/32	16%	25/32	78%	0/32	0%

2. Condições na segunda parte

2.1 Condições na primeira tarefa do teste

Tabela 62 Condição 1 Frase completiva com sujeito omitido e um antecedente referido no discurso (verbo pleno)

Posição do antecedente	Sujeito		No discurso		Agramatical	
	Número de respostas	Percentagem	Número de respostas	Percentagem	Número de respostas	Percentagem
Chineses	20/32	63%	4/32	13%	9/32	28%

Tabela 63 Subcondição 1 Frase completiva com sujeito pronominal realizado e um antecedente referido no discurso (verbo pleno)

Posição do antecedente	Sujeito		No discurso		Agramatical	
	Número de respostas	Percentagem	Número de respostas	Percentagem	Número de respostas	Percentagem

Chineses	22/32	69%	19/32	59%	0/32	0%
----------	-------	-----	-------	-----	------	----

Tabela 64 Condição 2 Frase completiva com sujeito omitido e um antecedente referido no discurso (verbo *ser*)

Posição do antecedente	Sujeito		No discurso		Agramatical	
	Número de respostas	Porcentagem	Número de respostas	Porcentagem	Número de respostas	Porcentagem
Chineses	4/32	13%	5/32	16%	27/32	84%

Tabela 65 Subcondição 2 Frase completiva com sujeito pronominal realizado e um antecedente referido no discurso (verbo *ser*)

Posição do antecedente	Sujeito		No discurso		Agramatical	
	Número de respostas	Porcentagem	Número de respostas	Porcentagem	Número de respostas	Porcentagem
Chineses	26/32	81%	13/32	41%	2/32	6%

Tabela 66 Condição 3 Frase adjunta adverbial com sujeito omitido e um antecedente referido no discurso

Posição do antecedente	Sujeito		No discurso		Agramatical	
	Número de respostas	Porcentagem	Número de respostas	Porcentagem	Número de respostas	Porcentagem
Chineses	31/32	97%	0/32	0%	1/32	3%

Tabela 67 Subcondição 3 Frase adjunta adverbial com sujeito realizado e um antecedente referido no discurso

Posição do antecedente	Sujeito		No discurso		Agramatical	
	Número de respostas	Percentagem	Número de respostas	Percentagem	Número de respostas	Percentagem
Chineses	29/32	91%	5/32	16%	0/32	0%

2.2 Condições na segunda tarefa do teste

Tabela 68 Condição 1 Frase completiva de sujeito omitido com dois antecedentes referidos no discurso ambos na posição de sujeito (com verbo pleno)

Posição do antecedente	Sujeito matriz		Sujeito na frase anterior		No discurso		Agramatical	
	Número de respostas	Percentagem	Número de respostas	Percentagem	Número de respostas	Percentagem	Número de respostas	Percentagem
Chineses	24/32	75%	13/32	41%	3/32	9%	2/32	6%

Tabela 69 Subcondição 1 Frase completiva de sujeito pronominal realizado com dois antecedentes referidos no discurso ambos na posição de sujeito (com verbo pleno)

Posição do antecedente	Sujeito matriz		Sujeito na frase anterior		No discurso		Agramatical	
	Número de respostas	Percentagem	Número de respostas	Percentagem	Número de respostas	Percentagem	Número de respostas	Percentagem
Chineses	19/32	59%	15/32	47%	3/32	9%	0/32	0%

Tabela 70 Condição 2 Frase completiva de sujeito omitido com dois antecedentes referidos no discurso ambos na posição de sujeito (com verbo *ser*)

Posição do antecedente	Sujeito matriz		Sujeito na frase anterior		No discurso		Agramatical	
	Número de respostas	Percentagem	Número de respostas	Percentagem	Número de respostas	Percentagem	Número de respostas	Percentagem
Chineses	4/32	13%	5/32	16%	1/32	3%	23/32	72%

Tabela 71 Subcondição 2 Frase completiva de sujeito pronominal realizado com dois antecedentes referidos no discurso ambos na posição do sujeito (com verbo *ser*)

Posição do antecedente	Sujeito matriz		Sujeito na frase anterior		No discurso		Agramatical	
	Número de respostas	Percentagem	Número de respostas	Percentagem	Número de respostas	Percentagem	Número de respostas	Percentagem
Chineses	16/32	50%	20/32	63%	2/32	6%	5/32	16%

Tabela 72 Condição 3 Frase adjunta adverbial de sujeito omitido com dois antecedentes referidos no discurso ambos na posição de sujeito

Posição do antecedente	Sujeito matriz		Sujeito na frase anterior		No discurso		Agramatical	
	Número de respostas	Percentagem	Número de respostas	Percentagem	Número de respostas	Percentagem	Número de respostas	Percentagem
Chineses	27/32	84%	3/32	9%	1/32	3%	2/32	6%

Tabela 73 Subcondição 3 Frase adjunta adverbial de sujeito pronominal realizado com dois antecedentes referidos no discurso ambos na posição de sujeito

Posição do antecedente	Sujeito matriz		Sujeito na frase anterior		No discurso		Agramatical	
	Número de respostas	Percentagem	Número de respostas	Percentagem	Número de respostas	Percentagem	Número de respostas	Percentagem
Chineses	20/32	63%	16/32	50%	5/32	16%	2/32	6%

Tabela 74 Condição 4 Frase completiva de sujeito omitido com dois antecedentes referidos no discurso, um na posição de sujeito e outro na de objecto indireto (com verbo pleno)

Posição do antecedente	Sujeito		Não sujeito (objecto)		No discurso		Agramatical	
	Número de respostas	Percentagem	Número de respostas	Percentagem	Número de respostas	Percentagem	Número de respostas	Percentagem
Chineses	10/32	31%	19/32	59%	1/32	3%	8/32	25%

Tabela 75 Subcondição 4 Frase completiva com sujeito pronominal realizado com dois antecedentes referidos no discurso, um na posição de sujeito e outro na de objecto

indireto (com verbo pleno)

Posição do antecedente	Sujeito		Não sujeito (objecto)		No discurso		Agramatical	
	Número de respostas	Percentagem	Número de respostas	Percentagem	Número de respostas	Percentagem	Número de respostas	Percentagem
Chineses	29/32	91%	14/32	44%	8/32	25%	0/32	0%

Tabela 76 Condição 5 Frase completiva de sujeito omitido com dois antecedentes referidos no discurso, um na posição de sujeito e outro na do objecto indirecto (com verbo *ser*)

Posição do antecedente	Sujeito		Não sujeito (objecto)		No discurso		Agramatical	
	Número de respostas	Percentagem	Número de respostas	Percentagem	Número de respostas	Percentagem	Número de respostas	Percentagem
Chineses	5/32	16%	9/32	28%	1/32	3%	18/32	56%

Tabela 77 Subcondição 5 Frase completiva com sujeito pronominal realizado com dois antecedentes referidos no discurso, um na posição de sujeito e outro na de objecto indirecto (com verbo *ser*)

Posição do antecedente	Sujeito		Não sujeito (objecto)		No discurso		Agramatical	
	Número de respostas	Percentagem	Número de respostas	Percentagem	Número de respostas	Percentagem	Número de respostas	Percentagem
Chineses	27/32	84%	15/32	47%	6/32	19%	0/32	0%

Tabela 78 Condição 6 Frase adjunta adverbial de sujeito omitido com dois antecedentes referidos no discurso, um na posição de sujeito e outro na de objecto indirecto

Posição do antecedente	Sujeito		Não sujeito (objecto)		No discurso		Agramatical	
	Número de respostas	Percentagem	Número de respostas	Percentagem	Número de respostas	Percentagem	Número de respostas	Percentagem
Chineses	27/32	84%	3/32	9%	2/32	6%	0/32	0%

Tabela 79 Subcondição 6 Frase adjunta adverbial de sujeito pronominal realizado com dois antecedentes referidos no discurso, um na posição de sujeito e outro na de objecto indirecto

Posição do antecedente	Sujeito		Não sujeito (objecto)		No discurso		Agramatical	
	Número de respostas	Porcentagem	Número de respostas	Porcentagem	Número de respostas	Porcentagem	Número de respostas	Porcentagem
Chineses	23/32	72%	6/32	19%	6/32	19%	3/32	9%

Tabela 80 Condição 7 Frase completiva de sujeito omitido com antecedente quantificado na matriz

Posição do antecedente	Sujeito		Não sujeito (PP possessivo)		No discurso		Agramatical	
	Número de respostas	Porcentagem	Número de respostas	Porcentagem	Número de respostas	Porcentagem	Número de respostas	Porcentagem
Chineses	8/32	25%	10/32	31%	6/32	19%	11/32	34%

Tabela 81 Subcondição 7 Frase completiva de sujeito pronominal realizado com antecedente quantificado na matriz

Posição do antecedente	Sujeito		Não sujeito (PP possessivo)		No discurso		Agramatical	
	Número de respostas	Porcentagem	Número de respostas	Porcentagem	Número de respostas	Porcentagem	Número de respostas	Porcentagem
Chineses	2/32	6%	29/32	91%	9/32	28%	0/32	0%